

COLEÇÃO APLAUSO TEATRO BRASIL

MEMÓRIADA  
CARROÇA DE OURO

A CARROÇA DOS SONHOS  
E O SALTIMBANCOS

ROBERTO NOGUEIRA

Imprensa Oficial

**A Carroça do Sonho e os Saltimbancos**

**Memória da Carroça de Ouro**



**A Carroça do Sonho e os Saltimbancos**

**Memória da Carroça de Ouro**

Organização, Seleção de textos, Notas e  
Roteiro Fotográfico Roberto Nogueira

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

**i**mprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo  
Diretor-presidente Hubert Alquéres

**Coleção Aplauso**

Coordenador-Geral Rubens Ewald Filho

## No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

**Alberto Goldman**

Governador do Estado de São Paulo

## Coleção Aplauso

*O que lembro, tenho.*  
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

**Hubert Alquéres**

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



*Dedicado a  
Maria Antonia Coutinho e  
Ana Ester C. Muralha*

*In Memoriam de  
Antônio Fernandes  
Cleibe Dias  
Luiz Siqueira  
José Antônio Bailo (Tony Rod)  
Luiz Simonetti  
Paulo Campana  
Zélia Silva  
Fernando Muralha*



## Introdução

Sinto-me honrada em apresentar este trabalho de memória, organizado pelo ator Roberto Nogueira. Ele reconstitui, parcialmente, a importante e longa trajetória do diretor de teatro Fernando Muralha, que atuou no Brasil por mais de vinte anos com a Cia. Teatral Carroça de Ouro, e também na Europa e África.

Este documentário, intitulado *Os Últimos Saltimbancos*, põe em relevo a experiência teatral bem sucedida da Carroça de Ouro, contendo, além do relato do ator Roberto Nogueira, depoimentos de 32 atores, 15 resenhas críticas publicadas pela imprensa e algumas fotos de encenações e das viagens.

13

Há também a inserção intencional de três textos poéticos dos autores Florbela Espanca, Neusa Cardoso e Sidónio Muralha, todos escolhidos por Roberto Nogueira.

Mas, qual a função desses poemas no documentário? O de Florbela Espanca recorda a iniciação poética dos atores com o mestre Fernando Muralha:

*... aqui fiquei  
à tua espera,  
quebra-me o encanto.*

Obviamente, refletir sobre Florbela Espanca é um enriquecimento cultural muito grande e, sem querer minimizar a menção de seus versos neste documentário, acredito que é válida a pergunta:

Não seria parte da missão dos atores quebrar o *encanto* (feitiço) das consciências dos espectadores, despertando-as para a realidade mágica do teatro?

O de Sidónio Muralha, poeta e autor de uma das peças encenadas pela Carroça de Ouro (*Valéria e a Vida*), além de justa homenagem, parece-me estar relacionado à obstinação do diretor Fernando Muralha e seus atores em fazer teatro:

14

*Parar. Parar não paro.  
Esquecer. Esquecer não esqueço.  
Se caráter custa caro,  
pago o preço.*

E o poema *Profissão de Fé*, o que faz nesse texto?<sup>1</sup> Peço licença aos leitores para tentar explicar as possíveis intenções de Nogueira ao publicar esse texto, que foi extraído do meu terceiro livro de Poesia, o *Safadezas*.

---

<sup>1</sup> Ver o texto do poema na íntegra no final da introdução.

O poema *Profissão de Fé*, com o qual o organizador tanto se identifica e que o inspirou a escrever uma peça sobre *Anita Malfatti*, registra a minha poética, traduz meu pensamento estético e coloca o corpo, isto é, o ser humano, como a base de todo o pensamento estético e toda a filosofia.

Se existe alma, então, o corpo é o templo onde ela habita e, como tal, é merecedor da mais profunda reverência. Da tradição greco-romana aos nossos dias, das esculturas, pinturas, à fotografia, todas as artes plásticas, inclusive a arquitetura, e em todas as artes, tudo foi e é pensado em função do corpo.

É também o corpo – da mulher, do negro, do índio, do homossexual, do judeu, do homem pobre – que recebe as discriminações sociais. E é por meio dele que nos libertamos, nos expressamos, trabalhamos e transformamos o mundo. E por que Nogueira se identifica tanto com essa posição privilegiada dada ao corpo? É porque o corpo do ator dá *alma* aos personagens, o corpo é o centro da manifestação da vida em um palco.

E quem é que se apresenta ao público *com a cara e a coragem/ do corpo tecido exposto/ que vai manchando de vida o poema?* O ator, os artistas, principalmente os que dão a vida inteira por um ideal.

*O desconforto de eu estar no mundo pode ser constatado nos seguintes trechos extraídos de alguns depoimentos:*

*Em Ubaitaba-BA, Marilena ficou acamada. Nasceu um furúnculo na perna, próximo à nádega... Uma pequena cirurgia teve de ser realizada. Mesmo assim, Marilena não interrompeu nenhum espetáculo... Era carregada no colo por mim e a representação era feita suavemente para não abrir os pontos. Mas, apesar de todo o cuidado, romperam-se, e tudo foi feito novamente.*

#### **Roberto Nogueira sobre a atriz Marilena**

16

*Tadeu... Num belo dia de cuca cheia, ao dar uma pirueta no meio do espetáculo, sua ponte dentária foi parar na plateia. Ele deu um salto atrás dela como se voasse, caiu no meio do público, pegou-a, levou-a à boca disfarçadamente...*

#### **Valter Mendonça sobre Tadeu**

*Minha lente de vez em quando caía e, quando isso acontecia, todo o elenco ficava parado, dando o texto, mas sem sair do lugar, e ao mesmo tempo procurando a lente. Quando alguém do*

*palco a achava, gritava: Achei!, e todos caíam na gargalhada.*

**Liz Nunes**

Isso, sem contar com o pavor das atrizes quando se deparavam com aranhas enormes. Era o sofrimento deles todos, mambembeando numa Kombi pelo País, dormindo mal, com alimentação precária, e tendo problemas na voz de tanto engolir a poeira das estradas.

Há, ainda, um acréscimo a ser feito aos esclarecimentos sobre a inserção do meu poema acima citado. É preciso contextualizar as experiências: parte significativa de minha formação estética e poética deu-se no mesmo período em que militava com brilho o diretor Fernando Muralha. Eu pertencia ao movimento criado em São Paulo pelo poeta Lindolf Bell, que nos ensinava que a poesia deveria ocupar todos os espaços possíveis: praças, bares, auditórios, palcos improvisados, etc. Era a proposta cultural dos anos 1960 e 1970. Para Lindolf Bell, a poesia era necessária tanto quanto o pão: todos deveriam ter acesso ao poema. Além disso, participei de alguns encontros do movimento de revitalização do legado cultural de Federico Garcia Lorca, que a repressão cultural tratou logo de destruir. Tendo explicitado a função do poema

*Profissão de Fé*, e falado um pouco sobre aquele contexto cultural, voltemos à Carroça de Ouro.

Para entender esse documentário, do ponto de vista teatral, bastaria que lêssemos a apreciação crítica de Sábato Magaldi e teríamos uma idéia justa e precisa do que foi essa modalidade de representação por meio da Carroça. Cito um pequeno trecho do renomado crítico de arte:

18

*A maioria dos atores sabe encarnar as máscaras tradicionais do gênero com um rendimento surpreendente, se se lembrar a sua inexperiência e a nossa falta de tradição em desempenhos desse tipo (a Commedia Dell'Arte). Talvez a explicação do fenômeno esteja em que os atores, por vocação, trazem no sangue a herança de um teatro autêntico, que apela para sua necessidade de utilizar todos os recursos do corpo.*

Cabe destacar que os *recursos do corpo* foram bem apresentados pelos esmerados figurinos de Gláucia Amaral e valorizados pelo trabalho de Yellê Bittencourt.

## **Função Social do Teatro**

A opção de Fernando Muralha revela que esse diretor é conscientemente engajado no seu trabalho:

*O teatro é uma arte do povo para o povo, só com esse sabor ele é autêntico. Como um barômetro, ele registra a elevação e a decadência de um povo. Não há crise no teatro, e sim na sociedade. Além disso, deve-se admitir que no Brasil ele está destinado à burguesia, portanto, a uma parte mínima da população, o que não é gratificante para nenhum artista.*

Com as apresentações da Carroça de Ouro em praça pública, os atores tiveram possivelmente a melhor experiência de suas vidas, e são testemunhas do poder transformador da cultura.

Os depoimentos dos atores atestam que a Carroça de Ouro, além de modificar a vida deles próprios, mudou os horizontes culturais de muita gente.

19

*Meu coração disparava quando via caminhões de boias-frias pararem nas praças, e aquele povo maravilhoso apoiando os queixos nas enxadas, transformando a expressão cansada em rosto de criança.*

**Valéria di Pietro**

*A força dessa memória é recíproca: marcamos e ficamos marcados para sempre.*

**Eliná Coronado**

*... Era emocionante! Temos conhecimento de que, após a passagem da Carroça, alguns grupos de teatro se formaram em cidades do interior.*

**Fátima Ribeiro**

20 A própria Valéria di Pietro, que passou com a Carroça de Ouro em Santa Cruz do Rio Pardo, em São Paulo, ao retornar a essa cidade muitos anos depois para dar aulas de teatro, foi recebida pelo agente cultural local e organizador do curso de teatro, um jovem chamado Jairo. Conversando um pouco com ele, descobriu que, aos 8 anos de idade, Jairo tinha visto a Carroça passar por lá e, encantado pelo espetáculo, decidiu que também se dedicaria às atividades culturais.

De todos os atores que foram dirigidos por Fernando Muralha, e foram muitos, Roberto Nogueira teve o mérito de recolher esse material, reunindo as pessoas em torno de um projeto que mudou suas vidas e que mereceu ser transformado em livro.

A todos os integrantes da Carroça de Ouro, nossos cumprimentos e aplausos calorosos por terem escrito essa página tão importante da história do teatro brasileiro.

**Neusa Cardoso**

Rio de Janeiro, 5 de abril de 2006

### ***Profissão de Fé***

*Minha poesia é minha carne,  
inútil procurá-la fora do corpo.  
Do corpo que é a base sem a qual  
nenhuma ideologia frutifica,  
nenhuma estética se elabora  
E a transcendência não teria  
nenhuma razão de ser.*

*É meu corpo que primeiro sofre  
a discriminação  
e o desconforto de eu estar no mundo.  
Também é ele que filtra  
as emoções mais lindas,  
as mais humanas alegrias  
a que todo mundo tem direito.*

21

*O pensamento vai conduzindo  
o corpo  
para o centro da vida,  
lugar onde o poeta deve estar.  
Com a cara e a coragem  
do corpo, tecido exposto  
que vai manchando de vida o poema.*

**Neusa Cardoso**



# Capítulo I

## Abertura

### Aviso aos Navegantes

*O teatro é como o mar, joga fora  
tudo que não lhe pertence.*

**Fernando Muralha**

### O Público

Era na sua maior parte de Adolescentes e Crianças

23

### A Carroça do Sonhos

Era das Crianças

Já faz algum tempo que a carroça que fazia sonhar passou por aqui, há quem diga que ela desapareceu...

Era uma antiga carroça de lixo puxada por burros, abandonada nos depósitos da prefeitura. Mas um português a viu, começou a sonhar (vamos fazer uma boa limpeza, enfeitá-la com algumas florzinhas, umas bandeirolas, lanças, vamos raspar a madeira do assoalho, porque nelas vamos dançar em pontas, cantar e prin-

principalmente representar, vamos pôr no papel o projeto, porque este sonho custa caro, mas sonho é sonho e não custa nada sonhar) e lá foi o de porta em porta apresentar seu sonho. Falava nele com tanta veemência, que o sonho foi crescendo, brotando em todas as que dele tomavam conhecimento.

Os homens da cultura mandaram imediatamente o projeto do sonho para os homens da arte o executarem. Corre daqui, corre dali, o sonho virou realidade, uma carroça velha ficou nova e cheia de alegorias. Quem a via, ria, parecia coisa de carnaval, um belo palco vira uma escola porque muitos atores se formaram nela. E o português lá de cima dizia: *Aqui serei o burro e o meu trabalho é para os brasileiros que são muito espertos. Antes que digam que sou burro, já estarei na pele dele, e do arauto, que também é um desclassificado.* E assim, pela sua batuta, iam surgindo todos os personagens da Commedia Dell'Arte, os aristocratas, os ricos, os pobres e os desclassificados.

*Compra-se Mentiras e Verdades* (1) era o espetáculo da Carroça de Ouro a desbravar o Brasil de norte a sul, uma Carroça de Sonho, como era também chamada, a levar de praça em praça o ouro da cultura, o teatro. E vieram outros trabalhos (2): *Quem tem um Rabo para o Diabo, O*

*Nariz onde é que Fica, Valéria e a Vida*, etc. Todos diziam *lá vai o português a puxar sua carroça*, e o sonho durou mais de 25 anos, até que o português resolveu que seria Santo Antônio no Sermão aos Peixes (3), empurrando uma canoa e dialogando com São Francisco nas ribanceiras dos rios, perguntando aos peixes por que os homens destroem tudo?

Era preciso sonhar novamente para limpar as águas e gerar vida nos rios, mas uma vida era pouco para tão grande sonho, que o português se foi, mas deixou o sonho gravado por onde passou, numa Carroça de Ouro (sonho) e num Barco de Esperança.

25

(1) *Compra-se Mentiras e Verdades*, de Costa Ferreira e Francisco Ribeiro

(2) *Quem tem um Rabo para o Diabo e O Nariz onde é que Fica*, de Thais de Almeida Dias e Fernando Muralha e *Valéria e a Vida*, de Valéria Di Pietro.

(3) *Sermão aos Peixes*.



*Fernando em Quem Tem um Rabo para o Diabo*



*Compram-se Verdades e Mentiras: Sonia César, Cláudio Luchesi, Cleusa Dias (acima); Mayra de Castro, Paulo Azevedo e Cláudio Luchesi (abaixo, esquerda); e Antonio Fernandes (abaixo, direita)*

**Era uma Vez...**

## **Um Homem e sua Carroça do Sonho**

*Um Homem Atrelado ao seu Sonho*

**Fernando Muralha por Roberto Nogueira**

28

Fernando Muralha sempre foi um sonhador incorrigível. Quando nasceu, veio atrelado ao sonho, e o sonho era caminho de visionário. Quis a nossa sorte que esse navegante aportasse em terras tão distantes e repartisse conosco sua forma de viver humana e humilde, cujo propósito era levar a poesia do teatro aos mais necessitados, aos mais abandonados. Quis o destino que nossos caminhos se cruzassem no mesmo ideal quando em 1974 fui contratado para trabalhar com ele, que já havia atuado na Europa, na África e no Brasil, o que o transformou no artista dos três continentes. Aqui permaneceria por mais de 20 anos à frente da Carroça de Ouro, um teatro móvel, capaz de penetrar o sertão do país, desvendar o ouro da cultura e realizar um sonho sobre rodas. Seu projeto era o desafio de levar o teatro às cidades onde não se sabia da existência de uma casa de espetáculos, que tivesse a força de trazer o povo de volta às ruas e às praças. Uma volta ao velho hábito, sufocado pela mão forte de um

sistema que parecia não ter fim, um sonho que os brasileiros acalentavam e que hoje é só uma lembrança... Um constrangimento.

Projeto itinerante que nos fazia repensar para que plateia deveríamos representar, conscientizados por ele de que uma pequena e elitista camada não era o nosso verdadeiro público. E assim, despojados de qualquer glamour, embarcamos no sonho, engajados e conscientes em desbravar o país, deixando um pouco de fantasia embuída de poesia, para aliviar a dor de dias tão difíceis e constrangedores, tempos da ditadura militar. Éramos os últimos saltimbancos do século, andarilhos de um caminho tortuoso e difícil para quem pretende levar cultura a lugares tão distantes e desprovidos de casas de espetáculos. Fernando vibrava com esse contato, que o enchia de felicidade quando via nosso povo pedir para tocar viola em cima da carroça, ou quando alguém tentava defender os personagens entrando em cena, fazendo parte dela. Uma integração de palco e plateia que contagiava a população de pequenas e grandes cidades, onde ele dizia que a Carroça era do povo, e nunca duvidamos disso.

Era um homem corajoso, que enfrentava a burocracia de prefeituras, como empresário de pulso firme na realização de seu ideal, e não se

cansava diante de recusas e indecisões. Sabia dos seus objetivos e conhecia o tamanho do seu sonho. Muralha percorreu 17 Estados do Brasil, por diversas rotas que foram denominadas de poemas do nosso cancionero. Seria impossível medir em quilômetros essa empreitada, porque atravessamos cidades soterradas e que desapareceram do mapa, cobertas pelas águas de uma siderúrgica. Era um Brasil descoberto e carente de conhecimentos, aberto para novos contatos, que Fernando transformava em festa, admiração, reconhecida por prefeitos em cartas de agradecimento e estima. Documentos emitidos pelas prefeituras, nos quais constavam o local, o número de espectadores, pareceres sobre os espetáculos<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> Trechos das cartas de Cachoeiro de Itapemirim/ES (25/11/74): *Esteve conosco a Carroça de Ouro, espetáculo que despertou vivo interesse da população, tendo, na Praça Jerônimo Monteiro, concentrado cerca de 4.000 pessoas.* Governador Valadares-MG (17/11/74): *Teatro de alto gabarito, o excepcional desempenho dos artistas foi um presente digno que o povo de Governador Valadares recebeu do ministro da Educação e Cultura.* Caruaru-PE (07/11/74): *Apresentação nessa cidade do grupo teatral Carroça de Ouro, cuja peça encenada, Compram-se Mentiras e Verdades, expressou a beleza da nossa arte e a cultura da nossa gente. Aproveitamos o ensejo e parabenizamos o grande elenco, desejando sucesso, difundindo cada vez os objetos educacionais na construção de um mundo melhor.*

inclusive de intelectuais<sup>3</sup>, artistas e da população de cada cidade onde o sonho foi plantado, conforme depoimento da atriz Valéria di Pietro: *Depois de alguns anos voltei às cidades para dar aula de teatro onde havia me apresentado com a Carroça, e constatei que o sonho plantado por nós era colhido agora em grupos de teatro.*

*O teatro é como o mar, joga fora tudo o que não lhe pertence,* eram as palavras de um diretor

---

<sup>3</sup> João Apolinário – *Folha de S. Paulo* (20/07/73): *Esta carroça leva bom teatro para o povo – A idéia da Carroça de Ouro é muito feliz, sob todos os pontos de vista, primeiro: o aproveitamento de uma antiga carroça de coletar lixo, transformada em palco, na melhor tradição dos saltimbancos.* Edílson Torres – *Revista O Cruzeiro* (30/10/74): *Encontramos na Carroça de Ouro talento, disciplina e amor ao teatro, mostrados pelos atores. Direção segura e persistência de um português chamado Fernando Muralha, que dedicou toda sua vida à arte.* Sábato Magaldi – *OESP* (20/06/73): *O Teatro que anda, mais do que nunca à procura de seu público está capacitado a empreender com a carroça uma permanente festa popular.* Paulo Bonfim: *Uma história aparentemente simples, mas sofisticadíssima, com o charme da Commedia Dell’Arte.* José Campello Nogueira – *Ofício 491/85 (SPF)*: *As referências elogiosas a essas demonstrações de arte, quer através de correspondências oficiais, quer por meio de recortes de jornais e outras publicações, atestam de forma eloquente e indesmentível a seriedade e o apurado nível artístico dessas encenações.* José Felício Castellano (20/11/99): *A integração teatral e cultural de grande parte da pátria brasileira.*

que não se cansava de substituir jovens atores, e não foram poucos os que passaram pela Carroça, transformando-a na maior escola de teatro a céu aberto. Um trabalho incansável, que ele defendia com sabedoria e qualidade, porque foram milhares de espetáculos por todo o Brasil. *Esta é minha vida, meu mundo*, dizia ele. *Sou um cigano, gosto de estar cada dia numa cidade, quanto mais distante, melhor. Adoro conhecer gentes, elas me enchem de ternura quando chegam à Carroça, ao pé de mim, admirados e me perguntam: É teatro? Amanhã tem mais? Minha admiração vem junto com o sonho que foi realizar esse trabalho no início de minha carreira, porque a Carroça sempre foi um começo, nunca o fim de uma etapa de vida.*

*Minha poesia é minha carne,  
Inútil procurá-la fora do corpo.  
Do corpo que é a base sem a qual  
Nenhuma ideologia frutifica,  
Nenhuma estética se elabora<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Trecho do Poema *Profissão de Fé* (do livro *Safadezas*, de Neusa Cardoso, poeta, jornalista e editora da *Revista Geratriz*, na qual consta a reportagem *O Teatro Itinerante da Carroça* – Edusp, que é para mim o credo da profissão do artista, e que define o sonho de Fernando atrelado à poesia.

A energia desse homem era impressionante, porque além de acumular os cargos de ator, diretor e empresário, ainda lhe sobrava tempo para a poesia, e eram inúmeros os poemas declamados por ele. Em meio a noites enlustradas, com voz aveludada e cheia de ternura, nos brindava com poesia, em especial a obra do irmão Sidónio Muralha, o *trovador das crianças*, que ele tanto admirava. Poeta, escritor, autor de *Valéria e a Vida*, trabalho executado por ele em 1987 com grande sucesso. Mas a lista dos poetas era grande: Camões, Fernando Pessoa, Florbela Espanca e tantos outros. Era uma aptidão nata para dizer poemas, coisas do sangue, que ficaram pregadas em nossa memória para sempre.

33

Era um homem refinado e elegante que não sabia ferir ninguém, sempre de bom humor, mesmo diante de uma adversidade ele tirava proveito da situação. Dizia: *O que seria da rosa se não houvesse espinhos para protegê-la?*, e assim transformava em divertimento os imprevistos do palco, uma paixão, uma lição de vida. Conviver com ele era aprender, pois determinava a montagem do palco, o cenário, a disposição das luzes, dos microfones, a música que atraía o público, o contato com as prefeituras, a disposição dos atores em acomodações. Um homem múltiplo, que transformava-se no ator, misturado aos seus

artistas à noite, quando tudo podia acontecer em alegria aos imprevistos do palco. São muitas as histórias, afinal só é rico quem as tem para contar, e nesse ponto Fernando era campeão. O teatro pode seguir os mais tortuosos caminhos, os caminhos que quiser, mas tudo cansa, tudo passa, e ele sempre retorna à sua origem: o teatro rural<sup>5</sup>. E, por essa preocupação com o homem do campo, ele montou: *Quem tem um Rabo para o Diabo?*, e *O Nariz Onde é que Fica?*, em parceria com Taís de Almeida Dias<sup>6</sup>. E a *Trilogia das Barcas*, montagem dos autos de Gil Vicente, junção das barcas do Inferno, da Glória e do Purgatório, comentários em versos musicados por Sidónio Muralha, apresentados por um violeiro. Adaptação livre e atualizada. O sucesso desse trabalho o leva a montar o *Auto do Cântico da Esperança*, baseado no *Sermão aos*

---

<sup>5</sup> Trabalho realizado para trabalhadores rurais, especialmente boias-frias, que visava à conscientização do homem do campo diante das adversidades do seu trabalho.

<sup>6</sup> Poeta, escritora e dramaturga, grande conhecedora do folclore brasileiro. Primeira mulher a ser diretora da Rádio Roquete Pinto, do Rio de Janeiro, e produtora da Rádio e TV Cultura em São Paulo, coautora das duas comédias musicais que ficaram em cartaz na Carroça de Ouro por mais de quatro anos.

*Peixes*, de Santo Antônio, e também no célebre *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis. Com Fernando no papel de Santo Antônio, é apresentado ao ar livre e depois dentro dos rios, em uma barca que descia o Rio Piracicaba até o Largo dos Pescadores, utilizando cidades ribeirinhas como palco. Esse trabalho teve coautoria do escritor e teólogo Lency Smaniotto e a participação dos artistas das cidades visitadas, com 25 atores figurantes, usando máscaras, trajes e adereços de Quincas Neto para representar o estrago ambiental provocado pelo homem. Em Piracicaba o núcleo de teatro da Unimep participou da montagem.

35

Paralelamente a todo esse trabalho, havia sempre uma preocupação com as crianças e o teatro infantil. Foi assim com *Valéria* e *A Vida*, utilizando um conto do irmão Sidônio Muralha, ou *Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto*, trabalho realizado dentro das bibliotecas públicas, que transformou-se em mania nacional, e *A Formiguinha Convencida*, numa encenação especial, dando um sentido de vida para que as crianças entendessem os objetos dos museus. Uma brincadeira intitulada *Um Tesouro do Museu*, que ocupava espaços ociosos em benefício do lazer e da cultura. Afora isso, realizou com os padres franciscanos *A Vida Prevalece Apesar do*

*que Acontece*, em parceria com Frei Lency Smaniotto, além de fomentar grupos de teatro com jovens da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba, que forma agrônomos, e se divertir dizendo que os faz andar nas nuvens, os faz sair do chão. Dirigiu também teatro em escolas secundárias e faculdades, patrocinado pela Secretaria de Cultura.

Nas bibliotecas do Estado de São Paulo, acompanhou duas exposições itinerantes: *Viagens Portuguesas ao Encontro das Civilizações*, teatro palestra em que o ator descrevia as rotas marítimas, e *Fernando Pessoa à Beira-Rio... à Beira Mágoa...* roteiro de Maria Helena Garcez, em que recitava poemas de Pessoa.

36

Diretor de grandes profissionais, ele se orgulhava de ter sido o último diretor do maior palhaço do País, *O Piolim*. Com uma energia fantástica, ainda lhe sobrava tempo para ser diretor de assuntos culturais da Casa de Portugal sediada em São Paulo e diretor cultural do Centro Cultural 25 de Abril.

Fernando sentia-se feliz com essas caminhadas por terras brasileiras, e compreendia que sua colaboração com a cultura do país, e sua obrigação, era uma forma de retribuir ao povo que faz todos os emigrantes sentirem-se em casa.

Ciente do seu recado aviso aos navegantes, não é só no mar que a gente encontra o sonho e a beleza poética. Por terra também: uma carroça segue as linhas marítimas e os sonhos dos navegantes e comandantes. Um português comanda uma trupe de saltimbancos em busca de um elo perdido, o ouro da cultura em céu aberto. Sobre rodas, agentes da cultura estranham o sertão, longe daqui e aqui mesmo. Vinte e cinco anos da Carroça de Ouro e de Teatro Popular, uma história para ser contada, um homem para ser reverenciado: Fernando Muralha.



*Zélia Silva, Cleusa Dias,  
Fernando Muralha e Cleibe  
Dias (acima); Cleusa Dias,  
Plínio Teixeira, Walter  
Mendonça, Zélia Silva e  
Fernando (centro); e Catita  
Soares (abaixo)*

Só posso agradecer ao criador da carroça, ao Muralha e aos colegas por fazer com que, a simples lembrança daqueles dias deixem o meu coração sorrindo e mais uma vez feliz.

Catita Soares

## Capítulo II

### O Sinal

#### Anos 70 – A Era da Ecologia

#### O Sinal dos Tempos

Dez anos sob o domínio do Regime Militar e um ano da Carroça. Era o governo Médici/Geisel, que foi o mais intolerante e antidemocrático, perseguindo artistas, jornalistas intelectuais, trabalhadores e operários que lutavam bravamente contra a censura e o autoritarismo. O ar era quase irrespirável. O slogan oficial era *Brasil, Ame-o ou Deixe-o*, propaganda de regime totalitário, que sufocava o País. Surgia a classe média. Leila Diniz havia falecido em desastre de avião. A indústria automobilística atingia a capacidade de produção de um milhão de veículos por ano. A Rua Augusta era a diversão da juventude paulistana. As chamas do Edifício Joelma atingiram 25 andares, 182 pessoas morreram intoxicadas e mais de 300 ficaram feridas. Caiu a ditadura salazarista em Portugal, com a Revolução dos Cravos.

Pelé já era o Rei do Futebol, e o Brasil era tricampeão, mas perdeu o tetracampeonato para a Holanda por 2x0, nas quartas de finais.

Elis tinha gravado *Na Batucada da Vida*, de Ary Barroso, Gal percorria o circuito universitário com o show *Cantar*, porque, apesar de tudo, era preciso cantar, e Bethânia realizava *A Cena Muda*, em alusão ao que estávamos vivendo. Caetano tinha voltado do exílio e aparecia na capa do disco *Jóia*, Chico apresentava *Calabar – O Elogio da Traição*, cujo disco foi recolhido e censurado e o espetáculo, interditado. Antônio Bivar perguntava em cena aberta a Gilberto Gil: *Qual a função do artista na sociedade de hoje?* Pergunta que ficava no ar... Tempos de *Alzira Power*<sup>7</sup>. O País entrava na era atômica, com as obras da usina nuclear em Angra dos Reis – RJ. Um sopro de erotismo invadia a nossa praia, libertando o corpo e a mente. Levar teatro para dentro do País era uma forma de tolerância e resistência a que nos submetíamos, conscientes da verdadeira face do Brasil *em desenvolvimento*.

## **A Praça é do Povo Era Uma Vez...**

Em 1974, os militares policiavam a cidade de São Paulo ostensivamente, patrulhando praças, ruas e bares. Era proibido juntar gente, até em pontos

---

<sup>7</sup> Alzira Power, peça teatral de Antônio Bivar.

de ônibus. O policiamento era intensivo, com soldados a cavalo ou acompanhados de cachorros adestrados, gerando o pânico na população porque, dependendo do pensamento, a pessoa era enquadrada na Lei de Segurança Nacional. Nessa época incutiam o *medo da própria sombra*, mas uma velha carroça de lixo, reformada e destinada ao divertimento e à arte, devolveu a praça à população. Um processo lento, mas eficaz, com o direito a se reunir em volta dela, abrindo as portas para os espetáculos de rua, um velho costume renascentista, reabilitando o teatro popular, atingindo os grandes centros urbanos como o Rio, São Paulo e demais Estados, indo ao encontro do povo, em contato direto.

41

O sucesso dos primeiros 60 espetáculos e o trabalho incansável da direção garantiram a permanência desses vinte e cinco anos de atuação. Um sonho sobre rodas... *Se o público não vai ao teatro, terá o teatro de ir até o público*. Tão verdadeiro esse ditado popular que acabou virando refrão de música consagrada.

Após anos de trabalho com o País redemocratizado, um velho sonho se realizava, e o artista passava a encontrar-se onde o povo estava, na praça, onde a Carroça conquistou uma plateia invejável por todo o País. Um público de cinco, dez, 15 mil espectadores por espetáculo, uma parceria entre governo e prefeituras, participan-

do do compromisso de levar cultura até o povo, ou seja, onde o povo está. Pioneirismo dedicado a Anchieta.

Um projeto que atingiu plateias fascinadas pelo teatro, com a finalidade de atrair a juventude ao velho hábito, lotando auditórios e praças públicas, atendendo à solicitação do próprio povo.

Há quem julgue Fernando Muralha um diretor obsessivo, persistente e abnegado, mas o resultado dessa dedicação está pregado na memória dos homens, mulheres e crianças que nos assistiram naquele palco a céu aberto.

42

### **Muito Tempo Depois...**

Em Copacabana, na noite de Ano Novo de 1999, a poeta Neusa Cardoso me pedia para projetar meus sonhos lá para cima, para o alto céu iluminado com a lua, luzes e fogos de artifício, porque se alguma coisa não se realizasse, ainda assim eu estaria entre as estrelas.

Em grande festa de premiação o ator Paulo Autran dizia em público: *Fazer teatro é tão bom que eu até pagaria para estar no palco*, e o povo ria da graça, os artistas também, mas com certa ironia. Pensei eu na praça, no povo das praças, na Carroça de graça, na graça que isso tem.

Em nossas entrevistas ousávamos dizer que a praça e a Carroça eram do povo, e nunca tivemos dúvida disso.

*Num país onde a iniciativa cultural é praticamente nula, deve-se admitir que esses jovens quixotes estão conseguindo ir muito além do que normalmente poderíamos esperar. Uma lição para nós, um estímulo para eles, uma boa pedida para todos (Jussara Rechaid).*

Alguns de nossos jornais e revistas mais significativos do país integram esse documentário, como memória dessa luta de levar cultura aos lugares mais distantes, privilégio que a Carroça repartiu, e que serviu de exemplo a outras iniciativas também de sucesso.

43

Para enfatizar, deixo esse trecho da peça *Compram-se Mentiras e Verdades*, de Costa Ferreira e Francisco Ribeiro, que ilustra toda a nossa disciplina de trabalho.

*O tempo para mim não passa, não cansa e não envelhece, porque é sempre novo e diferente. Uma trajetória inesquecível, com a certeza de que faríamos tudo outra vez. Como Fernando Muralha, também ficamos atrelados ao sonho, ao prazer de estarmos no maior palco do mundo, na praça que é do povo, que nos reconhecia como artistas. A todos o nosso muito obrigado.*



Compram-se Verdades e Mentiras: Zélia Silva, Eliná Coronato, Ivan Lima e Roberto Nogueira

## Capítulo III

### O Programa

#### O Espetáculo

*Compram-se Mentiras e Verdades* é um texto alegre, divertido, que agradava a todos. Uma história rocambolesca de costumes e classes sociais do século 17, quando a moral e os maus costumes eram castigados pelo riso, e o bem acabava sempre vencendo o mal, sem ser maniqueísta. Havia uma bela coreografia, exuberantes figurinos e máscaras da Commedia Dell'Arte que compunham a correta representação dos atores.

45

Em todas as apresentações, éramos aplaudidos em cena aberta, e nas grandes capitais por onde passamos, a crítica sempre nos foi favorável. Mas a resposta ao nosso trabalho vinha mesmo do grande público, e de imediato, porque havia uma comunhão entre palco e plateia e, por onde passávamos, deixávamos um rastro de felicidade.

#### Commedia Dell'Arte

A Commedia Dell'Arte tem na sua essência o divertimento. Mais próxima da realidade, fundamenta-se nos costumes e tipos sociais de

Veneza. Instiga a descrição social, representa o lacrimoso, o sério, o sentimental, o romanesco...

Os personagens da peça são divididos em grupos sociais, assim sendo:

*Os ricos:* Don Pantaleão, Capitão Don Spavento, Doutor Cirúrgico e Homeopata;

*Os aristocratas:* Florentina, Leandro, Fláminia;

*Os pobres:* Arlequim, Floreta, Briguela;

*Os sem classificação:* arauto e o burro.

## **A Carroça de Ouro**

46

Foi o veículo de cultura que mais difundiu as artes cênicas no País. Com uma linguagem simples e um elenco de jovens profissionais, apresentava um espetáculo teatral de grande aceitação de massas. Com a *Commedia Dell'Arte Compram-se Mentiras e Verdades*, de Francisco Ribeiro (Ribeirinho), mais conhecido como Mestre Ribeiro, professor, ator e diretor do Teatro do Povo, em Portugal, e de Costa Ferreira, dramaturgo, ator e professor de teatro, a Carroça mambembeou pelo País. Apresentando uma produção de alto nível, dirigida ao gosto popular, foi também uma crítica aos nossos maus costumes, resultando num trabalho de identificação entre palco e plateia. Havia a conscientização de uma autocrítica altamente politizada.

## Ficha Técnica

Peça: *Compram-se Mentiras e Verdades*

Autor: Francisco Ribeiro e Costa Ferreira

Produtor e Diretor: Fernando Muralha

Coreografia: Yellê Bittencourt

Acrobacias e Saltos Ornamentais: Oscar Klenquen

Figurinos: Gláucia Amaral

Fotografia: José Bosco, Roberto Nogueira, Marilena Ribeiro, Paulo Brito, Eliná Coronado e outros.

Apoio: Ministério da Educação e Cultura e prefeituras locais.

## O Diretor

47

Fernando Muralha era um sonhador, um poeta, um idealista, mas também um homem de negócios. Não era missão nada fácil se aventurar no sertão com uma troupe de artistas, cada um com uma personalidade diferente. Com grande habilidade ele nos lançou de avião ao centro do País (Brasília/DF) e, da primeira classe, ele anunciou: *Estamos voltando pra casa*, só que ao passo de tartaruga, um ou dois dias em cada cidade, em três meses de viagem. O homem era um artista, e dos grandes, sabia como tratar o seu igual, mantinha-nos em relacionamento cordial e decidido, sob sua proteção e respeito.

*São meus atores*, dizia com sotaque português, gostava do nosso convívio, das nossas histórias, dos nossos ideais. Após um dia inteiro de trabalho nas prefeituras locais, entendendo-se com prefeitos e secretarias, que definiam os locais das apresentações, lá estava ele ao nosso lado, comandando o espetáculo, na pele do burro que ele fazia com graça e prazer. Em seguida misturava-se entre nós para retirar a maquiagem e informar o local do jantar, no qual ele confraternizava com sua equipe. Era a hora do purgatório. Após a refeição, nos reunia à sua volta, empolgados, para contar histórias de Portugal e falar sobre nossas carreiras, tudo regado à poesia. E foi numa dessas noites que ele nos apresentou Florbela Espanca, autora de trecho que ficou gravado na memória:

*Dona morte dos dedos de veludo  
Fecha-me os olhos que já viram tudo  
Amarra-me as asas que voaram tanto  
Sou da Mourana, sou filha de um rei  
Uma fada me encantou e aqui fiquei  
A tua espera quebra-me o encanto*

Nossa vida era regada a poesia, natureza de um ator que, acima de tudo, amava aquela profissão, sem a vaidade de se transformar num ídolo, apenas no seu exercício, na sua função, e principalmente em contato com sua plateia.

Fernando queria uma Carroça em cada bairro, queria tirar as crianças da rua, formar grupos de arte subvencionados pelas prefeituras como uma forma de conter a violência e desenvolver a criatividade. Eu estive lá, eu acompanhei o homem, pissei no mesmo palco, me tornei parceiro, segui seus passos com olhos de aprendiz, sonhos sobre rodas que se concretizaram na emoção do ato de estar em cena. Uma vida aventureira, independente... Temos histórias para contar, somos todos ricos.

## **Balé-Teatro**

A direção de Muralha era detalhada pelas marcações das coreografias com linguagem gestual exacerbada, movimentos largos, saltos, piruetas e medidas. Foi contratado um preparador físico exclusivamente para os exercícios acrobáticos, desenvolvidos pelo talentoso Escar Klenquen, em parceria com Yellê Bittencourt, que juntos criaram um trabalho de balé-teatro especial para a Commedia Dell'Arte. Transmitido de ator para ator, detalhadamente, para que não se perdesse a qualidade exigida pelos coreógrafos do espetáculo, essa pantomima, com tombos, empurrões e bofetões, provocava o delírio e o aplauso da nossa plateia, que interferia na encenação, incorporando-se a ela. Era comum a participação do público, que interagiu envolvido na trama da peça.

Nas pontas de Cleusa Dias, o deslumbramento de um povo que nunca tinha visto um balé e pouco ou quase nada de um teatro. Em movimentos de dança e acrobacias, uma bailarina flutuava no ar e rodopiava em gestos de rara beleza, deslizando no espaço limitado de uma carroça, e arrebatava uma plateia encantada. Impossível fechar os olhos, difícil conter a emoção, inútil tentar esquecer, tocamos no sonho e ficamos pregados na memória.

## **O Figurino**

50

Os figurinos, criados pela competente e talentosa Gláucia Amaral, eram uma festa para os olhos: resistentes e confortáveis, de fino acabamento e ricos em detalhes. Cada personagem tinha as suas cores, o que tornava o espetáculo alegre e colorido. O material utilizado resistiu ao tempo por mais de 25 anos de uso intenso, e algumas peças originais ainda estão presentes.

## **Gláucia Amaral na Carroça**

Não me lembro muito bem como fui parar na Carroça, mas nessa época, em 1973, eu trabalhava no Sesc Anchieta. O Fernando andava por lá, como andava todo mundo de teatro. O



*Figurinos de Gláucia Amaral*

Anchieta era muito importante. Ele deve ter tomado conhecimento do meu trabalho: eu montava exposições, fazia cenografias. Entrou na minha sala e me contou a história da Carroça. Achei muito linda e, a seu pedido, me propus a fazer os figurinos. Nessa época, eu estava muito interessada em teatro. Me contou a história da peça, que era *Commedia Dell'Arte* e, se não me engano, foi umas das primeiras pesquisas que eu fiz. Eu não entendia nem de teoria, nem de história do teatro e fui pesquisar os figurinos. Vi que eram lindíssimos, que é o que inspira todo o teatro popular no mundo inteiro. Assisti à montagem na estreia, mas o que me divertiu muito foi a pesquisa, que era uma coisa muito interessante e que até hoje eu faço com grande prazer. Eu pesquiso os livros que vou consultar, depois desenhar os figurinos para interpretar aquilo, correr atrás do material para confeccionar, atrás de costureira, provar as roupas, até a estreia. Depois, não pude ver mais, porque sou uma trabalhadora inveterada. Eu sempre trabalho muito, faço muita coisa ao mesmo tempo, mas acompanhei pelos jornais, tenho alguns recortes guardados até hoje. O que mais me impressionou foi a comunicação dos atores com o povo e aquele teatro ao ar livre, de palco a céu aberto, ainda mais que o circo, porque é uma coisa que você nem precisa entrar, está passando

pela rua e vê, é o teatro de rua. Intuitivamente, criei uma relação do personagem com a cor. Usei cores fortes para o público poder enxergar bem cada figura que está no palco. Não tem uma mistura. O que me preocupou foi uma conjunto no palco, para formar uma linda composição, com tons mais fortes, de acordo com as características psicológicas de cada personagem.

A carroça foi muito importante, e diante dessa documentação toda a gente vê que teve uma resposta do público. E poucas vezes isso acontece no teatro, principalmente no teatro de rua. Por isso é importante que haja registros, para que as pessoas possam ter uma idéia do que foi esse trabalho, um espetáculo que deu certo. Foi um trabalho maravilhoso na época, um dos primeiros dos poucos figurinos que eu fiz. Ver a roupa no palco é muito emocionante, rever esse trabalho também é muito emocionante, e importante para mim... Acho que é isso.

53

**Gláucia Amaral**

### **Restauração – Como Manda o Figurino**

Fernando entregou-me o figurino em estado precário e pediu-me que o restaurasse. Dirigi-me à Rua 25 de Março para comprar rendas para a

gola e punhos da casaca, fitas de veludo para a calça, fivelas para os sapatos, duas plumas e um broche de strass para a boina, além de uma peça de filete prateado para voltrear as listras da casaca (trabalho executado por uma costureira), realçando as cores roxo e vinho que predominavam no traje. Após lavagem a seco em tinturaria especializada, comprei também um cabide e um porta-traje de plástico grosso com zíper, para facilitar o transporte e proteger a peça da chuva e da poeira. Por causa do uso intenso e das condições precárias em que se encontravam os outros figurinos, após alguns meses de uso foi necessário o mesmo trabalho de recuperação.

54 Quando Ivan Lima entrou para a Carroça para fazer o burro, o figurino desenhado por Gláucia estava em pior estado. Ele negou-se a apresentar-se com aqueles trapos. Então Eliná Coronado desenhou uma roupa nova, aplicando guizos nas pontas e um belo chapéu, de agrado do ator e em comum acordo com ele. Nosso cuidado era conservar o trabalho de Gláucia Amaral, sem descaracterizá-lo.

## **Os Atores**

A Carroça foi uma escola para muitos jovens artistas que se aventuraram na carreira, considerando o número de atores que passaram por

ela (mais de cem), e o número de espetáculos realizados em todo o Brasil. Eles se esforçavam em apresentar um trabalho competente e apaixonado. As substituições eram muitas, principalmente quando as viagens eram longas, mas tudo (a preparação e os ensaios) era feito harmoniosamente. O substituto era obrigado a conceber o espetáculo, bem como as coreografias, falas e até intenções, num curto espaço de tempo. Era costume, naquela época, preparar o ator que estava entrando. Aconteceu comigo, que fui indicado por Catita, substituída por Marilena Ribeiro. Na Carroça tudo era rápido demais.

Em 1974 quase não houve substituições. Cada um defendia seu personagem, dando-lhe a devida importância. E reafirmo que a Carroça era uma escola a céu aberto, porque a cada dia aprendia-se um pouco mais com o público, com o vento, com a chuva, com o frio e, é claro, conosco mesmo. Nosso trabalho era testado diariamente: vencer barreiras e dificuldades era a nossa meta, e o que não nos faltava era garra, força de vontade, idealismo e respeito.

55

## **Artistas da Carroça**

Fernando Muralha  
Luiz Armando Tirabosque



Quem Tem um Rabo para o Diabo: *Walter Mendonça, Valéria Di Prieto, Fernando Muralha e Antonio Uchoa*

Fon Pretas (Alemão)  
Oswaldo Mendes  
Marcus Cardeliquio  
Antônio Rosado Sampaio  
Cláudio Luchesi  
Roberto Nogueira  
Sônia César  
Del Vigna  
Bárbara Thiré  
Paulo Azevedo  
Rosemary de Paula  
Sônia Bertolani  
Cleusa Dias  
Nice Arruda  
Marlene Maria  
Osmar Di Pieri  
Eliane Borges  
Sandra Pacheco  
Cleibe Dias  
César Teixeira  
Bárbara Souza Lopes  
Raquel Araújo  
Mauro José Prado  
Sérgio Luiz (Buck)  
Antônio Galdino  
Eudes Carvalho  
Plínio Pinto Teixeira  
Francisco Pereira  
Luiz Damasceno

Fátima Campidile  
Lúcia Dellelis  
Mayara de Castro  
Eliana do Vale  
Wilson Sampson  
Edson Guimarães  
Homero Barreto  
Caca de Lima  
Ivanira Inês  
Valéria di Pietro  
Simoni Pires  
Antônio Fernandes  
Liz Nunes (Flordeliz)  
Fátima Ribeiro  
Eliná Coronado  
Leno José  
Tânia Ferreira  
Catita Soares  
Ana de Fátima  
Geraldo Torres  
Zélia Silva  
Tiziana Calógero  
Tadeu Falheiros  
João Luiz de Oliveira (Joy)  
Glória Torres  
José Geraldo Rocha  
Antônio Ochôa  
Lourdes Viana

Roberto Lopes  
José Carlos de Aquino  
Mário Filé  
Valter Mendonça  
Darci Campana (Darciso Tasso)  
Valdir Zanini  
Marilena Ribeiro  
Enilson Barberi (Chalaça)  
Paulo Brito  
Ivan Lima  
Roberto Romualdo  
Tânia Campos  
Luiz Simonetti  
Lane D'Aquino  
Eudes Carvalho  
Rolando Bandeira  
Antônio Gincó  
Gilca Tanganelli  
Déa Resende  
Vera Lúcia Silva  
Luiz Siqueira  
Douglas Franco  
Alberto Baruck  
José Antônio Bailo (Tony Rod)  
Ivo Branco  
Roberto Santos  
José Ataíde de Jesus (Ataíde Martins)  
Vera Silva Barbosa  
Lúcia Dellelis

Paulo Campana  
Leno José  
Isabel Ortega

E muitos outros...

### **Técnicos**

Nelson Gomes (China)  
Antônio Mesquita  
Roberto Santos  
Edson de Oliveira



*Os atores*



Compram-se Verdades e Mentiras (*acima, esq.*),  
Quem Tem um Rabo para o Diabo (*acima, dir.*), Valéria e  
a Vida (*abaixo, esq.*) e Compram-se Verdades e Mentiras  
(*abaixo, dir.*)

## Capítulo IV

### Prólogo

#### Nossa Vida na Posta Restante ou Diário de Viagem

#### Roteiro dos Espetáculos da Carroça de Ouro<sup>8</sup>

Antes de iniciarmos nossa turnê, deixamos em São Paulo, com familiares e amigos, uma relação de cidades por onde passaríamos, a fim de mantermos contato com nossos entes mais queridos. Foi assim que uma grande quantidade de cartas amenizou os nossos dias e tornou a viagem mais agradável, pois os Correios, desde a época do Imperador Pedro II, são eficientes. Até dos locais onde foram cancelados os espetáculos, recebemos nossa correspondência de volta, demonstrando a responsabilidade dos serviços executados por essa empresa. Navegamos por cidades totalmente desconhecidas, mas em todas os Correios estiveram presentes. Nos locais em que não havia posto de atendimento, os emissários da cidade vizinha nos traziam as correspondências.

63

---

<sup>8</sup> Trecho do roteiro em que eu, Roberto Nogueira, participei e/ou tive acesso.

Isso tornou meu trabalho mais preciso, pois em todos os momentos de dúvidas, nosso diário de viagem era consultado, para maior veracidade de nossa memória. Um roteiro fascinante e um registro detalhado para servir de guia e organizar o meu trabalho.

O diário é um resumo confidencial dos acontecimentos, contendo anotações muito particulares, algumas impublicáveis, que deixamos a cargo da imaginação do leitor.

26/06/1974 – Espetáculo no Pátio do Colégio, em São Paulo/SP

64 07/06/1974 – (Valdir Zanini desiste da Carroça)

24/06/1974 – Rio Claro/SP (estreiam Marilena e Paulo Brito)

29/06/1974 – Largo Nossa Senhora do Belém/SP (Paulo dá um show/ praça lotada)

07/07/1974 – Piracaia/SP (saída do Largo Paissandú)

13/07/1974 – Arujá/SP

14/07/1974 – Jacareí/SP

20/07/1974 – Santa Branca/SP

21/07/1974 – Taubaté/SP

20/08/1974 – Brasília/DF (primeira grande viagem de avião, de São Paulo a Brasília)

21/08/1974 – Brasília/DF (Eliná e José Geraldo dão entrevista na TV/ levamos pedrada pela 1ª vez/ viramos fotógrafos)

22/08/1974 – Anápolis/GO (banho de piscina/  
carona na estrada)  
23/08/1974 – Anápolis/GO (fotos Clube Goiânia/  
almoço na piscina)  
24/08/1974 – Goiânia/GO (Hotel Umuarama/  
visita de amigos vindos de São Paulo)  
25/08/1974 – Goiânia/GO (visitamos a Casa das  
Esculturas Maria Guilhermina/ jantamos com o  
jornalista Carlos de Souza/ visitamos a Cidade  
das Crianças)  
26/08/1974 – Rio Verde/GO (aranha no quarto)  
27/08/1974 – Jataí/GO (Marilena passou mal,  
pressão)  
28/08/1974 – Alto Araguaia, divisa GO – MT (ba-  
nho no Rio/ fotos)  
29/08/1974 – Cuiabá/MT (calor acima de 40 graus, à  
noite a temperatura era melhor: brisa/ hotel estilo  
colonial, com ar-condicionado/ noites enluaradas)  
30/08/1974 – Cuiabá/MT  
02/09/1974 – Jaciara/MT (hotel com quartos se-  
parados para os meninos)  
03/09/1974 – Rondonópolis/MT  
04/09/1974 – Coxim/MT (muita areia/ morcegos)  
05/09/1974 – Rio Verde/MT (hotel ao lado do rio/  
banho no rio)  
06/09/1974 – Campo Grande/MT (ficamos hospede-  
dados no Estádio Cidade Universitária)  
07/09/1974 – Campo Grande/MT (difícil locomo-  
ção/ medo de nos perdermos)

08/09/1974 – Aquidauana/MS (reserva dos índios)

09/09/1974 – Aquidauana/MS (troca de roupa com os índios)

10/09/1974 – Anastácio/MT

11/09/1974 – Nioaque/MT (almoço e jantar no quartel / Saci Pererê)

12/09/1974 – Bela Vista (visita ao Rio Apa) Divisa Brasil e Paraguai

13/09/1974 – Ponta Porã/MT (rua como divisa entre Brasil e Paraguai)

14/09/1974 – Dourados/MS (reserva de índios/ dança da Chuva)

15/09/1974 – (viagem durante a noite inteira)

16/09/1974 – Avaré/SP (coelhos na rua às 6h da manhã)

21/09/1974 – Jacareí/SP (visita noturna)

22/09/1974 – São Paulo/SP (Praça Roosevelt, toda nossa família assistiu)

23 a 28/09/1974 – Rio de Janeiro/RJ (José Carlos, o contrarregra, encantou-se com os travestis da Cinelândia/ ficamos hospedados na Casa do Estudante, próximo aos Arcos da Glória, dormimos em beliches/ fizemos o espetáculo na Praça Seans Peña, a TV Globo filmou/ reportagem no Jornal Nacional, Fantástico e revista O Cruzeiro)

29/09/1974 – São Gonçalo/RJ (travessia da Ponte Rio-Niterói)

30 a 04/10/1974 – Rio de Janeiro/RJ (cinco espetáculos)

05/10/1974 – Niterói/RJ (Eliná entrou na Ilha da Boa Viagem, proibida/ Forte abandonado/ fotos)  
06/10/1974 – Niterói/RJ  
07/10/1974 – Campos/RJ (bombeiros oferecem treinamento para os atores)  
08/10/1974 – Campos/RJ (Fernando nomeia *Ivan* diretor de cena)  
09/10/1974 – Cachoeiro de Itapemirim/ES (visitamos a estátua de Roberto Carlos)  
10/10/1974 – Vitória/ES (briga entre Zélia e Ivan /quebra)  
11/10/1974 – Vitória/ES (Zélia namora um garoto de 16 anos, motivo de briga)  
12/10/1974 – Vitória/ES (visitamos o teatro Castro Alves)  
13/10/1974 – Vila Velha/ES (substituição de José Geraldo, nasce sua filha)  
14/10/1974 – São Mateus/ES (cidade parecida com as de filme faroeste, igreja de pedra/ cidade soterrada por dunas)  
15/10/1974 (viagem, banho de mar e cidade soterrada pelas dunas)  
16/10/1974 – Itamaraju/BA (entrada na cidade pela *zona*/ jegues nas ruas)  
17/10/1974 – Guaratinga/BA (espetáculo sem luz/ iluminação de faróis)  
18/10/1974 – Itapebi/BA (Rio Jequitinhonha)  
19/10/1974 – Itabuna/BA (hospedados em casas de famílias)

20/10/1974 – Ilhéus/BA (hospedados no hotel onde ficou Dona Flor e Teodoro, personagens do romance de Jorge Amado)

21/10/1974 – Ubaitaba/BA (Eliná x Macaco/ começo do furúnculo de Marilena)

22/10/1974 – Gandú/BA

23/10/1974 – Muritiba/BA (casa de Castro Alves quando criança/ muitas igrejas coloniais)

24/10/1974 – Cruz das Almas/BA (cidade da Zélia/ homenagens)

25/10/1974 – Santo Amaro/BA (recebemos a visita de Estela e Júnior, família)

26/10/1974 – Salvador/BA (hospedados com a família)

68 27/10/1974 – Salvador/BA (Marilena no pronto-socorro)

28/10/1974 – Alagoinhas/BA (hospedados em casas de famílias)

29/10/1974 – Estância/SE (público da Carroça: 15 mil pessoas)

30/10/1974 – Aracajú/SE (Marilena desmaia na farmácia/ espetáculo à noite)

31/10/1974 – Cruz da Donzela/SE (Kombi quebrou na estrada indo para Arapiraca)

01/11/1974 – Maceió/AL (ficamos hospedados num estádio de futebol, choveu e inundou o estádio)

03/11/1974 – Recife/PE (espetáculo para 5 mil pessoas)

04/11/1974 – Recife/PE (a Veneza brasileira)

05/11/1974 – Olinda/PE (recebi convite para permanecer na cidade)  
06/11/1974 – Caruaru/PE (fomos recepcionados pelo filho do prefeito e pelas titias)  
07/11/1974 – Arco Verde/PE (perua sem freio)  
08/11/1974 – Salgueiro/PE (sapos e pernilongos/sapeiro)  
09/11/1974 – Juazeiro/BA (restaurante no barco)  
10/11/1974 – Senhor do Bonfim/BA (hotel em frente à parede de pedra)  
12/11/1974 – Feira de Santana/BA (compramos bolsas)  
13/11/1974 – Jequié/BA (prefeito louco/gaiola para macacos)  
14/11/1974 – Vitória da Conquista/BA (Fernando foi preso/ solto em dia de eleição: 15/11)  
16/11/1974 – Teófilo Otoni/MG (pedras/ sacos de topázios eram distribuídos nas ruas)  
17/11/1974 – Governador Valadares-MG (cinema com Beto e Paulo, filme do Ivan)  
18/11/1974 – Caratinga/MG (injeção na farmácia, com o prefeito)  
19/11/1974 – Ubá/MG (macacos nas árvores da praça)  
20/11/1974 – Muriaé/MG (tempestade cancela espetáculo)  
21/11/1974 – Carangolo/MG (tirado do roteiro)  
22/11/1974 – Alegre/ES (chuva cancela espetáculo)  
23/11/1974 – Castelo/ES

- 24/11/1974 – Cachoeiro do Itapemirim/ES  
25/11/1974 – São João da Barra/RJ (nadamos no mar e no Rio Paraíba/ cavalos atravessavam o Rio Paraíba nadando)  
26/11/1974 – Santo Antônio de Pádua/RJ (hotel à beira do Rio Paraíba)  
27/11/1974 – Nova Friburgo/RJ (visitamos a praça, subi na Carroça e tirei a foto)  
28/11/1974 – (Paulo leu a minha mão e a de Marilena)  
29/11/1974 – Petrópolis/RJ (passeio de cabriolé/ visitamos museus)  
30/11/1974 – Barra Mansa/RJ (não houve espetáculo/ Macaco de Eliná entrou no assoalho)  
01/12/1974 – Resende/RJ  
06/12/1974 – Piracicaba/SP (passeio no lago, de pedalinho)  
07/12/1974 – Piracicaba/SP (espetáculo lotado/ povo maravilhoso, mais de 5 mil pessoas)  
08/12/74 – Piracicaba/SP (jantar no restaurante à beira rio/ pintado na brasa)  
09/12/1974 – Mogi Mirim/SP (eu e Beto fomos de carro)  
10/12/1974 – Ferraz de Vasconcelos/SP (lotado, ambos os espetáculos)  
11/12/1974 – Ferraz de Vasconcelos/SP (mais de 15 mil pessoas/ pulei de uma árvore e caí em cena, fui aplaudido em cena aberta)

Dezembro/ Janeiro – 1975<sup>9</sup>

São Paulo (Parque Edu Chaves/ Tremembé/ Jaçanã/ Jardim Humaitá/ Vila Hamburguesa/ Jardim São Luiz/ Ibirapuera/ Vila Maria – Jardim Japão/ Praça da República/ Cambuci/ Ipiranga/ Aclimação/ Santo Amaro/ Brooklin)

Rio Claro

São Carlos

Franca

Santos

Guarujá

## A Trupe

O teatro itinerante sempre dependeu da disponibilidade dos artistas. Quando entrei para o espetáculo, todo o elenco inicial já havia sido substituído, mas a qualidade era mantida por mãos de ferro.

O grupo da Carroça era formado por dez atores, dois técnicos e um diretor, que de vez em quando entrava em cena no papel do burro. Era uma superprodução que agradava ao público, pelos figurinos de época, pelo texto engraçado e pelo trabalho dos atores. É claro que havia limitações

---

<sup>9</sup> Paramos de fazer anotações.

e que nem tudo corria às mil maravilhas. Minha visão desse relacionamento era baseada no respeito. Eu era grande amigo de Paulo Brito, que fazia o *doutor*; íntimo de Marilena Ribeiro, com quem já havia trabalhado anteriormente; contracenava com a bela Eliná Coronado, por quem tenho grande admiração, e que havia sido noiva de Roberto Lopes, motorista da Kombi e ator competente, que não dispensava uma conquista reservada à sua intimidade e à nossa. O pessoal do ABC, José Geraldo Rocha, Tadeu Falheiros e Valter Lopes, realizava o trabalho ideologicamente. Eles eram despojados, reservados e talentosos, mantinham relacionamento cordial com Zélia Silva, a grande estrela da *Carroça*, que navegava na personagem com a maior segurança. Talento reconhecido pelo público e pelo diretor da peça, que a mimava, pois era temperamental e insegura na vida real. Zélia tornou-se uma grande amiga e colaboradora. E ainda Ivan Lima, ator tarimbado que fazia o arauto/ apresentador e o burro, em substituição ao Fernando, afastado devido a problemas na coluna. E eu, Roberto Nogueira, interpretava o galã do espetáculo. Conviver em grupo é um aprendizado, é repartir espaços, é respirar individualidades e, acima de tudo, ser solidário. Uma forma democrática de ser.

Havia um cuidado e uma certa admiração pelo trabalho, que nivelava esse relacionamento diário e afetivo, porque mambembear é como servir à pátria, você dorme com quem não quer, come o que não gosta e bebe quando pode. O resto só Deus sabe.



*O elenco na Catedral e no Palácio da Alvorada, em Brasília*

## Capítulo V

### Ato Único

#### Rota Poética – As Viagens

As viagens da Carroça baseavam-se em Rotas Poéticas que não eram curtas, duravam no mínimo três meses, um desafio para diretor, atores e técnicos, ausentes de suas cidades, distantes da família e de seus entes queridos. Transportados por uma Kombi, fomos abandonando a cidade e penetrando o interior paulista, nos apresentando em São José do Rio Pardo/SP, Franca/SP, Araxá/MG, Patos de Minas/MG e Paracatu/MG. Depois, um breve retorno e, em seguida, começamos a nossa jornada de Kombi, seguindo a trilha dos atores que mambembearam pelo interior do país, do Cerrado ao Pantanal, da Cidade Maravilhosa ao Espírito Santo, do Recôncavo ao Triângulo Mineiro, conhecendo na pele a geografia da região, as dificuldades, o orgulho e o carinho de cada cidade que nos recebeu. Era a aventura do teatro, enfrentando calor de 40 graus, chuvas, estradas lamacentas, obstáculos, dificuldades de transporte, cansaço e indisposição. Um trabalho difícil e prazeroso ao mesmo tempo, pois era só entrar nas cidades e os ânimos mudavam. Além de conhecer a outra face do país, tenho certeza de que todos nós

puxamos pela Carroça da Cultura, despertando o prazer pela arte, a caminho do conhecimento, Na rota de *Martim Cererê*<sup>10</sup>, deslizando no Brasil, país das crianças, dos poetas e também dos heróis.

## Lambendo Brasília

Sáímos de São Paulo em vôo direto e ficamos hospedados em hotel de luxo. A cidade nos recebia de braços abertos, entrevistas na rádio e na TV, éramos apresentados como *Os Últimos Saltimbancos*.

76 Os espetáculos foram apresentados na Praça 21 de Abril e em um bairro da periferia, onde finalmente encontramos os candangos. Brasília era um espetáculo à parte, uma explosão arquitetônica criada por Lúcio Costa e Niemeyer. A poesia do concreto e das formas geométricas. O Brasil é dividido em AB e DB, ou seja, antes de Brasília e depois de Brasília, quando ganhara personalidade. Se Mário de Andrade tinha dado a alma, Niemeyer tinha dado o corpo, e de corpo e alma fotografamos a cidade. Revelar o ator/fotógrafo é missão quase impossível. Todos queriam posar,

---

<sup>10</sup> Poema de Cassiano Ricardo.

e o grupo inteiro lambeu a cidade, da Asa Norte à Asa Sul. Na lembrança de nossos retratos, motivação guardada em álbum de fotografias.

### **Na Jangada da Alvorada**

Diante do Palácio da Alvorada paramos admirados e as imagens não saíam das nossas cabeças. Nos perguntávamos atônitos: *Eram os arquitetos, astronautas?* Porque era preciso voar na imaginação para entender o criador. Existe em sua volta uma espécie de barragem, um canal que protege o edifício. A beleza das formas paralisa o pensamento. Só depois de algum tempo, analisando melhor, acordamos do sonho e descobrimos que, se Niemeyer era um homem do mar, aquelas colunas geométricas tinham algo a ver com embarcação, e na minha humilde concepção, eu só podia estar diante das velas de uma jangada. Era isso, uma série de jangadas nas quais navegariam os comandantes do Brasil. Estava decifrada a cidade. Uma catedral com anjos de pedra, sem imagens de santos, definia o criador, *o escultor do concreto*.

77

### **Prova de Fogo**

O calor era de 40 graus. Passávamos horas viajando em uma Kombi, onde o ar entrava por

uma fresta de janela, juntamente com a poeira vermelha das estradas de terra, provocando problemas de respiração e garganta, queda de pressão e muito desconforto, o que gerava uma indisposição total. O desânimo nos despojava de qualquer glamour e nos igualava aos artistas do picadeiro, que levavam a serragem nas veias e o circo no coração, uma prova de fogo, aliviada pelo prazer de estar em cena.

Já ficou claro que nem tudo eram rosas, então fomos tirando muitos espinhos desse caminho que, no início, chamávamos de turnê.

78

Um belo dia cheguei ao hotel com metade do rosto coberto de terra, completamente afônico por ter engolido poeira da estrada. Não tinha voz para fazer o espetáculo. Corri na farmácia para comprar remédio e o farmacêutico me receitou iodo. Diluí o produto em água e arranquei da garganta, com o dedo, uma pasta que me sufocava e não deixava a voz sair. Com muita dificuldade realizei o espetáculo, com o diretor gritando dos bastidores: *Mais alto, mais alto!* Indicava-me os microfones pendurados à frente do palco. Na Carroça era assim, você só não fazia se estivesse morto, a palavra *quase* não existia entre nós.

Hoje dou risadas quando digo que joguei um ator em cena, mas no dia foi o maior sufoco, e

quase perdi um amigo. A substituição de Paulo Brito foi realizada em trânsito, o trabalho mais relâmpago e difícil para a Carroça. Agosto é o mês em que as peças estreiam em São Paulo, quase todos os atores estavam empregados. Valdir Zanini, que fazia o doutor na peça, acabara de reatar seu romance com uma cantora que despontava na MPB, uma paixão mesmo, e em cima da hora desistiu do trabalho. Muralha me pediu o substituto com ressalvas: que fosse experiente e competente. Minha função era treiná-lo para a data marcada, para dali a três dias.

Na hora H, Paulo entrou em pânico, ficou parado no fundo do palco, completamente mudo. Num ato de desespero, joguei-o à boca de cena, e por trás, à meia-voz, lhe pedia para falar mais alto, apontando para os microfones. Retornei para o fundo e já estava o diretor de prontidão: *Tens certeza de que esse rapaz é um profissional?* – *Absoluta*, respondi. Em coro, o resto do elenco me aliviava da responsabilidade: *É a estreia, nem ensaio geral ele teve, amanhã estará melhor.*

Dito e feito. Mais tarde Muralha enchia o peito a dizer que Paulo Brito era um de seus preferidos, que havia nele o espírito da Commedia Dell’Arte.

A mudança de tempo influía no nosso bem-estar. Quando chovia ficávamos trancados, nosso único

divertimento era ler e esperar até a hora do espetáculo. Nas cidades em que a energia elétrica acabava às 19h, o espetáculo era realizado às 18h, mas em Guaratinga/BA não havia energia devido às chuvas, e a população esperava ansiosamente pelo nosso trabalho. O único jeito foi solicitar os carros da cidade e a iluminação foi feita com os faróis dos veículos, sem a música, num silêncio sepulcral, quebrado pelo aplauso caloroso no final. Nesse dia, o nosso jantar foi à luz de velas, e o assunto eram as proezas e dificuldades para realizar o espetáculo. No dia seguinte, meias e figurinos foram lavados nas pias do hotel para tirar o barro. Limpamos e engraxamos os sapatos e houve um corre-corre para emprestar o ferro de passar roupa, agulhas e linhas, que eram para costurar os laços descosturados na lavagem. Pois cada um prezava pelo que era seu, diferentemente de quando se está em temporada na capital, com camareiras, passadeiras e contra-regras.

Em Ubaitaba/BA, Marilena ficou acamada: nasceu um furúnculo em sua perna, próximo da nádega, que lhe provocou fortes dores e febre alta. Na farmácia haviam receitado uma pomada medicinal, Beladona. Os curativos foram feitos por mim todos os dias após o espetáculo, ritual que aprendi com o farmacêutico e executei

com todo cuidado. Marilena não interrompeu nenhum espetáculo, mostrando a grande profissional que é.

Muralha não gostava de partilhar conosco os problemas com as prefeituras. Sempre querendo nos poupar, ocultava as burocracias de gabinetes. Uma verdadeira luta! Vivia nervoso diante das negativas e das recusas dos órgãos componentes. Estávamos em pleno sertão da Bahia quando esse clima de insegurança começou a povoar nossas cabeças. As prefeituras demoravam para fornecer o documento de que o espetáculo tinha sido realizado. As ordens de pagamento enviadas pela secretaria dependiam dessa documentação. Em consequência, nossos pagamentos também eram atrasados, mas tudo se resolvia com a competência do grande administrador da Carroça. Para tranquilidade nossa e dele, que se empenhava para não atrapalhar a apresentação do espetáculo.

Nosso aprendizado com a Carroça derivava do fato de que não sabíamos a reação do público, nem suas intenções. Tudo teria de acontecer no tempo exato. O espetáculo não podia ser ralentado, nenhuma cena esquecida, tudo na ponta da língua, um jogo, uma troca, voz e emoção tinham de ser projetadas para cinco ou dez mil pessoas. Tínhamos apenas três microfones e,

no caso de haver falha técnica, tinha que ser a todo pulmão.

Quanto mais distante estávamos das capitais, mais aguardada era nossa chegada. Hospedados em hotéis de luxo, casas de família, palafitas e à beira de estradas, ao mesmo tempo em que testávamos nossa resistência, tudo era novo para nós.

A rapidez com que tudo acontecia era um fator importante para não desanimarmos. O despojamento era tão grande que chegamos a tomar banho de rio. Nosso objetivo era realizar um trabalho que retribuísse toda aquela dedicação que recebíamos, com farta mesa de café da manhã, suculentos almoços e jantares. Não fosse pela privacidade, poderíamos dizer que as melhores acomodações eram as casas de família; a maior demonstração de solidariedade e carinho.

82

A saudade dos parentes e amigos era aliviada pelos Correios. Na posta restante, cada um havia deixado a relação das cidades por onde passaríamos, de modo que nossa maior alegria era visitar os Correios em busca de correspondência.

Economizar era a palavra de ordem. Nosso dinheiro era curto, tudo era motivo de economia. Nas grandes capitais, em hotéis de luxo, fazíamos o nosso farto café da manhã o mais

tarde possível para economizar o dinheiro do almoço, distribuído no dia anterior. Enchíamos o nosso farnel (bolsa a tiracolo) com frutas, bolachas, Polenguinhos, recolhidos de nosso desjejum. Em alguns lugares éramos obrigados a ficar hospedados separados das meninas, por normas do estabelecimento. Costumes, crenças e preconceitos, constatados até em aldeias de índios (no Mato Grosso), envergonhados de sua condição e origem. Discriminação sentida na pele, em contato com o homem *civilizado*. Os mais velhos tinham orgulho de suas lendas e tradições, já as crianças tinham a preocupação de saber ler e escrever o português, para não serem consideradas analfabetas.

83

Para agravar mais a situação, Mato Grosso dividia-se em norte e sul. Um jogo de interesses e conveniências.

Algum tempo depois, no meio do sertão, Muralha me comunicou que era sua intenção mudar meu personagem: deixar o *Leandro* para um ator mais jovem (eu tinha só 23 anos). Fiquei ofendido, louco da vida, nervoso, uma fera. Ameacei abandonar tudo, sugeri que me substituisse. Ele ria e me pedia calma. Em seguida me disse que eu pertencia à *Commedia Dell'Arte*, que meu procedimento estava correto, que no teatro renascentista os atores envelheciam no

personagem e que esse era o espírito da arte dos comediantes e dos grandes atores, que não abandonavam o papel por nada desse mundo. Já tinha visto *Persona* do Bergman. Achei tudo meio maluco e calei-me. Tinha lido O Retrato de Dorian Grey, de Oscar Wilde, e estranhei aquelas palavras. Só mais tarde, quando já tinha saído da Carroça, é que compreendi a gentileza. Foi preciso ver Margot Fontaine, aos 60 anos no papel de Julieta no Teatro Municipal, para compreender tal disparate. Ela era Julieta no esplendor dos 15 anos. As luzes apagam as rugas e a magia da interpretação nos transporta para além do tempo determinado. Jamais esquecerei esse português, que nos admirava e valorizava tanto.

84

Nos anos da ditadura militar, além de driblar a perseguição da censura, era preciso muita habilidade para conseguir subvencionar um projeto desse porte e convencer as autoridades competentes a investir em arte. Fazer teatro naquela época era empreendimento muito inseguro e difícil: as oportunidades que apareciam eram em pontas, coro ou figuração. A Carroça foi a possibilidade de dar continuidade a uma carreira em grande estilo, todos os personagens de *Compram-se Mentiras e Verdades* eram importantes.

A Carroça tinha estrutura de companhia, mas o trabalho era de grupo, vivíamos em grupo.

O espetáculo era uma superprodução, o texto belíssimo, não era o lugar ideal para um ator carreirista: um grupo elitista jamais conseguiria desenvolver uma etapa de 17 Estados. As montagens duravam de três a quatro anos, impossível realizar um teatro de repertório, tudo ia acontecendo gradativamente até esgotar-se. Mas esse trabalho era também uma fonte inesgotável de inspiração e prazer de representar, confirmados pelos depoimentos dos atores, que deram prosseguimento a suas carreiras, ora dirigindo, escrevendo ou representando, buscando subsídios no teatro de rua. A Carroça foi sempre um começo, o início de uma carreira, nunca o fim. Uma lição de vida e um aprendizado, tanto no campo artístico como no pessoal, para testar nossos limites, nossas barreiras, vencer preconceitos e desenvolver um trabalho altamente popular, tocando fundo na sensibilidade do ser humano, de igual para igual.

Descobrir esse país era tarefa difícil, um choque de idéias e costumes. Éramos diferentes em tudo: cabelos compridos, roupas jeans desbotadas, tamancos e bolsas a tiracolo.

Éramos os agentes da cultura montados em uma Carroça, viajando no tempo, com a Commedia Dell'Arte. Saltimbancos do século 20, porque ir e vir era uma troca de conhecimento.

O teatro já fora realista, agressivo e absurdo, e renascia novo, clássico e eterno no sertão do Brasil.

Um grupo de jovens atores estranhando sua gente, num trabalho apaixonante e apaixonado.

Em Salvador, fomos visitar o terreiro de Mãe Menininha do Gantois. Quando lá chegamos, tiramos os sapatos: ela mandou-nos para fora, a fim de tirarmos a maquiagem e o figurino. Não nos receberia fantasiados, com a roupa de cena, privilégio do nosso diretor, única pessoa que pôde permanecer. Ele recebeu um frasco misterioso, que não poderia quebrar-se.

86

No caminho, a carroça caiu num barranco. Fernando foi preso, e aquela foi a última viagem de muitos de nós... O vaso partiu-se, estávamos quebrados e esgotados, era preciso reabastecer nossas baterias, tínhamos percorrido os sertões e as veredas do grande Guimarães Rosa e encontrado o Brasil do índio, do negro, do sertanejo e dos coronéis. Um cenário desconhecido para a maioria dos brasileiros que vivem nas grandes capitais. Levamos a fantasia e o sonho em troca da realidade bruta e árida de um povo que sobrevive bravamente.

Mas, apesar das dificuldades, esse intercâmbio cultural só nos enriqueceu. Em Ilhéus ficamos

hospedados no mesmo hotel onde Dona Flor e Teodoro passaram a lua-de-mel, personagens do romance de Jorge Amado: *Dona Flor e Seus Dois Maridos*.

Foi na viagem da Carroça que Eliná Coronado conheceu o pai de seus três filhos, alegria e orgulho de sua vida, Ivan Lima. Pôde ver seu filme *O Leito da Mulher Amada*, exibido em todas as capitais por onde passamos, coincidência que o transformava no grande astro da Carroça, um celeiro, uma escola para profissionais.

A realidade fora da Carroça era quase inviável: salvo raras exceções, havia as panelas, as intrigas, inseguranças... Manter um grupo coeso e equilibrado era tarefa muito difícil, porque trazíamos vícios de convivência, despreparos, cada qual com suas verdades e mentiras. Vínhamos de um teatro sem plateia e um sonho de casas lotadas.

Trabalhar com as grandes estrelas da TV era a fórmula na qual os produtores acreditavam e pela qual mantinham seus espetáculos, formando um círculo fechado e nos ignorando. Apenas figurávamos em pequenos papéis.

Os medalhões do teatro já tinham a sua própria companhia, e nenhuma grande vedete se arriscaria a promover um principiante.

Na Carroça não havia esse esquema, todos eram considerados excelentes artistas, tínhamos a colaboração da imprensa, que sempre nos festejou, e o idealismo da juventude, de sonhar o sonho impossível, quase impossível. Éramos os comediantes, os palhaços do maior circo do mundo, éramos os últimos saltimbancos do século.

*No meu quintal a gente armava o circo  
A nossa lona era de lençol  
Nosso trapézio era a goiabeira  
E a banda inteira: tampa de panela  
Era a vassoura que se equilibrava  
A grande fera era o meu gatinho  
Eu só queria ser o Arrelia  
Pra fazer folia, pra cantar assim  
Como vai... Como vai... Como vai...  
Bata palmas, peça bis  
Faça um palhaço feliz.*

**Roberto Nogueira e Gilda Vandembrandi**

## **A Natureza do Trabalho**

A vida na Carroça era confortável e agitada. As cidades recebiam os artistas e o teatro com carinho: a expectativa do nosso povo era muito grande. A Carroça percorria as ruas principais e com seu alto falante anunciava que, logo mais a

noite, na praça principal, haveria espetáculo. O público ficava curioso e rodeava aquela carreta toda pintada, que ia sendo montada, transformando-se num palco flutuante. As crianças nos rodeavam. Os técnicos começavam esse trabalho logo após o almoço e ficavam junto delas, para recepcionar e satisfazer a curiosidade da população. Eles eram bombardeados por perguntas: *De onde vieram? O que fazem? Como fazem? Para que isso e aquilo?* Enquanto isso, íamos desfazendo as malas, preparando figurinos e maquiagens para a função daquela noite. Em Goiás fomos recepcionados pelo pessoal da prefeitura, que nos levou para conhecer a casa da artista Maria Guilhermina. Além de trabalhos em cerâmica e granito, ela criava esculturas vivas em árvores plantadas no seu próprio sítio, trabalho detalhista que lembrava esculturas primitivas, totens. Era o convívio da arte com a natureza, uma vida em harmonia, orgulho de um povo paisagista, desbravador, corajoso e arrojado. Em Goiânia foram descobertas as primeiras jazidas de ouro, ciclo que atingiu seu apogeu na metade do século XVIII. Em Anápolis, a segunda cidade do Estado, a riqueza andava pelas ruas em saquinhos de pedras coloridas que ganhei e que foram transformadas em anéis, quando descobri que eram pedras semipreciosas. Era o povo de Goiás nos recebendo com ametistas e

pedras de todas as cores. No dia anterior, hospedados no Hotel Umuarama, Goiânia abriu as portas de seu clube para descontração em uma tarde ensolarada, além de uma visita inesperada à Cidade das Crianças, toda em miniatura. De noite, a lotação da praça foi total e o espetáculo arrebatador, a ponto de receber crítica e matéria de página inteira na Folha de Goiás, e a amizade do escritor e jornalista Carlos de Souza, que nos acompanhou durante toda a estadia. Foi por ele que ficamos conhecendo um pouco mais da história daquele Estado, cujo nome D. Pedro utilizara para agraciar sua filha com o título de Duquesa de Goiás. Em 1933, um decreto determinou a mudança e a realização do plano urbanístico da cidade mais nova do Estado, Goiânia, até surgir Brasília em 1960. E mais uma vez entramos na Kombi a caminho de outra cidade. E tudo ia ficando para trás, no aceno das pessoas que se despediam e desapareciam na poeira da estrada até surgir a imensidão verde do sertão do Mato Grosso. Lá a temperatura aumentava, para nosso tormento e desolação, pois enfrentar um calor superior a 40 graus não era costume de paulista nenhum. Esperávamos a chegada da noite com sua brisa leve, o que nos permitia saborear a cidade e a praça, nosso costume em noites enluaradas. E fomos entrando no interior do Estado, encontrando o nosso primeiro

rio, que levava o mesmo nome da cidade, Rio Verde, e além de transparente era acidentado, com corredeiras, cascatas e lagos. Um presente da natureza, um benefício para o homem, e todo o elenco participou desse contato mágico, dessa generosidade. Nossa tarde foi banhada por cachoeiras, uma alegria repartida pelo nosso grupo, desfrutando desse rio limpo e prazeroso. Impossível não pensar no Tietê, que atravessa a cidade de São Paulo, destruído pelo descaso de algumas indústrias, e que precisa ser recuperado. Mas lá no sertão do Mato Grosso, Eliná pôde sentir-se uma belíssima sereia, Marilena pôde repousar entre as pedras em busca de um bronzeamento natural e eu pude nadar despreocupadamente, vivendo meu dia de Tarzan. Era a aventura do teatro experimentando outros cenários, redescobrimo o outro Brasil, que os índios chamavam de Pindorama. Os índios, que agora permaneciam confinados em reservas para delimitar seus espaços, cobertos de vergonhas, de preconceitos e descasos. Eram a face oculta de um país em desenvolvimento.

91

## **As Cidades**

A cidade mais linda do país é chamada de maravilhosa, lá o coração pulsa mais, porque a beleza está por toda parte. A natureza privilegiada do



*Escultura de Maria Guilhermina (acima), e casa da artista, em Goiânia/GO (abaixo)*

Rio de Janeiro deixa qualquer pessoa mais feliz e orgulhosa desta terra cercada de mar por todos os lados. *O cântico das águas nos ensinaram que sua natureza é livre, como os seres humanos também poderiam ser, se compreendessem a mensagem da natureza e a sua liberdade.* (Fernando Muralha).

O espírito da época era de liberdade, mas vivíamos uma ditadura militar. No entanto, havia canções no ar, como a de Caetano Veloso, *Alegria, Alegria*. Os saltimbancos eram estranhamente jovens, adentrando cidades desconhecidas que ficaram gravadas na memória. O cabelo era comprido, em desalinho, contra o vento.

A segunda parte da nossa viagem começou com uma belíssima apresentação em Taubaté para milhares de pessoas e, em seguida, no Rio de Janeiro.

Havia uma certa ansiedade, porque ficaríamos por lá duas semanas e a fama da cidade fazia jus às canções. Ficamos hospedados na Casa do Estudante, acomodados em beliches, em dois quartos: o das meninas e o dos meninos. Nossa integração era espontânea, éramos uma família, a carne e a unha de um mesmo ideal.

Invadimos a cidade amada, por todos os lados, Pão de Açúcar, Redentor, Arcos da Lapa, Cine-lândia, Gávea, *num sol de quase dezembro*.

A apresentação na Praça Saens Peña foi um sucesso, rádio e TV fizeram matéria sobre nós. Na revista *O Cruzeiro*, no *Jornal Nacional* e em vários outros jornais éramos anunciados como *Os Últimos Saltimbancos do Século*.

Na realidade, éramos apenas artistas populares em busca de seu verdadeiro público, o povo, o povão, como é chamado na intimidade. E assim nossa aventura caminhava pela Ponte Rio-Niterói, com belíssimo espetáculo em São Gonçalo para cinco mil pessoas. Em Niterói, Eliná desapareceu pela manhã, encantada com a Ilha da Boa Viagem, passando todo o dia no Forte abandonado, construído em 1734. Em Campos, tivemos treinamento de primeiros socorros com o Corpo de Bombeiros, orgulhosos em nos mostrar suas habilidades e destrezas na escada Magirus. Em seguida entramos em Cachoeiro de Itapemirim/ES, terra de Roberto Carlos, onde há um monumento em sua homenagem.

Em Vitória/ES foram três espetáculos. Fizemos contato com um grupo teatral de lá que nos levou a conhecer o Teatro Carlos Gomes, e que não perdeu um só espetáculo da Commedia Dell'Arte. Foi ali que houve o primeiro desentendimento do grupo, uma briga entre Zélia Silva e Ivan Lima, recém nomeado por Fernando para ser diretor de cena. Ele nos tratava com excessiva autoridade e

acabou demitindo-se do cargo. Zélia arrumou um namorado na cidade, e viveu um tórrido romance por correspondência. Em Vila Velha/ES, José Geraldo foi substituído porque havia nascido sua filha, que hoje é atriz de teatro, e precisava dar maior atenção à sua mulher.

Quem substituiu José Geraldo em Vila Velha? Ninguém se recorda.

Nossa documentação está quase toda pronta, mas a memória falha, puxamos pela emoção... Nem mesmo por meio de fotos, ampliações de fotos tiradas na Bahia, em Ilhéus, a cidade seguinte no roteiro. Era como se nossa memória estivesse soterrada como a cidadezinha de Itabuna, onde as dunas encobriam-na, ficando somente a torre da igreja descoberta.

Em Itamaraju, a entrada da cidade era pela *zona*; em Itapebi, havia o esplendor do Rio Jequitinhonha; em Ubaitaba, Eliná ganhou um macaco que não lhe desgrudou a viagem inteira; em Guaratinga, a cidade sem luz, faróis de carros iluminaram o espetáculo; em Itabuna, fomos hospedados em casas de famílias e apareceu o furúnculo de Marilena; em Muritiba, a recordação da Casa de Castro Alves; em Cruz das Almas, havia banda de música e foram prestadas homenagens a Zélia Silva, por ser a sua cidade natal;

em Santo Amaro da Purificação, tivemos a visita surpresa da família de Paulo Brito e, por onde passamos, perdemos a conta das igrejas que, segundo a música de Dorival Caymmi, somam 365 no total. Depois foi a vez de Salvador e Sergipe. Em Estância (SE), tivemos nossa maior plateia.

Em Alagoas, Recife, Olinda e Caruaru/PE, fizemos uma grande quantidade de espetáculos, e fomos recebidos carinhosamente no roteiro percorrido pelo interior da Bahia até Vitória da Conquista (BA), onde Fernando foi preso e, para nossa felicidade, solto em seguida. Em Teófilo Otoni (MG) vi pela segunda vez uma pedra atravessar o palco.

96

Em Governador Valadares, Ivan Lima era o astro do filme *O Leito da Mulher Amada*, e era anunciado na rádio que o ator fazia parte do espetáculo da praça.

Em Muriaé (MG), a chuva nos castigou, cancelando as apresentações de Carangolo e Alegre (ES).

Sempre em frente, atravessando cidades, dormindo cedo e levantando mais cedo ainda, atores e técnicos preparam a Carroça de Ouro, a reboque de duas peruas, uma rural e uma Kombi. O primeiro veículo funcionava como palco, o segundo como porta equipamentos e

o terceiro servia para locação dos atores, uma rotina quebrada pela paisagem de 17 Estados.

À beira mar ou adentrando o sertão, regressar era tomar fôlego para nova empreitada: os inúmeros projetos da própria Carroça, o teatro rural, ao encontro do trabalhador do campo, Reisado regionalista e folclórico, ou o clássico Gil Vicente, adaptado em uma trilogia narrada por violeiros.

O coração fica apertado de tão cheio de saudades, e a cabeça repleta de imagens de um país completamente desconhecido. Viajar é aprender, é entrar no mundo do descobrimento, é escavar a história... E foi assim que entramos no túnel do tempo em Petrópolis/RJ, com a magia da cidade no ar: seu silêncio e seu respeito pela natureza, o Palácio de Cristal, o Museu Imperial, o Passeio de cabriolé. Era como entrar na história, fazer parte de uma época que ali se conservara para sempre. Os palácios, as roupas, os costumes, a arquitetura, um patrimônio à espera de seu povo. O deslumbramento da Corte Portuguesa, um pedaço do Brasil coberto pelo fausto de uma época que refaz a nossa história de mais de quinhentos anos.



*Cidade das Crianças, Goiânia/GO (acima, esq.), residência indígena, Dourados/MS (acima, dir.), Rio Jequitinhonha, Itapebi/BA (abaixo, esq.), e Sto. Amaro da Purificação/BA (abaixo, dir.)*

## Capítulo VI

### Entreato

#### A Regulamentação da Profissão

##### *Ser ou não ser Shakespeare*

Pela Lei nº 6.533/78, de 24/05/1978, e pelo Decreto nº 82.385/78, de 05/10/1978, foi regulamentada a profissão de ator. Até então não éramos considerados trabalhadores. Após 82 viagens a Brasília, numa luta escarnejada para discutir parágrafo por parágrafo da regulamentação, Lélia Abramo, então presidente do sindicato dos artistas, e seus advogados, conseguiram impor uma cláusula que dizia que quem tinha de dois a três anos de teatro amador era considerado profissional, pois só havia duas escolas de teatro no Brasil, a EAD (Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo) e a Escola de Arte Dramática da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Sucessivamente, foi encontrado pelos produtores de artes cênicas um viés legal, uma saída mediante a qual ficou estabelecido que abrir uma sociedade civil cultural sem fins lucrativos era a única forma de o ator exercer a profissão nas televisões. Isso também se propagou em outras profissões acadêmicas.

## Dulcina Fez Chover no Teatro

Pela boca do meu pai ouvia-se até os pingos que batiam no teatro de alumínio, que já não existe mais. A personagem era Sadie Thompson, o autor W. Somerset Maugham, a peça *Chuva*. Impressionado com o realismo, ele repetia essa história por diversas vezes. Emocionado, eu pensava: Dulcina é tão grande quanto Pelé. Que escola eles frequentaram?

Há quem diga que a prática traz a perfeição, e que a vida imita a arte. Assim sendo, não há limites nem receitas.

100

## A Commedia Dell'Arte & O Teatro de Cordel

De tradição europeia, o teatro de cordel é uma facção da Commedia Dell'Arte, resultado da dominação portuguesa, que assimilou essa cultura, introduzida e transformada em arte brasileira, no caso, nordestina. Denominadas comédias rurais, entraram para o repertório *O Nariz, onde é que Fica?* e *Quem tem um Rabo para o Diabo?*, de autoria de Thais de Almeida e Fernando Muralha, percorrendo diversas cidades paulistas. Nessa mesma linha de teatro popular, foi montada a *Trilogia das Barcas*, de Gil Vicente, grande autor que usava a linguagem do povo.

A linha vicentina tanto pode nos levar para a revista, como para o teatro clássico. Quando o teatro rural aparece é porque já não há mais saída, já não tem mais caminho.

O teatro é uma arte do povo para o povo. Só com esse sabor ele é autêntico. Como um barômetro, ele registra a elevação e a decadência de um povo. Não há crise do teatro, mas sim da sociedade. Além disso, deve-se admitir que no Brasil o teatro está destinado à burguesia, portanto uma parte mínima da população, o que não é gratificante para nenhum artista. (Fernando Muralha)

Como um espelho, a Carroça aparece na vida da população tal qual um teatro de reflexão, cumprindo sua função de esclarecer e conscientizar o homem do campo. Os artistas atuando como agentes de mudanças, como eram os autênticos saltimbancos.



**As cartas não mentem...**

**Ofícios - documentos emitidos pelas  
prefeituras, comprovantes do  
compromisso da Carroça com o povo.**

Walt Disney **MATINHOS**  
**A CARROÇA DE OURO**

EI, MATINHÓGI! VEJA QUANTA COISA ACHAMOS NO DEPÓSITO DE LIXO!



LIM GUARDA-CHUVA ONDE SÓ FALTA O PANO!



MAS, VEJA SÓ ESTA GUITARRA! COM LIMS BONS REPAROS.



REIGATO, DESCULPE ES-STA GUITARRA! A ALEGRIA DE VOCES MAS, TENHO QUE DAR A NOTICIA...

VEJAM QUANTOS TRAPOÇOS COLORIDOS!

E ES CAS CA

ESSA TURMA ARRANJA CADA POR-CARIA...

Walt Disney  
**ZÉ MAMBEMBE**  
 ZÉ CARIOCA (III)



ELES SÃO MUITO BONS! AH, AH! MORRER DE RIR!



ESSE PESSOAL ME FAZ LEMBRAR O ZÉ! VOCE É O BRASILI GRUPO DE ARTISTAS AMBULANTES E VIAJEI POR TODO O BRASILI ZÉ! VOCE NUNCA ME CONTOU ISSO!



ROSINHA, FIZ TANTAS COISAS IMPORTANTES NA VIDA, QUE NÃO DELI PRA LHE CONTAR TUDO!

OH-OH... QUE BACANA!

TRABALHEI NUMA COMPANHIA TEATRAL ONDE ELI ERA UM ELEMENTO INDISPENSÁVEL!

OH-OH... QUE BACANA!



OH-OH... QUE BACANA!

OH-OH... QUE BACANA!

A popularidade da Carroça e a criação de histórias em quadrinhos

**P**orque escolher o teatro, quando outras profissões se apresentam mais lucrativas, prestigiosas e seguras? Vocação? Necessidade de afirmar a validade pessoal? Vontade de ser útil ao seu momento e lugar? Talvez tudo isso, talvez nada disso. O fazer é que dá não só a dimensão de um talento, mas o sentido que toma essa vocação. Por que, pra que e para quem fazer teatro?

Alínd que não planejadas, as respostas a essas perguntas estão sendo dadas por um grupo de jovens atores, a maioria dos quais formada recentemente pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Eles integram o elenco da comédia *Compram-se Mentiras e Verdades*, que Fernando Muralha dirige para dar início às atividades da "Carroça de Ouro", companhia que ele criou para levar o teatro às ruas.

A partir da segunda quinzena de maio, sessenta espetáculos já programados começarão a apresentar-se nas praças públicas de quinze bairros da Capital, contando com a colaboração do Coordenador das Administrações Regionais, sr. Celso Hahne, e suas assistentes sociais comandadas por d. Aldaiza, e dos senhores Agostinho Costa Rosa e Ernesto Marquet, do Serviço Administrativo.

Sob o patrocínio da Comissão Estadual de Teatro, a comédia *Compram-se Mentiras e Verdades* já tem apresentações anunciadas em duas cidades do interior, Fernandópolis e Barretos. Na Capital serão feitas quatro apresentações em cada um desses bairros: Sé, Santana, Santo Amaro, Pinheiros, Penha, Ipiranga, Moisés, Freguesia do Ó, Lapa, Pirituba-Perus, Campo Limpo, Itaquera-Guaianazes, Vila Prudente, Vila Mariana, Butantã e São Miguel.

O elenco dirigido por Fernando Muralha reúne: Paulo Azevedo (Pantaleão), Rachel Araújo (Fioreta), Oswaldo Mendes (Arlequim), Sérgio Luiz (Brigadeiro), Osmar di Pieri (Capitão Espanveto), Sonia Cesar (Florentina), Cleusa Dias (Flamínia), Plínio Teixeira (Doutor), José Carlos de Aquino (Leandro) e João Luiz de Oliveira (Apresentador e Burro).

A "Carroça de Ouro", que vai levar *Compram-se Mentiras e Verdades* pelas ruas da cidade, foi cedida pelo Setor de Limpeza Pública, da Regional da Sé. Devidamente adaptada e reformada, a antiga carroça coleira de lixo transforma-se num palco estilo Renascença, desmontável, nas mãos do artista Francisco Giaccheri.

A peça escrita pelos autores portugueses Francisco Ribeiro e Costa Ferreira, é uma fantasia estilo "Comédia dell'Arte" (século XVII), requerendo portanto figurinos especiais, que foram bolados por Gláucia Amaral. Na realização do espetáculo, o diretor Fernando Muralha conta com a colaboração do coreógrafo Yellé Bittencourt e do mestre de acrobacia e malabarismo Oscar Klenguen.

### Teatro Popular?

Observando a distância que se estabeleceu entre o povo e o teatro (ou vice-versa), Fer-

nando Muralha concluiu pela necessidade de retomar dentro da própria história do teatro, os caminhos que reaproximaram os artistas do público quando, na Renascença, o teatro se fechava em recintos exclusivamente frequentados por determinadas classes. Acreditando ainda na magia e na paixão do teatro, Fernando Muralha achou que é chegado o momento de levar o espetáculo ao seu verdadeiro dono, o povo, percorrendo as ruas e as praças públicas.

Tão logo se deu notícia pela imprensa da "Carroça de Ouro", idealizada por Fernando Muralha, as repercussões entusiasmadas começaram a aparecer. Da tribuna da Assembleia Legislativa, o deputado José Felício Castellano afirmou:

— O mundo da "commedia dell'arte" regressa com a sua linguagem gôstica e cheia de ironia, repleta de mímica, com a sonoridade de uma voz aplicada aos sovins tratantes, aos senhores papudos e aos que roubam e ofendem. O público vai compreender. Gente de todas as idades e de todas as condições sociais, fascinada por esse mistério do teatro que consegue na voz dos atores apresentar um pouco da vida de cada um de nós.

O deputado José Felício Castellano concluiu assim seu discurso na Assembleia:

— Aventura prodigiosa, experiência fasciante, trabalho útil, positivo, que pode conduzir às mais belas realizações. Iniciativa inédita, cartas do próprio teatro, a "Carroça de Ouro" é dinamizada pela vontade, pela consciência da modernidade de um diretor de um grupo de atores e técnicos que, somando a sua sólida à solidez de outros, acharam a solidariedade.

*Compram-se Mentiras e Verdades*, teatro popular? Se entendermos por popular a tentativa de levar teatro a um público geralmente marginalizado e esquecido do processo cultural, o termo é correto. Para a maioria do elenco, qualquer tipo de rótulo é perigoso, até mesmo o "popular". Rachel Araújo, atriz formada pela Escola de Arte Dramática e que estreou em "Missa Leiga", resume o pensamento da maioria de seus colegas:

— Teatro comercial, teatro didático, teatro popular, teatro comercial... São adjetivos que frequentemente servem para empobrecer a idéia básica. Teatro. Eventualmente, pode-se dar um caráter específico a um espetáculo, caracterizando-o como popular ou experimental, por exemplo, de acordo com um objetivo determinado. Mas acima de tudo e principalmente, existe o fenômeno teatral que, sendo obtido em sua plenitude, vence até mesmo as barreiras da comunicação com o público, seja ele mais ou menos informado.

Rachel Araújo, Sonia Cesar, Oswaldo Mendes e Osmar di Pieri participaram juntos de vários trabalhos em teatro, o último dos quais, "Missa Leiga". Com os demais integrantes do elenco de *Compram-se Mentiras e Verdades* — José Carlos de Aquino, João Luiz de Oliveira, Sérgio Luiz, Plínio Teixeira, Cleusa Dias e Paulo Azevedo —, já havia, com quase todos, uma identi-

ficação de idéias. Não foi difícil, portanto, que mais uma vez eles se identificassem nesse trabalho na "Carroça de Ouro", que vem, inclusive, dar a possibilidade de realizar uma antiga preocupação comum: fazer um teatro que não apenas satisfizesse as vaidades pessoais, mas que seja útil a mais gente.

— É importante — afirma Sonia Cesar — que haja uma identificação no plano humano para que o trabalho profissional possa atingir os objetivos a que se propõe. Isso já havia sido aprendido com "Missa Leiga". Não se trata das pessoas olharem tudo por um só prisma. Ao contrário, é bom e necessário que haja discordâncias, desde que as pessoas consigam aquilo que se torna cada vez mais difícil — dialogar. Parece que estamos conseguindo isso no elenco da "Carroça de Ouro". Então começará um novo momento, tentar abrir espaço para o diálogo também com a plateia.



Texto de OSWALDO MENDES



# FOLHA DE S. PAULO

29 DE ABRIL  
1973

# Divulga-se

ESPERE POR ESTA CARROÇA:  
ELA CARREGA CULTURA E ALEGRIA.



Fernando Muralha transformou uma velha carroça de lixo puxada a burro na Carroça de Ouro, que está levando a "Commedia dell'Arte", com seus Arlequins e Colombinas, aos bairros da cidade.

Parte da nossa mitologia infantil, com seus Arlequins, Brigueiras e Colombinas, a Commedia dell'Arte sempre encanta. Realizada na rua, como aconteceu anteriormente, no Pátio da Assembleia Legislativa, te se repetirá hoje, às 20 horas, na Praça Roosevelt, com a peça *Compram-se Mentiras e Verdades*, e tendo por cenário natural uma lua crescente posta como que de encomenda, ela ganha o seu fascínio verdadeiro, que parece surgir da própria fonte do teatro.

Por todos os motivos, foi magnífica a idéia de transformar uma velha carroça de lixo da Prefeitura, puxada a burro, na Carroça de Ouro, que poderá percorrer os bairros da cidade e viajar pelo Interior. Quem conhece há muitos anos o diretor português Fernando Muralha, que acreditava mais na tarefa de formar grupos universitários no Interior do Estado, não se surpreende com a iniciativa da Carroça, fiel ao que ele sempre fez em sua terra. O teatro, que anda mais do que nunca à procura do público, está capacitado a empreender com a Carroça uma permanente festa popular.

Acompanhei o espetáculo com imenso agrado, sobretudo por ver com os atores, com pouca experiência de palco, sabem recitar o espírito da Commedia dell'Arte e as suas marcações vivas, ágeis, acrobáticas e fantasiosas. O amplo estrado em que se transforma a Carroça não fica paralisado numa imagem igual, multiplicando-se numa plasticidade renovada a cada instante. O movimento, essência da Commedia dell'Arte, anima de vida todo o elenco.

A maioria dos atores sabe encarnar as "máscaras" tradicionais do gênero, como um rendimento surpreendente, se se lembrar a sua inexperiência e nossa falta de tradição em desempenhos desse tipo. Talvez a explicação do fenômeno esteja em que

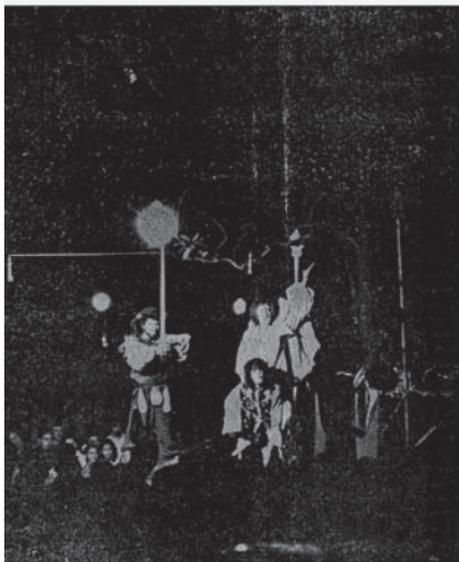
os atores por vocação trazem no sangue a herança de um teatro autêntico, que apela para a sua necessidade de utilizar todos os recursos do corpo.

Oswaldo Mendes tem a agilidade requerida de Arlequim e Paulo Azevedo compõe o grotesco de Pantalão. Antônio Fernandes convence como o galã Leandro e Rachel Araújo, Sônia César e Cleusa Dias dão graça às manhas femininas. Com o tempo, todo o elenco encontrará um linguagem comum. Os figurinos de Gláucia Amaral observam as indicações da Commedia dell'Arte. E a coreografia de Yellé Bittencourt contribui muito para a leveza e o ritmo do conjunto.

O texto dos autores portugueses Costa Ferreira e Francisco Ribeiro colocou em nossa língua alguma das personagens expressivas da Commedia dell'Arte. Há bons jogos verbais e não se traiu a essência do gênero. Entretanto, os episódios não me parecem bem costurados e o entredo não se controla com a nitidez desejável, e seria preferível, por certo, montar um dos numerosos bons roteiros originais. Esse ponto de vista, de qualquer forma, não desmerece a idéia de se divulgar dois nomes do teatro português contemporâneo que foram sensíveis ao charme duradouro da Commedia dell'Arte.

Está prevista a realização de 64 espetáculos por todos os bairros da cidade. A Carroça de Ouro, pela simplicidade e simpatia, vem sensibilizando as mais diferentes pessoas. Ela levará teatro, de graça, a uma população que provavelmente nunca pisaria numa plateia e que, a partir dela, talvez se estimule como espectador habitual. Por todas as suas virtudes, que se confundem com os valores mais puros do teatro, torço para que a Carroça de Ouro se incorpore à vida de São Paulo.

Sábado Magaldi



Os atores de "Compram-se Mentiras e Verdades", da CARROÇA DE OURO, criam um clima de encantamento e beleza em suas apresentações de rua

## Carroça de Ouro, hoje na Praça da Savassi

Matéria do Diário da Tarde, 05/03/1974

DIÁRIO DA TARDE  
BELO HORIZONTE, TERÇA-FEIRA, 5 DE MARÇO, DE 1974

Para realizar este seu velho projeto de levar o teatro às ruas, o diretor e idealizador do grupo "Carroça de Ouro", conhecido da Prefeitura de São Paulo, uma velha carroça de lixo parada à burro, que o cenógrafo Francisco Giacchini transformou radicalmente, adaptando-a para ser deslocada por um veículo. "Compram-se Mentiras e Verdades" o texto escolhido pelo grupo, já foi visto em várias cidades do País, sempre com sucesso. O público perde a inibição, a falta de hábito e participa intensamente do espetáculo, acompanhando todo o trabalho dos artistas com o mais profundo interesse.

O texto de Francisco Ribeiro e Celta Ferreira recita algumas das mais famosas máscaras da "Commedia dell'Arte" que nas suas intrigas divertidas e engraçadas, mostram ao público um teatro rico e fluente, indo da ópera, ao balé, desde ao vaudeville ou às apresentações dos cabarés. O público acompanhará as histórias de Arlequim e seu patrão Pantalão, em busca de amores. As voltas com Fiorina, Fiorentina e Flaminia, que os lidam com o pai Leandro, o marido de todas as mulheres. Para recrutar os atores para esta peça, Fernando Muralha preferiu trabalhar com elementos profissionais que tiveram uma formação teatral enriquecida por alguma experiência e, sobretudo por muito estudo. Por isso, procurou atores formados pela Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo, a maioria já com a especialização profissional de "Missa Letra", que excursionou por todo o País.

### No Savassi

O espetáculo que Fernando Muralha e a CARROÇA DE OURO mostram hoje em Belo Horizonte, "Compram-se Mentiras e Verdades", começará às 20 horas, na Savassi, com os seguintes atores: Os ricos — Edson Otonari (Pantalão); Pinho Teixeira (Doutor); Valter Mendonça (Capitão Espavento). Os pobres — Zélia Silva Fiorina, Tadeu Paletros (Arlequim); José Geraldo (Briquetta). Os astrológicos — Glauco Dias (Flaminia), Célia (Fiorina), Antônio Fernandes Leandro, João Luiz Oliveira (Arlequim e Burro).

O espetáculo é alegre e movimentado. O público, além de não pagar nada, assiste a transformação da carroça num palco de seis metros, com um cenário imaginoso e

colorido. Os figurinos são de Glauco Amaral e a coreografia é de Yvela Bittenouri, que criou movimentos e ritmos que dão aos atores novas possibilidades de criação. Segundo os críticos paulistas, o importante em todo caso, é o clima suscitado pela encenação. O público se sente transportado para um mundo fechada, acompanhando com vivo interesse o desenvolvimento da trama. Em alguns casos, essa participação chega a ser tão ativa, que muitos acabam participando da peça, representando junto com os atores. Quando isto acontece, o diretor Fernando Muralha afirma que se sente gratificado "E como se, de repente, sem perceber que os frutos do trabalho já começam a aparecer. Nosso público é variado, em termos de casa, nomenclaturas, opiniões, entendimentos, todo tipo de gente, mas as reações são sempre as mesmas, interessadas, participativas. Hoje às 20 horas, a CARROÇA DE OURO se apresenta com sua "troupe" na Savassi, e quem for, terá a oportunidade de ver uma das mais alegres e expressivas formas de teatro, já há muito desaparecidas dos nossos tempos, mas que tem sua volta patrocinada pelo talento, esforço e dedicação deste grupo de jovens atores.

O teatro é pelo menos uma forma de arte muito resistente. Sobrevivendo à força do cinema, da televisão e de tantas outras formas de distrair pessoas, inventadas e multiplicadas com incrível rapidez, nos últimos anos, fr ao teatro tornou-se também um ato caro e sofisticado para o grande público. Isso, que algumas expressões tradicionais e das mais puras, acabaram quase desaparecidas nos dias atuais. E, é tudo isto, somado a dificuldade que existe para o exercício da profissão de ator aliado com um mínimo de dignidade. Mas dentro de todo este conjunto de determinações, existem suas exceções. Por exemplo, quando jovens a leve idade às ruas para mostrar ao povo um bom teatro, encontrando imediatamente reperção entre o público, e que constitui também que não é verdade que o povo não gosta de teatro. A CARROÇA DE OURO é quase uma volta aos costumes do século XVII, quando ciganos saíam pelas estradas representando em breve um subgrupo de público interessado em vê-los. Hoje, em vez dos ciganos, atores formados por escolas de arte dramática, conscientes da força do teatro e de sua necessidade para trazer de volta um mundo de tradições que o povo está perdendo, mas sem querer perder.

# FOLHA DE GOIAZ

Goiânia, domingo, 25 de agosto de 1974

## HOJE TEM ESPETÁCULO NA "CARROÇA DE OURO"

"Compram-se mentiras e Verdades" é o espetáculo que está sendo apresentado pelo elenco do Teatro "Carroça de Ouro", desde ontem, ao ar livre, junto a Feira de Ciências que se realiza na Escola Técnica Federal de Goiás. Trata-se de uma comédia típica do Século XVII, onde as cores e a pantomima são partes fundamentais do espetáculo.

Hoje, domingo, o espetáculo será realizado na Praça Almirante Tamandaré, no Setor Oeste, às 20 horas.

"A Carroça de Ouro" que faz parte do Programa Ação Cultural do Ministério da Educação e Cultura, e é dirigida pelo sr. Fernando Muralha, que coordena os espetáculos apresentados por aquele elenco, é uma reedição da "Comédia Dell Art", criada na Renascença, quando o teatro era apenas privilégio das elites e, velhos atores, resolveram criar espetáculos para as classes menos favorecidas, criticando em seus espetáculos de então, os costumes e os membros da alta elite, numa forma de protesto.

### CARROÇA

O diretor do elenco que representa usando a "Carroça de Ouro" como palco, em lugares diferentes e em várias cidades do Brasil, atualmente, empreende "tournee" pelo país, realizando espetáculos em treze Estados, iniciando em Brasília e devendo percorrer outros onde realizará um total de noventa espetáculos. O sr. Fernando Muralha, que já dirigiu durante oito anos várias companhias de estilo popular, na Europa e no Brasil, especializou-se em teatro de estudantes tendo dirigido muitos elencos de universitários, sendo um dos poucos técnicos especializados em teatro popular ao ar livre.

A "Carroça de Ouro", segundo conta o diretor da Companhia, era uma antiga carroça usada pela Prefeitura de São Paulo para a coleta do lixo, que foi transformada em palco teatral, no mais perfeito estilo Renascentista, sendo hoje usada pelos quinze atores profissionais que participam dos espetáculos levados aos bairros, onde há necessidade de apresentações teatrais e não existem teatros.

A adaptação da "Carroça de Ouro", foi feita pelo coreógrafo do Teatro Municipal de São Paulo, Fran-

cisco Giaccheri sendo a coreografia da peça "Compram-se Mentiras e Verdades", criada pelo coreógrafo Yfê Bitencourt, brasileiro que coreografou na "Broadway" a peça "O Camelo" e, os figurinos são de Gláucia Amaral.

"Se o povo não pode ir ao teatro, é nossa obrigação levar o teatro ao povo", diz o diretor Fernando Muralha, que se dispõe a percorrer os principais Estados brasileiros, levando os espetáculos que são montados ao ar livre e inteiramente grátis para o público, coisa que já vinha fazendo mesmo antes de sua "Carroça de Ouro" ser contratada pelo MEC-DAC para a temporada que ora se inicia.

Os quinze atores, iluminadores, contra-regra, diretor, cenógrafo, em fim os elementos que compõem o Teatro "Carroça de Ouro" podem ser comparados aos últimos Saltimbancos, ou aos últimos sonhadores do século, que enfrentam as maiores dificuldades no transporte do teatro de uma para outra cidade, de um para outro Estado.

### PÚBLICO

No entender do técnico Fernando Muralha, o público brasileiro sente muita necessidade de espetáculos teatrais e é a "melhor plateia que conheço". Ao dizer isso, ele invoca sua qualidade de profundo conhecedor do Teatro Popular, não apenas no Brasil, mas em vários países, principalmente da Europa, onde por

8 anos dirigiu inúmeras companhias populares de teatro.

O maior inimigo do elenco do Teatro "Carroça de Ouro" é a chuva, já havendo casos em que caiu exatamente no momento em que o espetáculo era apresentado, obrigando público e atores a procurar abrigo, já que a carroça - autêntica - não tem cobertura.

Não dispõem de camarins, na "Carroça de Ouro", os atores usam casas próximas, ou os hotéis onde se hospedam, para a troca de vestuários e preparação da maquiagem com que se apresentam diante do público.

O espetáculo é dividido em grupos sociais assim classificados: o grupo sem classificação especial, Arauto e Burro, interpretado pelo ator Ivan Lima; Os Ricos, Pantaleão, Capitão Dom Spavento Duval do Inferno e Dr. Cirúrgico Homeopata, interpretados pelos atores Roberto Lopes, Walter Mendonça e Paulo Fernando; Os Pobres - Cloreta, Arlequim, Briguella, vividos por Zélia Silva, Tadeu Falheiros e José Geraldo; Os Aristocratas - Florentina, Flaminia e Leandro, interpretados por Marilena Ribeiro, Eliná Cornado e Roberto Nogueira.

Assim, logo a noite, quando o Arauto subir no palco da "Carroça de Ouro" e gritar: "Digníssimo público, a vida é um grande palco, vai começar o espetáculo e estar nascendo toda a magia de 3 mil anos de teatro.



A "Carroça" é grande pedida em espetáculo teatral.

## OS ÚLTIMOS SALTIMBANCOS



Texto de  
Oswaldo Mendes  
Fatos de  
José Bosco



E qual o teatro?

Quanto tempo se passou — e como se passou — desde a criação das famílias nos lares, que os nossos pais e avós já não conhecem e a qual se pretende para ver o que os nossos filhos vão fazer no futuro. Assim foram os movimentos da Carroça de Fatos, desde o início, e a tendência para o futuro, em direção ao teatro, em direção ao teatro, em direção ao teatro.



Des atores saíram de São Paulo e, sobre uma velha carroça, vão mostrar o comédia "Compre-se Manteiga e Verdades" pelo Brasil. Dentro da tradição mambembe — com certezas eles são um dos últimos saltimbancos — esses atores, sob a direção de Fernando Murilha, visitaram vários Estados sob o patrocínio do MEC. E a Carroça de Ouro continuando seu caminho.

Três meses há que se levanta, segundo a crítica, o teatro de uma nova geração cultural, sob a direção de Fernando Murilha, que se apresenta por aí em várias cidades, visitando municípios e, por fim, o teatro.

Três meses há que se levanta, segundo a crítica, o teatro de uma nova geração cultural, sob a direção de Fernando Murilha, que se apresenta por aí em várias cidades, visitando municípios e, por fim, o teatro.

Tudo acompanhado e em condições de pensar uma ou outra coisa, até mesmo os movimentos em certos momentos, com a colaboração de vários artistas e artistas.

Três meses há que se levanta, segundo a crítica, o teatro de uma nova geração cultural, sob a direção de Fernando Murilha, que se apresenta por aí em várias cidades, visitando municípios e, por fim, o teatro.

Até aqui, Fernando Murilha, e a Carroça de Ouro, sempre acompanhados em viagens pelo Brasil, em direção ao teatro, em direção ao teatro, em direção ao teatro.

Três meses há que se levanta, segundo a crítica, o teatro de uma nova geração cultural, sob a direção de Fernando Murilha, que se apresenta por aí em várias cidades, visitando municípios e, por fim, o teatro.

Quanto tempo se passou — e como se passou — desde a criação das famílias nos lares, que os nossos pais e avós já não conhecem e a qual se pretende para ver o que os nossos filhos vão fazer no futuro. Assim foram os movimentos da Carroça de Fatos, desde o início, e a tendência para o futuro, em direção ao teatro, em direção ao teatro, em direção ao teatro.

Quanto tempo se passou — e como se passou — desde a criação das famílias nos lares, que os nossos pais e avós já não conhecem e a qual se pretende para ver o que os nossos filhos vão fazer no futuro. Assim foram os movimentos da Carroça de Fatos, desde o início, e a tendência para o futuro, em direção ao teatro, em direção ao teatro, em direção ao teatro.

Quanto tempo se passou — e como se passou — desde a criação das famílias nos lares, que os nossos pais e avós já não conhecem e a qual se pretende para ver o que os nossos filhos vão fazer no futuro. Assim foram os movimentos da Carroça de Fatos, desde o início, e a tendência para o futuro, em direção ao teatro, em direção ao teatro, em direção ao teatro.



# A Notícia

DIÁRIO MATUTINO

Fundado em 1916 por SILVIO FONTOI'RA



Os mambembes da "Carroça de Ouro", na cena final de seu espetáculo

## Grupo paulista chega a Campos para apresentar espetáculo para o povo

Chegou a Campos, ontem, para a realização de dois espetáculos de teatro, um dos quais às 20h de hoje, na Praça São Salvador, o grupo "Carroça de Ouro", sob a direção geral de Fernando Muralha, que percorre o Brasil apresentando a peça "Compram-se Verdades e Mentiras", no estilo mambembe do Século XVII.

O grupo obedece à tradição dos chamados saltimbancos, montando um espetáculo para o povo, em praças públicas. Traz tudo para armar sua peça, desde o palco, numa carroça estilizada, até sistemas de sons e de iluminação. Ontem, o grupo deveria apresentar-se em São João da Barra, mas a carroça quebrou um dos rotamentos em Rio das Ostras, reservando dois espetáculos para Campos.

Os personagens são figuras conhecidas do mundo teatral do Século XVII, como Arlequim, Pasteleiro, Floreta e o Ca-

pitão. A peça foi escrita na estrutura livre da Comédia dell'Arte, com figurinos de Gláucia Amaral e cenografia de Francisco Giachetti. O espetáculo é patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura, através do Programa de Ação Cultural do Departamento de Assuntos Culturais e sua montagem em Campos deve-se a uma iniciativa do Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura.

No elenco da comédia estão: Ivan Lima, Roberto Lopes, Marilena Ribeiro, Roberto Nogueira, Walter Mendonça, Paulo Brito, José Geraldo, Tadeu Falleiros, Zélia Silva e Elina Coronado. Em Campos, o espetáculo conta, ainda, com a colaboração da CELF, da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros. O palco será armado em frente ao prédio do Instituto de Açúcar e Alcool, na Praça São Salvador, oferecendo oportunidade a todos os camposenses a assistir-lo.

# Programa

Em cima de uma carroça, eles fazem teatro. E compram verdades e mentiras.

Nos dias 3 e 4, em Londrina, no Jardim Bandeirantes e em Paiqueré, estará se apresentando o grupo Carroça de Ouro com a peça ao ar livre *Comram-se verdades e mentiras*, numa iniciativa do Plano de Ação Cultural do Ministério da Educação e Cultura.

No mais puro estilo da "commedia dell'arte", *Comram-se verdades e mentiras* é um texto de autoria de Costa Ferreira e Francisco Ribeiro, apresentada ao ar livre, sobre uma carroça-palco. Ao fundo desta carroça, panôs com pinturas estilo antigo (século XVII) são os pequenos cenários, cuja execução é de Francisco Giaccheri, do Teatro Municipal de São Paulo. Aíás, toda a montagem técnica é constituída de grandes recursos (24 refletores de 500 watts, cada; 3 microfones e quatro cornetas de alta potência), além dos figurinos de Galucia Amaral, coreografia de Yellé Bittencourt, e acrobacias circenses orientadas por Oscar Kenquem.

Sob a direção de Fernando Muralha, o elenco constituído de 10 atores (Ivan Lima, Roberto Lopes, Marielena Ribeiro, Roberto Nogueira, José Geraldo, Walter Mendonça, Paulo Brito, Tadeu Falleiros, Zélia Silva e Elina Coronado), o grupo estará se apresentando dentro deste Plano de Ação Cultural do MEC, *comprando verdades e mentiras*, numa longa excursão compreendendo 13 estados, num total de 90 cidades. E, segundo seu diretor, eles seguem a rota do *Martin Cereté*, de Casiano Ricardo.

Ainda segundo Muralha, o espetáculo, que nasceu há quase dois anos, é todo baseado na tradição do saltimbando e do teatro mambembe. E a razão da escolha dessa peça se deu por se tra-



O grupo é considerado como um dos últimos saltimbancos na tradição mambembe.

tar de um texto divertido e sadio, com todas as linhas do teatro popular, isto é, estilo independente da dramaturgia literária e com base na improvisação (simulada). Em todo o espetáculo, os gestos dominam o verbo. Toda a ação se passa sem motivos psicológicos, a comicidade é brusca e saborosa, podendo-se criar uma metamorfose do elevado e heróico, para o riso comum. No espetáculo, antes de ser somente ator, o intérprete tem de ser acrobata, malabarista, palhaço e bailarino e possuir uma técnica de expressão corporal absoluta, principalmente sobre o ritmo e a economia de movimentos racionais.

O grupo *Carroça de Ouro*, tido como os últimos saltimbancos dentro da tradição mambembe, está levando seu espetáculo mesmo "numa época" em que o teatro, seguindo à risca as determinações de uma situação cultural confusa, luta entre ser agente revelador do homem e da sociedade, e ser mero deleite para quem o exercício de pensar é demasiado exaustivo".

O diretor, Fernando Muralha, é português de nas-

cimento. Tendo chegado ao Brasil, resolveu manter-se ligado ao teatro e reuniu esse grupo de jovens atores para quem o teatro ainda não tivesse perdido o encanto de uma paixão. E com isto surgiu a *Carroça de Ouro*, para levar o teatro em praças públicas, no seu sentido mais popular, com atores que, de repente, sobem a um carroção e começam a *comprar verdades e mentiras*.

Onde também o ator se manifesta em toda a sua potencialidade de interpretação, independentemente do local instaladinho, com poltronas, lotação determinada, cenários e acessórios. A área de jogo e sua indumentária limitam-se ao indispensável à ação, sem procurar macaquear a vida, fazendo tudo no sentido de concentrar a atenção do espectador sobre o ator, que por sua vez, traduz o texto em valores plásticos e rítmicos, transformando tudo em imagens cênicas, a verdadeira linha do teatro puro. Essa carroça, velha e destinada ao lixo, ganhou nova vida, um nome e é o palco destas apresentações.

## “Carroça” fará apresentações para bóias-frias no interior

Neste domingo a Carroça de Ouro, fundada e dirigida há dez anos pelo teatrólogo Fernando Muralha, inicia mais uma série de 60 apresentações pelo interior de São Paulo, começando pela cidade de Limeira. E com uma novidade: seu espetáculo “E o nariz, onde fica?” será apresentado apenas para bóias-frias.

“Finalmente vou poder realizar meu grande sonho, diz Fernando Muralha, que é apresentar a Carroça para os bóias-frias, nas vilas onde moram. Esse é um público totalmente virgem em matéria de teatro e mesmo que nunca mais possa assistir a uma peça, ele terá a chance de explicar ao seu filho que teatro é bonito. Assim, quando seu filho vier para a cidade grande, ele vai procurar o teatro.”

Foi justamente com esse objetivo que a Carroça passou a existir, “ir à procura do povo”. Tanto que o projeto que está sendo desenvolvido este ano recebeu o nome de “O Teatro ao Encontro do Trabalhador”.

Apesar de já estar recebendo apoio da Secretaria da Promoção Social, órgão do Ministério do Trabalho, “o que nós estamos pedindo é que a Carroça se torne um projeto oficial, como o é a Olimpíada do Trabalhador, os cursos e festivais



Foto Nelson Amaral

Fernando Muralha, criador e diretor do grupo itinerante.

que a Secretaria promove para os trabalhadores. Isso ampliaria muito o mercado de trabalho para os artistas; além, é claro de levar o teatro onde ele deve ser feito: entre o povo”, explica Fernando Muralha.

### A PEÇA

“E o nariz onde é que fica?” é uma comédia rural de Tais de Almeida Dias e do próprio Muralha, que conta a história de um trabalhador do campo chamado Zé Farofa que, para salvar sua comunidade da miséria, resolve vender a alma ao diabo. Com o dinheiro conseguido, a comunidade progride, os camponeses melhoram sua situação, porém, continuam sendo gente humilde. Até

que o diabo resolve cobrar a alma de Zé Farofa, e começam as trapalhadas.

“É uma peça muito engraçada, com música, dança e cor, que faz o público dar boas gargalhadas”, diz Muralha.

O elenco é formado por oito atores profissionais: Rosemary de Paula, Lourdes Vianna, Tiziana Calogero, Glória Torres, Walter Mendonça, Antonio Rod, Antonio Ochoa e o próprio Muralha, que também dirigiu o espetáculo. Os cenários são de Francisco Giachieri, diretor de cenografia do Teatro Municipal de São Paulo e a coreografia foi preparada pelo bailarino Ellé Bittencourt, atualmente diretor do balé da Suíça.



## O Trabalho Festejado

Desde o início, a Carroça de Ouro foi um sucesso retumbante. A estreia em São Paulo foi aguardada com grande expectativa e o local escolhido para ela foi o terraço da Assembléia Legislativa, no Ibirapuera, com espetáculos para os deputados que aprovaram o projeto, intelectuais e o povo.

Era preciso levar uma grande alegoria para os centros urbanos, subúrbios e as periferias. A história de amor entre Florentina (colombina) e Arlequim atravessou o tempo, virou música de carnaval, inspirou o consagrado filme *Cabaret* e fez renascer o teatro popular no interior do país.

114

*Compram-se Mentiras e Verdades*, de Costa Ferreira e Francisco Ribeiro, é uma peça acessível, dirigida a qualquer tipo de público, sem distinção. Cumpre dessa forma sua função de atingir o povo simples, operários das fábricas dos bairros, que dificilmente ficariam indiferentes à história de Arlequim. Atrevido e enganador, ele namora a ingênua Floreta e é amigo de Briguela, que tem como patrão D. Pantaleão, homem avarento e ambicioso, que morre de ciúmes de Leandro, poeta e galanteador, namorado das belas Flaminia e Florentina, que são cobiçadas pelo capitão e pelo doutor, criadores das maiores atrapalhadas

e confusões anunciadas pelo arauto e sofridas pelo burro. Uma história aparentemente simples, mas sofisticadíssima, com o charme da Commedia Dell'Arte. Como disse Paulo Bonfim, um dos incentivadores e colaborador do projeto inicial que se estendeu por tantos anos: *Um evento importante, com o objetivo de reconquistar seu próprio público, como foi anunciado pelos veículos de comunicação mais importantes do País. Uma trajetória fartamente documentada pela imprensa, desde o belíssimo pronunciamento na Assembléia feito pelo Sr. José Felício Castellano, que teve no seu discurso um 'toque de midas'; Sábato Magaldi: O teatro que anda, mais do que nunca, à procura de um público, está capacitado a emprender com a Carroça uma permanente festa popular; e João Apolinário: Um exemplo a seguir.*

115

Uma missão que contagiou prefeituras e secretarias por onde passou, que reconheceram a necessidade de construir teatros e casas de espetáculos, além de fomentar grupos de jovens para dedicarem-se ao teatro.

### **Abram Alas que a Carroça Vai Passar...**

Com a finalidade de restituir ao povo o que realmente lhe pertence, sua cultura, o público da

Carroça aumentava cada vez mais com o passar dos anos. Chegou a milhões de pessoas, apresentando *Auto de Natal*, em comemoração às festas natalinas e aos grupos de reisado, promovendo uma verdadeira festa popular. A Carroça de Ouro era a prova de que o teatro não estava em crise. É que a crise social que abalava o País nos deixava poucas opções de lazer, devido ao alto custo de vida, constrangimento que interfere diretamente na vida de um povo carente de teatro, e que se identifica com ele. Essa aproximação foi, com certeza, a recuperação do prestígio dos responsáveis pela cultura do País, comprovada por nós que participamos, certos de que mais de 80% dos espectadores nunca tinham assistido a um espetáculo teatral.

116

Em sua adaptação da obra *Trilogia das Barcas*, de Gil Vicente, Fernando Muralha optou por popularizar os autos renascentistas, introduzindo um violeiro como apresentador, tentando cumprir a função que via para o teatro.

*Um espetáculo deve levar as pessoas ao deslumbramento e, ao mesmo tempo, colocar ao público algumas coisas que talvez ele nunca tivesse pensado. O teatro tem por obrigação abrir um mundo novo de idéias e esclarecer as pessoas sobre a sua realidade (Fernando Muralha).*

Para coroar essa festa de popularização da Carroça, entram para o repertório mais três peças: *Um, Dois, Três, Era uma Vez*, infantil contada por seis palhaços, e as comédias rurais *O Nariz Onde é que Fica?*, que procurava traduzir os sentimentos e os valores do homem do campo, e *Quem tem um Rabo para o Diabo?*, concluindo que o povo agradece tudo o que é feito para ele, especialmente quando dirigido à compreensão do homem.

Em 1982, já era visível o nascimento de outros grupos de teatro itinerante, mas fomos a lugares nunca antes atravessados, fazendo espetáculos para boias-frias, que estranhavam os espetáculos a princípio mas, logo em seguida, se familiarizavam.

117

*É urgente que nasçam outras Carroças e que façam um teatro voltado para o gosto popular*, dizia Fernando, e era preciso ocupar todos os espaços. Assim, Fernando invadiu os museus com *A Formiguinha Convencida*, de sua autoria, e abriu a semana teatral em Santa Fé do Sul (SP). Nascia na Carroça um novo sonho: o teatro rural, com projeto destinado ao trabalhador, numa linguagem simples e direta, baseada no que o teatro tem de mais puro e essencial, a simplicidade, para interagir com o público de forma natural e objetiva.

Português de Lisboa, Muralha começou sua carreira em 1955. Veio para o Brasil em 1964, e aqui deu prosseguimento ao trabalho de ator, diretor, escritor e produtor. Uma personalidade múltipla e convicta de que só no palco se realizaria. Junto com Valéria di Pietro, adaptou a obra *Valéria e a Vida*, do irmão Sidônio Muralha, poeta consagrado, radicado também no Brasil, completando as atividades da Carroça. Desde 1993, Fernando percorre várias partes do País realizando recitais de poesia de Fernando Pessoa e de Sidônio Muralha. Uma forma de manter contato com o palco a que ele tanto ama. Foram anos de trabalho incansáveis, dedicados por um homem que entendia de teatro popular e que não poupou esforços para realizá-lo.

Uma satisfação em dizer: *Cumpri minha parte e, se deixarem, dou-me ao que resta da parte que me cabe no palco e na praça, principalmente agora que sou cidadão brasileiro.*

## Relação das Reportagens

### Jornais

Última Hora (SP) – 29/04/1973 – Oswaldo Mendes  
– *O Teatro sai às Ruas*  
Folha de S. Paulo (SP) – 12/05/1973 – Fausto Fuser  
– *Teatro Viaja Numa Carroça*

O Globo (RJ) – 18/05/1973 – *O Bom Teatro Vai à Rua em Carroça que Era de Lixo*  
Folha de S. Paulo (SP) – 07/06/1973 – *A Carroça junta Gente*  
Última Hora (SP) – 20/06/1973 – João Apolinário – *Esta Carroça leva Bom Teatro ao Povo*  
Última Hora (SP) – 26/09/1973 – João Apolinário – *A Carroça de Ouro vai Parar?*  
Folha de Goiás (GO) – 01/09/1974 – Carlos de Souza – *A Carroça de Ouro está distribuindo Cultura*  
A Gazeta de Vitória (ES) – 12/10/1974 – *Teatro de Graça*  
Diário de Pernambuco (PE) – 05/11/1974 – *Carroça faz Sucesso em Beberibe*  
O Estado de S. Paulo (SP) – 27/07/1975 – *O Show vai à Praça*  
Panorama Londrina (PR) – 03/10/1975 – *Em Cima de uma Carroça eles Fazem Teatro*  
Última Hora (SP) – 06/01/1976 – *A Reisada da Carroça de Ouro*  
Última Hora (SP) – 06/08/1977 – *O Sonho Mambembe de um Português*  
Última Hora (SP) – 24/01/1979 – *Qual é a sua... Fernando Muralha*  
Folha da Tarde (SP) – 23/08/1979 – *Teatro, Agora Também nos Museus*  
Jornal da Orla (Santos-SP) – 10/10/1979 – *A Carroça de Ouro no Festival de Verão*  
O Jornal de Santa Fé do Sul – 15/12/1979 – *Fernando Muralha Abre Semana Teatral*

Lençóis Paulista (SP) – 29/11/1981 – *Teatro Sobre Rodas*

Folha de S. Paulo (SP) – 18/09/1982 – *Carroça Fará Apresentação para Boias-Frias*

A Gazeta (SP) – 03/11/1983 – *Quem tem um Rabo para o Diabo?*

Folha da Tarde (SP) – 23/10/1984 – *Uma Carroça Leva o Teatro ao Povo*

Jornal da Barra (Barra Bonita/MS) – 12/01/1985 – *Carroça de Ouro*

## **Revistas**

Geratriz – Estudos Literários – *O Teatro da Carroça de Ouro* – USP – 1975

Walt Disney – *Zé Carioca em Zé Mambembe* – Almanaque Disney – 1976

Walt Disney – *A Carroça de Ouro* – Almanaque Disney – 1976

## **Livro**

*Nau dos Desejos – De Repente o Teatro Acontece*  
– CJE – ECA/USP – 1994



*Cena de Valéria e a Vida, adaptação da obra de Sidônio Muralha*



*Atores: Ivan Lima, Tadeu Falheiros, Zélia Silva, Marilena Ribeiro, Roberto Lopes, José Geraldo, Elina Coronado e Roberto Nogueira*

## Capítulo VII

### Epílogo

#### Depoimentos

*Só é rico quem tem histórias para contar*

**Fernando Muralha**

*A Carroça foi uma experiência inesquecível, única! Uma das poucas coisas do gênero, talvez a única feita em termos de teatro. Havia um contato muito próximo com o público, muito direto: Tínhamos de chegar na cidade, abrir a carroça e preparar o palco. E eu, que dançava no Municipal como bailarina em pontas, num palco tão grande, com todo o preparo, de repente tive que fazer tudo isso em cima de um caminhão, tive que achar a forma para isso. É inesquecível! O público era o mais diferente possível, as pessoas mais simples, crianças, adultos, todo tipo de público; e a reação era fantástica, eles começavam admirados com a montagem, juntavam-se pela curiosidade, se inteiravam do que estava acontecendo e, no momento em que se iniciava a peça, era uma surpresa. Terminavam ovacionando-nos, era fantástico.*

*Yellê Bittencourt era um excelente profissional, de altíssimo nível, uma pessoa fantástica, e eu,*

*como bailarina, executava a coreografia. Era delicioso, era um prazer estar junto dele. O elenco também era fantástico, houve um entrosamento perfeito. Eu não conhecia quase ninguém, porque não vinha do teatro, mas me adaptei facilmente porque havia uma união muito grande: as viagens, a hospedagem junto, formávamos praticamente uma família, era muito gostoso. Era tudo muito divertido, muito engraçado, foram momentos inesquecíveis. A Carroça é um projeto que deveria ter continuidade sempre, e com muito apoio, porque essa parte de formação das pessoas, mesmo dos inexperientes como eu, foi um momento da vida que não se apaga. As lembranças são sempre agradáveis.*

*No início, considerei o Fernando Muralha um louco, porque ele tinha um projeto e falava nele com muito calor. Mas a gente não imaginava que ia ter um resultado tão grande. Era uma pessoa que acreditava em tudo, e acreditou em mim, que também não tinha experiência em teatro: eu era uma bailarina. Ele foi uma pessoa maravilhosa, que conseguiu batalhar mesmo com uma estrutura pequena, e conseguiu transformar realmente em ouro, não só a Carroça, mas todo o projeto, que teve um resultado maravilhoso.*

**Cleusa Dias**

*Minha irmã fazia minha concorrente na Carroça, disputava o personagem Leandro (Tony) comigo. Ensaivamos juntos, era muito divertido. Também como Tony, ela era uma pessoa muito dedicada, trabalhou sempre com teatro. Adorava fazer teatro infantil. Quem a conhecia sabe da dedicação dela ao teatro. Foi uma grande perda.*

### **Cleusa Dias, sobre sua irmã Cleibe Dias**

*Eu já estava casada com Tony quando iniciamos na Carroça, e praticamente continuamos em lua de mel prolongada. Ele vinha do teatro, era um artista plástico, convivia com tudo aquilo. Quando deixou a Carroça dedicou-se à sua atividade de artista plástico e alcançou muito sucesso. Viajou para a Espanha. Estava morando lá quando uma fatalidade o encontrou. É difícil falar de uma pessoa que amei, amo, e não tenho mais ao meu lado. O Leandro do Fernando era um personagem com o qual ele se divertia muito, aliás, todos nós nos divertíamos, pelo próprio tipo de teatro. De início, a convivência de trabalhar com ele também me divertia. Eu, que não fazia parte daquele contexto todo, achava mais divertido ainda. Mas era muito interessante. Trabalhávamos às vezes em casa. Nos primeiros momentos, ele me auxiliava com o texto e tudo mais... O Tony sempre desempenhou muito essa*

*parte dele, ele fazia isso com muito profissionalismo, muito mais do que eu, que encarava como uma coisa mais solta, mais divertida. Ele não, ele encarava a coisa com seriedade mesmo.*

### **Cleusa Dias, sobre Antônio Fernandes**

*Fui apresentado a Fernando Muralha pelo poeta e crítico de teatro, o português João Apolinário, que trabalhava comigo na redação do jornal. Veio o convite e, por conhecer muita gente da classe teatral, acabei apresentando grande parte do elenco que fazia a peça comigo. Os ensaios eram na ACM da Nestor Pestana. A carroça ainda estava sendo adaptada. Assumi o projeto pela seriedade do compromisso de fazer teatro nas ruas. Não se ouvia falar de teatro de rua, e isso era fascinante. Era uma época de problemas políticos, e participar da Carroça foi uma continuidade da EAD. Não ficar confinado ao teatro fechado era fascinante. Era um trabalho todo coreografado, todo gestual, e tinha o desafio de trabalhar sem rede de segurança, em contato direto com o público, interagindo.*

126

### **Oswaldo Mendes**

*A Carroça era uma experiência nova e fascinante, uma carroça de lixo que virava palco. Era fantás-*

*tico! Fator pertinente eram as intervenções do público a defender os personagens. Eram nossos cúmplices e interferiam na representação, nos davam avisos, dicas sobre a trama, chegavam a nos advertir: Não cai nessa.*

**Paulo Azevedo**

*É preciso um pouco de sonho: a Carroça era isso! Em Fernandópolis, devido à lotação da praça, não deu para improvisar uma coxia. Era gente de todos os lados. Você ficava na plateia esperando a hora de retornar à cena. De repente, um homem alto, forte, negro, sem dentes, veio em minha direção e falou-me muito comovido: Olha aqui, você não está vendo que ele está te passando pra trás? Se você quiser eu vou lá e dou uns sopapos nele.*

127

*Eu contornei a situação dizendo que estava fingindo que não sabia, senão ele ia lá e metia a mão no Arlequim, o Oswaldo Mendes.*

**Sônia César**

*Fui o primeiro ator a fazer o personagem Bri-guela, foi uma experiência fantástica. Depois fui substituído por Luiz Damasceno.*

**Sérgio Luiz – Buck**

*O espetáculo era muito interessante, trabalho corporal muito limpo, muito preciso. Era uma experiência nova, só havia feito teatro em lugar convencional, e me espantei com o público. Tive alguns tombos inesperados, quedas por fração de segundo, mas tudo acabava bem, em riso.*

*Na falta de algum ator, usávamos o espírito da comédia, que era a improvisação.*

### **Luiz Damasceno**

128

*A Carroça foi a oportunidade de atuar diante de plateias diversificadas. Foi fascinante trabalhar pra quem nunca tinha visto teatro, e fui obrigada a repensar o teatro e o trabalho teatral.*

*O que é fazer teatro no Brasil? Desafio! Esse é um país onde há tudo para ser feito. A gente tem mania de olhar para fora, plateias de Nova York, Europa, e não para a nossa plateia, para quem está representando no País. Que tipo de humor se pode apresentar a um público como o nosso? Me repensei muito nessa relação com a plateia pois, envolvida no fazer, você não levar em conta quem está te vendo... Mas com a Carroça era impossível, porque o espectador se transforma num parceiro seu.*

*Entrei para a Carroça por indicação do Oswaldo*

*Mendes e pelo próprio Muralha. Na peça interpretava a criada Floreta, era uma delícia... Difícil era o esquema precário. O pagamento era pouco. Não era salário, recebíamos por espetáculo feito, sem registro. Não sabíamos das relações do Fernando com as prefeituras. Recém-saída da EAD/ECA/USP, a Carroça foi meu segundo trabalho. Formávamos um grupo que se relacionava bem, era um trabalho na base da improvisação. Era bem interessante, bem homogêneo, e isso era etapa queimada.*

*O fato mais inusitado foi o espetáculo que eu não fiz. A perua ficou de me buscar na rodoviária em Campinas. A apresentação seria numa cidade próxima dali. Ficamos sem entender nada do que tinha acontecido. Eles devem ter inventado um outro espetáculo, com o elenco que estava lá. E quando deu 21h, eu, Oswaldo e Paulo (Floreta, Arlequim e Don Pantaleão) fomos embora. Até hoje não sei como eles fizeram, mas fizeram alguma coisa. Tinham de fazer.*

*Só a Cleusa era bailarina profissional, do Municipal, o restante do elenco era só ator. Mas o trabalho do Yellê Bittencourt era espetacular. Muito gentil, sabia que o elenco não tinha formação em dança, mas conseguimos realizar um trabalho sem estrelismos, muito simples, ao mesmo tempo em que a Gláucia bolava os*

*figurinos e o Muralha fazia seu trabalho minucioso na direção.*

### **Raquel Araújo**

*Tudo era imprevisto. As condições eram diversas, na praça tudo podia acontecer: desde um grupo de bêbados, até a mudança de clima, garoa... Mas não se parava o espetáculo por nada. Não tinha aparato de divulgação. A gente chegava mais cedo e distribuía panfletos, convidando para o espetáculo. Trocávamos de roupas nas casas de famílias, bares... E o jantar geralmente era oferecido pelas prefeituras. Fazia par romântico com o Cláudio Luchesi: eu era a Floreta, ele o Arlequim. Era um trabalho lindo.*

130

*Tínhamos de ser generosos no palco, brilhar. Todos tinham de brilhar para prender a atenção do público que estava passando e parava para ver. Era um aprendizado. Compartilhar as experiências do grupo em viagens era fantástico.*

### **Mayara de Castro**

*Fiz parte do primeiro elenco da Carroça, meu personagem era o burro e o arauto. A estreia foi em 07/06/1973, conforme jornal Folha de S. Paulo no pátio da Assembléia Legislativa. Quem*

*fazia o Leandro era o José Carlos de Aquino, que foi substituído pelo Antônio Fernandes. Os ensaios eram na Biblioteca Municipal do Itaim e no Sesc. Era um trabalho muito gostoso, ensaiado pelo Muralha, que me dava muito prazer e me deu muitas alegrias. Eu era professor. Já havia feito a EAD em São Paulo. Fui apresentado pelo Oswaldo Mendes.*

*O trabalho da Carroça me deu muita segurança de palco. Abriu uma interação com a plateia que foi muito interessante, mudando a concepção de outros espetáculos que fiz, me fazendo avançar além da caixa do palco, deramar para a plateia. A convivência da Carroça nos obrigava a estar sempre juntos. Me deu um grande amigo, um irmão, o José Geraldo Rocha. Desenvolvemos vários trabalhos juntos após a saída da Carroça que, para mim, foi a extensão da Escola de Arte Dramática.*

131

### **João Luiz de Oliveira – Joy**

*Conheci aquele português maravilhoso, o Muralha, quando tinha terminado o curso de teatro na Fundação das Artes, em São Caetano do Sul. Terminei a escola em 1971 e já tinha algumas experiências com teatro infantil no ABC. Fui apresentado ao Fernando pelo Oswaldo Men-*

*des. Trabalhava na peça A Viagem, produção da Ruth Escobar, uma superprodução sobre Os Lusíadas, com texto de Carlos de Queiroz Telles e direção de Celso Nunes. No teatro de baixo, ficava o pessoal da missa leiga. Não recebia, os pagamentos atrasavam, era muito difícil levar uma carreira de ator de teatro. Mas a Carroça foi um trabalho muito bom. A gente não tinha idéia do que ia acontecer. Fazia o doutor em Compram-se Mentiras e Verdades, e fiz também Auto de Natal. Fazia o boi e o Joy, o asno. Assim conheci boa parte do Brasil. Foi uma loucura viajar numa Kombi.*

132

*A classe teatral tinha um certo preconceito com a Carroça, com o teatro medieval e a Commedia Dell'Arte. Gianni Rato certa vez me criticou por esse trabalho. Mandeí ele à merda, me sentia marginal e isso era a glória, era meio marginal da marginalidade. Oitenta por cento do que sou, do que é minha cabeça, vem de lá, da Fundação das Artes e da Carroça de Ouro.*

*Eu era muito inseguro e acabei me desencantando. Casei, tive filhos, me afastei do teatro num processo natural da vida. Fiz também uma cirurgia na boca que me impedia de falar muito alto. Tentei a carreira de escritor, fiz letras, mas não terminei. Hoje sou professor de Direito aqui em Gurupi (TO). Sou um sobrevivente, sou um*

*caipira, gosto de mato e não tenho grandes ambições. Sou uma pessoa simples, muito simples. A Carroça era o Fernando, tenho um especial respeito por ele, era muito correto.*

**Plínio Pinto Teixeira**

*Uma experiência fabulosa, trazer a Commedia Dell'Arte de uma forma autêntica, em uma carroça, vivenciar o início do teatro, o começo de um trabalho pioneiro, porque o palco era feito por carroções em praça pública, super interessante. O pessoal vinha juntando-se à carroça pintada com cores bem vivas.*

133

*Eu fazia o personagem Capitão Don Spavento. Foi uma das maiores experiências de minha carreira. Do ponto de vista cultural, era fantástico levar a comédia como era feito na época. No palco italiano ela perde a autenticidade e no meio da praça não. Era muito rico, com aquelas acrobacias, aquele balé que, aliás, teve sua origem na Commedia Dell'Arte. Os personagens eram tão fortes e alegres que prosseguem no carnaval.*

*Foi na Carroça que eu pude comprovar a força do teatro. Em Fernandópolis (SP), o local da apresentação era em uma feira de gado. Após o rodeio, o local funcionava como um parque de*

*diversão, com várias barracas e muito barulho. Vestidos com a roupa de cena, adentramos a feira até o local onde a carroça estava montada. No trajeto inventamos de nos relacionar como os personagens da Commedia Dell'Arte, cumprimentando a todos, exibindo minha espada, interagindo com o pessoal, dando saltos até o local da cena. Quando começamos o espetáculo, todo aquele povo do rodeio estava à nossa volta, e o pessoal das barracas parou as suas atividades para nos assistir. Todo o rodeio estava presente. Tudo parou para a peça, mostrando a força da comunicação, que tem o teatro, o poder do visual, do texto e do espetáculo em geral.*

- 134 *Em Águas de S. Pedro (SP), a pedido do prefeito, pernoitamos na cidade. Paulo, Oswaldo e mais uma pessoa da qual não me lembro o nome agora, tiveram que vir de São Paulo, devido a compromissos. Era quase hora do espetáculo e eles não chegavam. Fernando Muralha já estava descabelado. Ensaíamos rapidamente as modificações, sem os três personagens, e enchemos de cacos e de novas situações, de improvisos. A comunicação com o público foi tão grande que o prefeito nos agradeceu e nos convidou para fazer o espetáculo novamente. Experiência que já utilizei em outras situações. A Carroça sem dúvida era uma escola.*

**Osmar di Pieri**

*Entrei para a Carroça em 1973, substituindo Os-mar di Pieri no papel do Capitão Don Spavento, indicado pelo Plínio. Permaneci até 1983, dez anos de teatro itinerante.*

*A Carroça foi uma grande escola, e Fernando Muralha foi meu grande mestre. Ele dizia: O teatro é como o mar, joga fora tudo o que não lhe pertence. E, apontando para a cabeça: O ator é cerebral.*

*Ele era a própria Carroça, foi um pai para mim, me acolheu como um filho quando mais precisei. Em certa época da minha vida, desempregado, sem ter para onde ir, pois havia sido desalojado do quarto onde morava, pedi-lhe socorro e ele me atendeu prontamente. Tenho um grande amor por ele, me ensinou grandes lições, fez do teatro a minha profissão e me ensinou a amá-lo. Era um grande poeta e excelente declamador. Conheci Fernando Pessoa pela sua boca.*

*Brigávamos muito, mas não por muito tempo. Fernando era teimoso, precavido e carente como todos nós. Seu sotaque era delicioso. Ele tinha umas coisas de pureza de alma, acreditava em tudo o que a gente falava, era duro conosco, mas nos amava acima de tudo.*

*Na Carroça, além de Compram-se Mentiras e Verdades, fiz a Trilogia das Barcas, de Gil Vi-*

cente (os três autos: do Inferno, do Purgatório e da Glória). Numa linguagem comum popular, dentro da filosofia da Carroça, fiz vários papéis, inclusive o diabo, porque nessa época viajei com o espetáculo Ópera do Malandro, de Chico Buarque, pelo Norte e Nordeste, até Belém do Pará, mas sempre retornava à Carroça, com Fernando a me dizer: Vês se agora não vais me abandonar de novo.

136

Mas nada se compara com as emoções que a Carroça nos proporcionava. Numa cidade do interior, um bêbado queria matar meu personagem de qualquer jeito. Sofri na mão dele. Uma mulher com uma cesta de flores, encantada com o espetáculo, nos cobria com elas. Quando fizemos o espetáculo para as prostitutas, no interior do sertão da Bahia, elas nos pediam as maquiagens, pois pintavam os olhos com rolha queimada.

Fernando não apreciava bebidas na Carroça, mas Tadeu tinha uma queda pela garrafa e, num belo dia de cuca cheia, ao dar uma pirueta no meio do espetáculo, sua ponte dentária foi parar na plateia. Ele deu um salto atrás dela, como se voasse. Caiu no meio do público, pegou-a, levou-a à boca disfarçadamente, como se nada tivesse acontecido, agradeceu e, sem cerimônias, continuou o espetáculo. Nos acabávamos de rir, pois ele quase não parava

*em pé. Mas essas coisas aconteciam muito raramente, como convém aos atores, que também são pessoas comuns.*

**Valter Mendonça**

*No início da década de 1970, eu estava de saída da Escola de Arte Dramática da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, quando fui convidado para fazer parte da trupe da Carroça de Ouro. Foi uma prova de fogo. Nunca tinha feito teatro popular, e muito menos Commedia Dell'Arte. Resolvi encarar o desafio, e descobri que a Carroça era um sonho inexplicável, uma emoção diferente e a busca do desconhecido.*

137

*Foi como olhar para dentro e refletir, talvez, sobre o elo perdido de um teatro essencialmente mambembe. O povo se reunia em volta da carroça. No início tímido e reservado, num misto de estranhamento e dúvida. Mas quando as luzes se acendiam e os atores subiam no palco, era como se a arte e a energia dos velhos saltimbanco tomassem conta de todos. O público ficava encantado, não perdia um gesto ou movimento. Estabelecia-se então uma cumplicidade de jogo e emoção inesquecíveis.*

Tirar partido era uma expressão que o Fernando usava com frequência. Um grande mestre! Aprendi com ele que o teatro não tem fronteiras e espalha riso e choro em todas as direções. As dificuldades de levar a Carroça País afora eram muitas, 11 atores viajando 20 mil quilômetros numa perua Kombi, por estradas sem asfalto, pequenas cidades sem nenhuma infraestrutura, passando por florestas, tribos indígenas e, às vezes, hospedados em quartéis em pleno período da ditadura.

138

Era o nosso jeito de acreditar e conhecer nosso povo e as nossas origens. Os saltimbancos estavam renascendo, apesar de um preconceito elitista e intelectualóide de muitos que não acreditavam na proposta. Naquele período, nenhum grupo de teatro ousou aventurar-se ou teve curiosidade para descobrir o interior do País.

O elenco do qual eu fiz parte montou também o Auto de Natal, adaptação de O Boi e o Burro no Caminho de Belém, para ser levado às igrejas de periferia da Grande São Paulo, e a Carroça se transformava na manjedoura onde nasceria o Salvador. O público comovido e sensibilizado, muitos com lágrimas nos olhos, assistia à encenação do presépio vivo e vinha nos agradecer pelas palavras de fé e pelos momentos de esperança que o espetáculo trazia.

*Éramos muito jovens, e hoje acredito que deveria existir mais Carroças de Ouro espalhadas por esse Brasil tão sofrido e sufocado pela produção pasteurizada de uma telinha que aniquila cada vez mais o destino do nosso povo.*

*Também descobri que o teatro apareceu na minha vida como um instrumento de aprendizagem, de busca de autoconhecimento e evolução pessoal. A Carroça foi um desses instrumentos que acontece em íntima sintonia, me mostrou um jeito de olhar a vida, uma constante tentativa de ser solidário e compassivo.*

**José Geraldo Rocha**

139

*Fazia teatro amador no interior. Sou natural de Palmital/SP e vim para São Paulo atrás de um sonho: fazer teatro profissional. Conheci Roberto Lopes, que me levou para trabalhar na Carroça.*

*Fui apresentada ao Fernando Muralha, que me admitiu imediatamente, exigindo que mudasse a cor dos meus cabelos. E assim me tornei a loira da Carroça. A personagem era Flaminia, e esse passo foi o início da maior aventura da minha vida. Permaneci de 1973 a 1975 na Companhia, e tenho orgulho em dizer que essa experiência foi a minha grande escola de teatro. O relaciona-*

*mento com os atores era como o de uma grande família, que briga, que se tolera, que se abraça, que se estapeia, mas que também se ama, com uma consciência acima de tudo: desafiar-se em um trabalho inédito e gratificante, levando arte a lugares onde nem circo havia entrado, lugares completamente esquecidos.*

140

*Era um desafio naquele momento histórico do País, no auge da repressão política e ideológica, com um espetáculo altamente crítico aos valores estabelecidos. Tanto que não esqueço da apresentação que fizemos praticamente obrigados, pois não podíamos recusar o convite de um militar, embora tivéssemos sido advertidos pelo diretor para que maneirássemos nas críticas e brincadeiras. Mas lá em cima, nesse território supostamente neutro que é o palco, fizemos o que tínhamos direito, encontrando, no final do espetáculo, o Muralha a se lamentar embaixo da carroça: O que vocês fizeram comigo? Vão acabar prendendo todos nós, é o fim da Carroça de Ouro. Nos convidaram a permanecer no quartel, e o Fernando, no desespero, dizia: Estamos presos. Até hoje não entendemos o que aconteceu naquela noite mas, no dia seguinte, seguimos rapidamente nossa viagem. Essa foi a noite do saci-pererê. A luz foi desligada bem cedo, ficamos a velas. Marilena dormiu a poder*

*de calmante. Durante a noite, ouviu-se passos ao redor da cama, e ao mesmo tempo não havia ninguém. Eu permanecia de olhos fechados, apavorada. E, sem que ninguém tivesse entrado no quarto, houve um grande barulho de pulos, copos e velas espatifados no chão. Pela manhã, o quarto estava de pernas pro ar. Permaneci acordada a noite inteira, sem entender o ocorrido. Marilena, “desmaiada”, ao acordar indagou-me sobre aquela bagunça. Os militares, ao servir o café da manhã, nos relataram que a casa era habitada por um saci-pererê, e nós pensávamos em voz baixa: “só se for de botas”.*

*Em Ponta Porã (MT), fiz um espetáculo sem ter condições físicas, acometida por uma crise de úlcera ou gastrite. Mas à noite o elenco me arastou para uma boate, onde havia uma reunião comemorativa com o prefeito, e nesse lugar fui apresentada ao futuro pai de meus três filhos. Minha filha Fernanda praticamente foi gerada em cima da carroça, e recebeu esse nome em homenagem a Fernando Muralha. Ela marcou a minha saída do espetáculo após o quinto mês de gravidez.*

*Na Carroça muita coisa se improvisava, e houve um dia em que Roberto Lopes caiu na plateia, altamente alcoolizado, e sem que eu percebesse fiquei feito uma barata tonta, procurando-o. Ele*

*permanecia escondido no meio do público, que após algum tempo o levantou, rolando-o em direção ao palco. Ele ficava caindo e levantando, para o delírio do público que aplaudia.*

*Muita coisa acontecia de improviso. Ivan Lima contracenava comigo, quando seu dente (pivô), uma jaqueta de porcelana, caiu no chão. Ele, desesperado, começou a procurar feito maluco, com a mão na boca dizendo: Ninguém pisa. E não deixou continuar a cena enquanto não o achou. O povo ria, sem entender, e aplaudia em cena aberta.*

142

*No Rio de Janeiro, José Carlos, nosso contrarregra, encantou-se, na Cinelândia, com os travestis. Sem perceber, partiu para a conquista de um deles, só entendendo que se tratava de um travesti quando ele abriu a boca. Sentiu a força de um homem de dois metros de altura, voltou correndo, apavorado, e o elenco inteiro estava rindo dele. Na Bahia, eu havia comprado um saquinho que era a minha alegria. Quando nos hospedamos em Barra Mansa (RJ), o bichinho entrou no assoalho do hotel e se escondeu. Fiz um escândalo. O gerente percebeu um buraco no chão do quarto e me avisou. Foi preciso remover tábuas por tábuas para retirar o macaquinho (Astrogildo). Muralha quase nos matou. O pessoal do hotel aceitou a permanência da*

*masquete como uma excentricidade da trupe. O sagui acabou no Zoológico de São Paulo.*

*Fernando era um homem extremamente carinhoso, se referia a mim como minha linda e a Roberto Nogueira como meu galã com trema no a, que acentua o sotaque castiço.*

*Na Bahia, fomos levados pelo prefeito de uma cidade, da qual não me lembro o nome agora, para conhecer um terreiro de candomblé. Ofereceram um banquete com comidas para lemanjá, a rainha do mar, a qual eles se referiam como meu santo de cabeça. Queriam me obrigar a comer aqueles pratos feitos no óleo de dendê. Recusei-me, devido à minha gastrite, tentando não ofender ninguém. Nosso motorista, que era adepto da religião, nos culpava da carroça ter caído no barranco: Castigo por ter recusado a comida dos santos.*

143

*O teatro que levamos para o Brasil é, sobretudo, um teatro de imagens muito fortes. Meu irmão, após dois anos (em 1978), refez a nossa trajetória. Passamos por lugares onde havíamos nos apresentado. Ao comentar sobre a Carroça, ouvia relatos emocionados de pessoas que haviam assistido ao nosso trabalho, que havia deixado marcas profundas, da mesma forma como ocorreu conosco, atores envolvidos.*

*A força dessa memória é recíproca. Marcamos e ficamos marcados para sempre.*

**Eliná Coronado**

*A Carroça foi uma experiência muito rica, tanto para a atriz, como para a pessoa. Como artista foi um grande aprendizado, não existe escola nenhuma que nos ensine a improvisar, resolver dificuldades momentâneas e sermos criativos diante de novas situações.*

144 *As lembranças são muitas, muitas cenas inesquecíveis, que não saem da memória. Lembro-me que em São João da Barra (RJ) vi, num fim de tarde, no Rio Paraíba, um barqueiro atravessando o rio na sua canoinha. Ao seu lado havia um cavalo acompanhando a travessia, e o sol estava se pondo.*

*Entre São Mateus (ES) e Itamaraju (BA), um dia inteiro de viagem, na metade do caminho encontramos uma cidade soterrada pelas dunas. Só se enxergava a ponta da igreja, a torre. A cidade ficava entre o mar e o rio, onde acontecia a pororoca.*

*Em Rio Verde (GO), após o espetáculo, descansando e papeando no quarto do hotel com as pernas para cima, despertei com o grito de Eliná e vi uma*

*aranha preta gigante do tamanho de uma mão que havia passado pelos pés dela; a gritaria foi geral, até o dono do hotel conseguir eliminar o bicho. Ninguém dormiu naquela noite.*

*Em Dourados (MS), fomos a uma reserva de índios. Pagamos para eles dançarem e, devido ao calor, pedimos a dança da chuva. Nos asseguraram a trovoada. Conclusão: não choveu e continuou 40 graus.*

*Em Aquidauana (MS), fizemos um espetáculo na zona. As prostitutas maravilhosamente pintadas, de vestidos longos, suspenderam suas atividades para assistirem ao espetáculo, admiradas e em silêncio, no maior respeito ao nosso trabalho. Tiramos os técnicos e alguns atores aos berros de lá de dentro, para nos levar de volta ao hotel.*

*Em Vitória da Conquista (BA), era véspera de eleição. Havia dois partidos na cidade, o do prefeito e o do delegado. O prefeito deu ordem para fazermos o espetáculo mas, no meio da apresentação, a praça foi cercada pelos carros da polícia. Fernando, cercado e preso por policiais, aos berros nos mandava continuar e, do palco, víamos o diretor sendo levado. De repente, a música parou interrompendo o espetáculo, e nos mandaram para o hotel. Uma voz no meio da multidão nos culpava por aquela situação.*

*Iniciou-se uma discussão. Os atores apavorados nos deram proteção, e fomos rapidamente embora. Mais tarde, o assessor do prefeito apareceu com a notícia de que Fernando seria libertado. O jantar daquela noite foi triste, ficamos na calçada por três horas entre um cigarro e outro, até sua chegada.*

*Em Salgueiro (PE), ficamos num hotel impossível de pernoitar, devido aos sapos e pernilongos. Eram tantos que mudamos o nome da cidade para Sapeiro. Os bichos nos perseguiram! Saímos de Dourados (MS), onde havia a reserva dos índios, viajamos a noite toda até chegarmos em Avaré (SP), entramos na cidade e demos de encontro com seis ou sete coelhos enormes tranquilamente à nossa frente, e no meio da praça principal. Até hoje não entendemos a cena surrealista que aconteceu.*

*O elenco brigava muito, por culpa do cansaço, do mau humor, gerado pelo desconforto e por algumas brincadeiras fora de hora, mas se respeitava também. Ivan e Zélia se desentenderam. Fernando encarregou o ator da direção de cena. Isso era uma novidade, e o descontentamento foi geral. No meio da viagem, o primeiro desentendimento foi com a Zélia, que não acatava suas ordens. Em pleno espetáculo, na cena do burro contracenavam juntos. Ela sentou-se com*

*toda força em suas costas, de vingança, e ele a derrubou no chão. Ela começou a estapeá-lo e ele a ela. O público aplaudiu em cena aberta até o final do ato.*

*Tenho saudades do poeta português Fernando Muralha. Seria maravilhoso se os atores que estão começando a carreira hoje tivessem essa oportunidade.*

**Marilena Ribeiro**

*Foi na Carroça que encontrei meus maiores amigos, que deixaram saudades. Éramos unidos, tínhamos um carinho muito grande uns pelos outros. Agitávamos cada cidade que percorríamos, era um contato mágico com o povo e o palco. Fernando era um pai, entrava de cabeça com a gente. Eu amo aquele pessoal todo. Uma coisa muito do coração, era mágico! Na época não valorizei tanto, mas bastou ficar distante para sentir a grandiosidade do encontro. Era maravilhoso! Eu conto para o meu pessoal e ele fica admirado. Eu sinto falta... Que falta me faz aquela Carroça. Eu quero fazer tudo de novo: chama o nosso pessoal e o Muralha, vamos viver novamente a Carroça!*

147

**Roberto Lopes**

*Levada por Valter Mendonça, fui parar na Carroça de Ouro em 1981. E aí adquiri a consciência exata do fazer teatro, sentida através do sonho de um homem que entregou sua vida ao palco. Ali fiquei por cerca de dez anos. Só quem passou pela Carroça de Ouro pode entender o que sinto. O que sentíamos todos quando as luzes se acendiam e vestíamos nossos personagens. E, na praça, que era nossa plateia, mulheres com crianças no colo, homens que largavam o bate-papo com amigos, os jovens que largavam o namoro, todos voltavam-se em direção a um só ponto, o palco. E durante quase duas horas ficavam ali, como que presos, olhando suas próprias vidas através da janela mágica que é o palco. Numa tarde desabou um enorme temporal, e eles continuaram ali. Nós, ensopados, seguimos o espetáculo até o final. O Fernando dizia: Não saiam de cena, não abandonem o público. Assim fazíamos, tomados pela nossa paixão. O espetáculo não parava por nada. Se as luzes dos refletores não podiam nos iluminar, os faróis dos carros o faziam. Um enorme gafanhoto pousou certa vez na cabeça de Liz Nunes e teve seu momento de glória, contracenamos com ele o espetáculo inteiro.*

*Um dia, muitos anos depois, fui dar aulas de teatro em uma cidade chamada Santa Cruz do*

*Rio Pardo (SP). Na rodoviária, o agente cultural da cidade, um rapaz chamado Jairo, me esperava para me acomodar, almoçar, enfim, para eu conhecer meus novos alunos. Durante o almoço, me disse que havia 45 inscritos, inclusive ele, e eu contei que já havia me apresentado em Santa Cruz do Rio Pardo (SP) com a Carroça de Ouro. Expliquei que era teatro de rua, feito na praça da cidade, etc. Ele arregalou os olhos espantado e contou que naquela época era um moleque, ainda com 8 ou 9 anos, e que o pai o levava para ver o espetáculo. Que a praça estava lotada, que assistiu sentado nos ombros do pai para poder enxergar, e que naquele dia decidiu que faria teatro. Ao final, com certa emoção, afirmou que era envolvido com a cultura na cidade por causa da Carroça de Ouro. E quantos outros que eu não tive a sorte de reencontrar fizeram o mesmo...*

149

*Uma noite, em uma pequena cidade, estávamos atrás do cenário da carroça, esperando o momento de começar o espetáculo, quando dois homens me perguntaram se também poderiam se apresentar. Que eram violeiros e cantavam música sertaneja. Eu disse que achava que sim, que depois da apresentação poderia ser, mas que eles falassem com o Fernando. Ele nem esperou que os rapazes perguntassem, e foi logo dizendo com a sua forte pronúncia portuguesa: O palco*

da Carroça é um lugar para o artista mostrar seu trabalho ao povo. Já que vocês são artistas e são povo, podem subir na carroça e mostrar o que sabem fazer. *E assim foi feito.*

*E quantas noites o povo curioso nos cercava e perguntava: O que é teatro? E ao final das apresentações voltavam e diziam: Eu gosto muito de teatro!*

*Meu coração disparava quando via caminhões de boias-frias pararem nas praças e aquele povo maravilhoso apoiando o queixo nas enxadas, transformando a expressão cansada num rosto de criança.*

150

*Foram tantas as emoções que senti, que me deram a certeza de que eu não poderia viver de outra forma. Era o palco a minha pátria, e era aquele o meu povo.*

*O Fernando Muralha deixou em mim uma crença forte. Muitos anos se passaram. Tenho produzido muito, pelo menos dois espetáculos por ano. Trabalho para uma plateia jovem e ouço muitas vezes os adolescentes dizendo: Eu gosto de teatro. Foi isso que ele deixou em mim, ou seja, minha ideologia.*

**Valéria de Pietro**

*Entre na Carroça em 1980, para fazer Compram-se Mentiras e Verdades, e fiquei quase dez anos. Fiz todos os infantis, as comédias rurais, foi minha escola de teatro, e Fernando foi meu grande mestre e amigo. Certa vez, fiquei presa num arrastão (batida) da polícia, no tempo do Erasmo Dias. Tinha todos os documentos, mas mesmo assim fui presa. Na delegacia, me desentendi com a investigadora e saí no tapa com ela. Acabei numa cela, destinada a passar uma semana, mas Fernando conseguiu tirar-me na mesma noite, ficando responsável por mim.*

*Foi na Carroça que eu conheci meus grandes e melhores amigos. Foi com um ator da Carroça que eu tive meu bebê, minha filha. Foi a época mais feliz da minha vida. No palco, sempre me senti à vontade, porque tinha estímulos, tanto da direção quanto da plateia. Era um presente para o povo que nunca tinha visto teatro. Era um acontecimento na cidade, quatro mil pessoas que se acotovelavam na praça para ver o teatro. Fora de cena era fantástica a união que existia naquele grupo.*

*Na comédia rural O Nariz Onde é que Fica?, Paulo Campana fazia o Anjo. Na barra da roupa dele tinha algodão e, como em cena acontecia uma explosão feita com pólvora, pegou fogo na bata do anjo, que não gostava de usar cueca.*

*Desesperado, levantou o camisolão, e apareceram suas partes íntimas. Fernando quase morreu de susto, e com as mãos na cabeça dizia: Vocês querem acabar comigo! Nós e a plateia caímos na gargalhada, levou tempo para a cena voltar ao normal.*

*Minha lente de contato de vez em quando caía e, quando isso acontecia, todo o elenco ficava parado, dando o texto, mas sem sair do lugar, e ao mesmo tempo procurando. Quando alguém achava, gritava: Achei! E todos caíam na gargalhada.*

152 *A Carroça só me traz boas lembranças: o carinho do Fernando e o amor que ele deixou no meu coração, ao teatro e a ele próprio. Faria tudo novamente com o maior prazer, acho que eu nunca saí da Carroça.*

**Liz Nunes – Flordeliz**

*Entre para a Carroça em 1987, trabalhei com o Gincó, a Valéria e a Liz. Fiz Quem tem um Rabo para o Diabo? e Valéria e a Vida, comédia rural com elementos de cordel e Commedia Dell'Arte. Para mim, foi inesquecível! Além de ator, era também o motorista da Kombi que transportava os artistas, e autor do incidente mais engraçado da Carroça. Mongaguá (SP) tem vários trevos e*

*eu dirigia a 60 ou 70 quilômetros por hora, com o elenco a gritar no meu ouvido: Entra aqui, entra ali, não é aqui, não entra lá. Acontece que, quando eu pisava no freio, o volante entortava as rodas, fazia uma curva de 180 graus. Se eu estivesse em linha reta e freasse a Kombi, pendia toda para o lado direito. Para continuar, tinha de forçar a direção para a esquerda e continuar em linha reta. Me confundi, entrei errado e acabei no barranco, de ponta-cabeça. Havia chovido e o barro estava mole. Dei cinco piruetas com o veículo em direção ao brejo. Fernando gritava: Ai Jesus!, com sotaque português, espantado. Liz, que estava lendo e grifando as partes principais do texto, ficou com o lápis na mão, e o livro desapareceu. O Gincó foi parar debaixo da Valéria, preocupado com os figurinos. O restante acordou do sono em meio à fumaça. Não parou um carro sequer para nos socorrer, e a Kombi só foi retirada da lama após três dias, completamente inutilizada.*

153

*Tenho saudades. Fizemos interior de São Paulo e Curitiba. Muralha tinha espírito de aventureiro. Tudo era tão novo pra mim. Aprendi a usar a voz, o corpo, me virar em cena, improvisar. Se montassem a Carroça de novo eu não pensaria duas vezes, toparia.*

**César Teixeira**

*Participei das apresentações do Sul e do interior de São Paulo em 1975 e 1976, não me lembro direito. Fazia curso de teatro e trabalhava na Bienal. Fui apresentada por Ivo Branco. Valeu por dez anos de escola teatral. Era emocionante chegar em cidades do interior que não acreditavam que tudo aquilo era real. Fernando é um ser humano maravilhoso, o espetáculo era muito alegre, muito colorido, o público participava.*

154 *No Sul, o inverno é muito frio. Eu estremecia de tanto frio. Tinha geado, e de início o espetáculo estava suspenso, pois não havia ninguém na rua. Coloquei um xale para fazer o espetáculo. Quando faltavam dez minutos para começar, a praça ficou lotada. No dia seguinte fiquei sem voz, tive de tomar injeção. Eu morria de medo. Gostei muito de participar desse grupo, foi uma experiência maravilhosa, um grande trabalho! Não saí da Carroça. Quando Fernando me chamou após um tempo, eu estava fazendo outro espetáculo, nosso elenco era formado por Vera Silva Barbosa, Gilca Tanganelli, Del Vigna e Marcus Cardeliquio.*

**Déa Resende**

*Entrei pra Carroça em 1975, fazia o Doutor de Compram-se Mentiras e Verdades. Fiz também a Trilogia das Barcas, O Nariz Onde é que Fica?, teatro rural, com linguagem de cordel e linguagem*

*universal. O público entendia tudo e funcionava em qualquer lugar. Esse trabalho era especial. Eu vinha de Santo André (SP). Passei a viver a Carroça 24 horas por dia, em viagens, convivendo com um grupo de atores. Foi fundamental para a minha formação, a Commedia Dell'Arte é a base do teatro. A idéia de fazer teatro de graça para o povo era maravilhosa.*

*Em Araucária (PR), cidade do presidente Geisel, onde havia uma refinaria, vieram homens de todas as cidades vizinhas. A população triplicou e as mulheres sumiram da cidade. Ficamos hospedados nos alojamentos da Petrobras e as atrizes foram levadas para pernoitar em uma fazenda distante. Nós ficamos com o armário encostado na porta, com um olho aberto e outro fechado, com muito medo. Parecia um navio abarrotado de homens. Nós, de cabelos compridos, maquiados, éramos figuras destoantes.*

155

*Conheci boa parte do Brasil! Isso tudo é inesquecível: visão de culturas diferentes e o processo de trabalho bastante enriquecedor. Fiquei na Carroça até 1982, comecei a produzir e escrever para teatro e TV, e dirijo eventualmente, mas a Carroça teve uma influência muito grande em minha vida, ganhei muitos amigos.*

**Marcus Cardeliquio**

*Em 1976, Tirabosque me levou para a Carroça. Foi uma experiência diferente, ao ar livre, em cima de um caminhão, muito gratificante, com um público carente, sem condições de pagar ingresso. Pessoas que nunca tinham visto uma peça de teatro. Mas havia também o público disperso e a gente tinha de atrair a atenção deles para o espetáculo. Um elenco maravilhoso, pessoas com as quais mantenho amizade até hoje. Fiz dois ou três ensaios e já entrei em cena, foi um rabo de foguete. O elenco me conduzia até eu decorar as marcações e deixas, mas foi sem problemas, devido à colaboração dos atores. E, no decorrer do trabalho, fui crescendo. Foi o meu primeiro espetáculo profissional. Durante a viagem a São Carlos (SP), a Kombi ficou retida em um posto policial da estrada. Sem condições, disseram os policiais. Então, o elenco passou a conviver com os guardas do posto, usando banheiro, contando piadas, tomando café, água, usando telefone, sofás e cadeiras, tumultuando de tal forma o local, que chegaram a nos pedir, pelo amor de Deus, que pegássemos o carro e sumíssemos dali.*

### **Wilson Sampson**

*Em 1977, fui contratada para fazer Compram-se Mentiras e Verdades durante 30 dias no Rio de Janeiro, de março a abril. Voltei em 1979, partici-*

*pando da montagem de Quem tem um Rabo para o Diabo?, de Thais de Almeida Dias e Fernando Muralha, que contava a história de trabalhadores rurais, tipos brasileiros muito engraçados.*

*Os espetáculos eram feitos na praça, ao ar livre, para lavradores que chegavam de caminhão, na maioria boias-frias. A reação era muito boa. A princípio ficavam na expectativa, depois se inteiravam da peça. Com certeza, saíam do espetáculo com outra consciência. Ficávamos fora durante meses, sem acesso ao meio artístico da capital. Era complicado conviver com um elenco tão grande, até por causa da disparidade de idade. Eu tinha 17 anos e a maioria do grupo tinha 30 anos.*

157

*Em Gália, no interior de São Paulo, juntamente com uma colega de cena, arrumamos dois namoradinhos. Eram duas gracinhas. Acontece que o próximo espetáculo era a 30 quilômetros dali e Fernando resolveu viajar para lá logo após o espetáculo. Inventei um mal-estar e pedi para ficar, juntamente com a outra atriz, e partir no dia seguinte, após o encontro com os rapazes, que se prontificaram a nos acompanhar de carro até a outra cidade. Pegamos o endereço do hotel da outra cidade e ficamos. Ocorreu que os garotos não compareceram, e como estávamos sem nenhum tostão, tivemos de suplicar carona*

*na estrada para chegar em Garça (SP). Foi a coisa mais sem graça que nos aconteceu.*

*Os técnicos eram o braço direito do Muralha e, quando ele adoecia, eram obrigados a entrar em cena no papel do diabo. Eles odiavam. Após relutarem muito, acabavam fazendo. Já pensou um diabo negro, 1,90 m x 1,90 m, preto retinto, com uma roupa toda vermelha e um rabo de dois metros de comprimento? Era demais.*

*Me profissionalizei na Carroça. Ao entrar para o grupo, o sindicato me forneceu um DRT provisório/mirim, uma autorização que funcionava como um estágio. Na saída, com uma declaração do Fernando, consegui o DRT definitivo, número 6935.*

158

*Foi uma grande experiência, uma verdadeira escola. Aprendi o que eu devia e o que eu não devia fazer em teatro, a respeitar e exigir respeito pelo meu trabalho, que se solidificava a cada espetáculo. Era uma vida com altos e baixos, alegrias e tristezas, necessárias para a formação de um artista.*

**Marlene Maria**

*Participei da Carroça somente em duas apresentações em Mongaguá (SP), na praia, a convite de Lúcia Dellelis. Fui passar dois dias com o grupo.*

*Era final de semana, uma das meninas faltou e eu a substituí na última hora. Após me explicarem mais ou menos, eu fui conduzida pela lógica do espetáculo, respondendo de improviso. O pessoal me encaminhava nas marcações, nas saídas, me dava um toque, e tudo ocorreu normalmente. Houve um grande entrosamento, foi o que houve de mais puro em teatro na minha vida, uma grande responsabilidade. Mas consegui levar minha criança interior para dentro do palco. Apesar de estar fora da grande caixa do teatro, com público bastante diversificado, tudo ocorreu bem. Na rua, o ator se encontra mais puro, mais emocional, diferente de quando tem o aparato teatral.*

159

### **Sandra Pacheco**

*Entrei para a Carroça em 1981, juntamente com Valéria di Pietro, Liz Nunes e Tadeu Falheiros, que acabou sendo substituído por Leno José, marido de Liz. Fui convidada por Isabel Ortega, amiga de Fernando, a entrar na Carroça. Me apaixonei pelo projeto, diferente e altamente popular, o extremo oposto do que vinha fazendo até então. Meu personagem era o anjo, criação minha, conforme a minha concepção. Atuei em 120 cidades do interior de São Paulo, certa de que agradava a plateia, pois riam muito, para*

*contento de Fernando. Fiz depois Trilogia das Barcas, Quem tem um Rabo para o Diabo? e Um, Dois, Três, Era uma Vez. Éramos mensalistas, e ainda tínhamos ajuda de custos.*

*Fernando dizia que a grande medida era o público, que não adiantava se fechar na vaidade. Nos primeiros meses fiquei apavorada, com medo de jogarem coisas na gente, depois passei a amar aquele trabalho. Os artistas já eram deuses, ainda fazendo o anjo, era emocionante. Temos conhecimento de que, após a passagem da Carroça, alguns grupos de teatro se formaram no interior.*

160

*Muralha tinha uma cabeça aberta, mas eu acho que poderíamos ter feito muito mais naquele palco, que eu tanto adorava.*

*Nas viagens mais longas, éramos instalados em quartos separados, e houve um tempo em que o cupido morou na Carroça, formando casais apaixonados no elenco. À noite, cada um passava para o quarto do outro, silenciosamente, na calada da madrugada, mas Fernando tudo sabia e nos dizia com todo o respeito: Gosto muito de casais em minha Companhia.*

**Fátima Ribeiro – Fatão**

*Antônio Rod veio para São Paulo para ser jogador de futebol e, devido ao seu corpo atlético, foi convidado para fazer filmes eróticos. Entrou para a Carroça por intermédio de Fernando Muralha, com grande êxito.*

**Fátima Ribeiro,  
sobre Antônio Rod**

*Trabalhar na Carroça de Ouro foi o início de uma nova vida, foi o início de uma grande amizade, foi desbravar a zona canavieira de São Paulo... Me desculpem, estou no fuso horário entre a China e o Brasil, meio Muralha da China e Fernando Muralha. Acho que foi aí que nasceu teu nome, Fernando, pois a Muralha foi construída em meio a muitas batalhas e, ao contemplá-la, contemplo você, meu querido português.*

161

*É engraçado falar da Carroça, pois me lembrei muito dela em meu último trabalho. Acordar cedo, malas, ônibus, trem; cada dia numa cidade, em cada cidade uma história, cada história montando a minha história de vida! Rostos tão diferentes que parecem ser os mesmos, rostos tão iguais que são tão diferentes, e todos eles buscando a mesma coisa: o espetáculo!*

*O meu trabalho na Carroça durou exatos seis meses, entre ensaios na Casa de Portugal e apre-*

sentações pelo interior e litoral de São Paulo. No elenco: Fernando, Walter, Ochôa, Galdino, Rose, Marlene e eu. Era 1984, meu primeiro trabalho profissional como atriz. No espetáculo Quem tem um Rabo para o Diabo? eu fazia a Florzinha, uma psicóloga meio hippie que volta à sua terra natal para desenvolver novas idéias. Uma substituição de Valéria di Pietro, de última hora, pois ela estava em cartaz com outra peça e não podia viajar.

162

Abriu também os meus olhos, me fez conhecer melhor o meu povo e as suas carências de educação, informação e diversão. Gente humilde das lavouras, grupos de pescadores que se juntavam nas pequenas praças para ver o teatro. Não tinha importância se fazia frio, chovia, faltava luz. Estivemos em 117 cidades e cumprimos todos os espetáculos.

Eu cresci muito nesse tempo de Carroça, e foi ela que me impulsionou para a vida de artista, me fez perder as amarras, aquelas que nos fixam num só lugar. Aumentou minha vontade de ganhar o mundo e viajar por mares nunca d'antes navegados.

Tínhamos uma programação a cumprir em Cubatão (SP), e chegando lá nos mandaram para a Vila Socó. No primeiro momento era assustador, não tínhamos idéia do que aconteceria, como seríamos

*recebidos, como os moradores se comportariam diante de uma peça rural encenada ao ar livre. O Fernando, que fazia o personagem do diabo, entrava todo de vermelho e de chifrinhos. No início fizeram muita gozação com o diabo e o pescador (Ochôa) mas, após dez minutos, o silêncio foi tomando conta do local e foi uma das melhores apresentações que já fizemos. No final do espetáculo, os aplausos foram ensurdecedores e eu chorei...*

**Sônia Bertolani**

*Entrei para a Carroça em 1983. Fiz O Nariz Onde é que Fica?, no papel do anjo. Restaurei as pinturas da Carroça com figuras de Calot, com máscaras, foi uma experiência muito boa, um grande público, uma realização como atriz. No início morria de medo do monólogo final, não podia deixar a peteca cair, mas tudo foi bem. Era um grande texto e o medo acabou no terceiro espetáculo.*

163

*A Carroça foi a experiência mais maravilhosa da minha vida. Tocava violão e cantava e, como era muito tímida, me valeu por anos de estudo sobre teatro e música. Foi na Carroça que descobri minha voz e, o mais importante, eu gostava de cantar em contato com a natureza. Eu era muito feliz!*

**Tiziana Calógero**

*Entrei para a Carroça de Ouro com 9 anos de idade para fazer o espetáculo Valéria e a Vida, baseado na obra de Sidônio Muralha. Até os 13 anos, durante os quatro anos, os espetáculos eram em praças e escolas. Para mim era uma grande brincadeira: eu era uma menina e o personagem também. Era tranquilo. O Fernando Muralha teve muita paciência comigo. Não tive dificuldades em fazer, tinha muita facilidade para decorar textos, sabia a minha parte e a dos outros atores. Quando alguém esquecia, eu lembrava, chegando até a fazer a parte de outro ator, caso ele não se lembrasse. Por exemplo, havia uma parte do espetáculo em que alguém teria que contar como nasceu o verde. A gente ficava algum tempo sem fazer e, geralmente, esquecia. Quem acabava contando a história era eu, que sabia a peça de cor. Foi meu único trabalho em teatro, acho que não tinha talento nem a disciplina necessária, apesar do sucesso que foi a peça. Na época, eu não tinha autocrítica, hoje já seria diferente. É preciso muita força de vontade para fazer teatro. Essa paixão eu não tenho.*

**Bárbara Souza Lopes**

*Participei da Carroça de 1986 a 1991. Fiz Quem tem um Rabo para o Diabo?, de Fernando Muralha e Thais de Almeida, Trilogia das Barcas, de Gil*

*Vicente, e Valéria e a Vida, de Sidónio Muralha, irmão de Fernando.*

*Era um trabalho ecológico, sobre os quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Estreou em Curitiba (PR), no primeiro Congresso de Ecologia. Em seguida, fomos para o interior de São Paulo e para a Baixada Santista. Quem tem um Rabo para o Diabo? era uma comédia rural, com elementos do teatro de cordel e a Commedia Dell'Arte. Trilogia das Barcas era um texto famoso sobre o julgamento final. Estreou na Casa de Portugal, com lotação esgotada para mais de mil pessoas. Nessa época, a carroça precisava de restauração e eram raros os espetáculos em cima dela, mas chegamos a fazer embaixo de garoa. Não havia cancelamento, Fernando dizia: Meu ator fez maquiagem, já está ganhando. Um dia cheguei atrasado e ele já estava fazendo meu personagem. Fiquei na plateia assistindo e, quando ele saiu de cena, fui para a coxia, me vesti e entrei no espetáculo. Ele conhecia todos os personagens e tinha uma tarimba para improvisar como nenhum outro ator. Nunca mais cheguei atrasado.*

*Quando fazíamos os circuitos das praias, a Kombi que nos transportava encontrava-se em estado precário. Fernando já tinha sido avisado, e na entrada de Mongaguá (SP), o veículo capotou.*

*Por incrível que pareça, ninguém se machucou muito, só levemente. Fomos para o hospital, mas nada aconteceu. Foi muito engraçado o veículo de ponta-cabeça no barranco, bem no meio das tábuas. Estávamos dormindo e acordamos assustados, parecia um liquidificador, uns por cima dos outros. Na estrada, a placa com nossa propaganda estava virada para a pista, na qual se lia com todas as letras, Secretaria da Cultura.*

**Antônio Ginco**

## Capítulo VIII

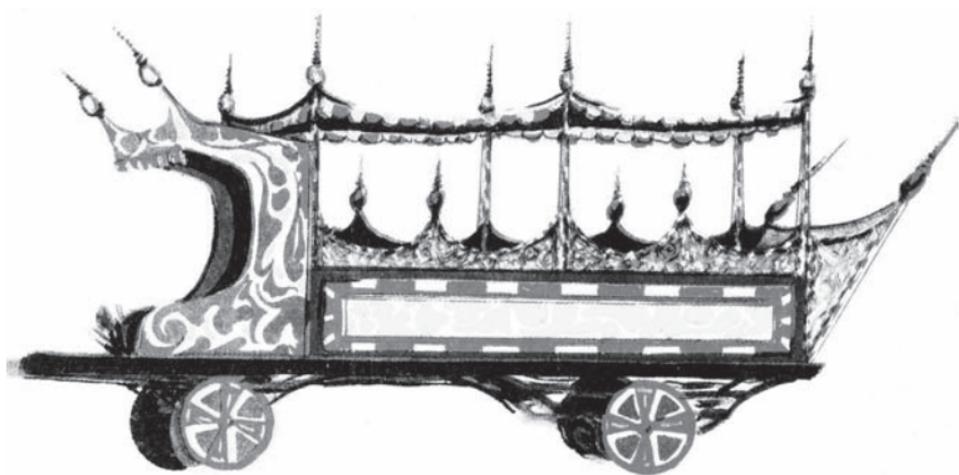
### A Comédia É Finita e Infinita

#### Paradeiro da Carroça do Sonho

Companhia Teatral inspirada em *Scaramouche*, cavaleiro, pirata e ator do século 16, e em *La Barraca de Lorca*, da década de 1920 do século passado. Projeto original de Francisco Jacquier, foi adaptado em 1973 por Fernando Muralha. Um antigo carro, coletor de lixo da década de 1950, reformado e transformado para servir de palco nas cidades onde não se sabia da existência de um teatro.

167

Permaneceram dois veículos, que eram puxados por juntas de burros, um que está exposto no Museu da Prefeitura de São Paulo, e o nosso, que percorreu o País em busca de um sonho.



*A Carroça*

*Conta a Lenda,  
Que  
A  
Carroça,  
Ou  
O  
Que  
Sobrou Dela,  
Encontra-Se Sob a Proteção  
De Algum  
Viaduto,  
Galpão  
Ou  
Da Casa de Cultura Mazzaropi,  
No Brás,  
À  
Espera  
De  
Que  
Outro Sonhador  
A  
Reabilite...*

## Biografia do Idealizador da Carroça de Ouro

João Fernando de Araújo Muralha – Fernando Muralha – nasceu em Lisboa em 13/12/1923. Filho do jornalista Pedro Muralha (autor de *História da Colonização Portuguesa no Brasil*) e de Beatriz de Araújo Muralha, atriz que deu à luz cinco filhos, entre eles um poeta e um ator. Formado em Arte Dramática, Fernando trabalhou como ator em Portugal, na Espanha, África e, por oito anos, como assistente de direção do TNPP – Teatro Nacional Português. Veio para o Brasil em 1963. Atuou e dirigiu diversas montagens. Criou em 1973 a Carroça de Ouro, teatro itinerante que percorreu 17 Estados brasileiros, apresentando-se em praças públicas com peças de caráter popular, Commedia Dell’Arte e teatro vicentino, patrocinado pelo MEC/DAC/PAC. Fundou e dirigiu cursos de teatro. Produziu, dirigiu, adaptou e criou vários textos para o teatro em parceria com outros autores. Toda a sua carreira teve ligação com a poesia, apresentando-se também em recitais para estudantes.

170

A Associação Paulista dos Amigos da Arte (APAA) está à disposição dos detentores de direito de uso de imagem que não responderam às solicitações enviadas ou não foram localizados, por intermédio do tel: 3275 3450.

## Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Neusa Cardoso	13
Abertura	23
O Sinal	39
O Programa	45
Prólogo	63
Ato Único	75
Entreato	99
Epílogo	123
A Comédia É Finita e Infinita	167



## **Crédito das Fotografias**

Todas as fotografias pertencem ao acervo de Roberto Nogueira

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.



## **Coleção Aplauso**

### **Série Cinema Brasil**

#### ***Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma***

Alain Fresnot

#### ***Agostinho Martins Pereira – Um Idealista***

Máximo Barro

#### ***Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino***

Alfredo Sternheim

#### ***O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias***

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

#### ***Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

#### ***Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma***

Rodrigo Murat

#### ***Ary Fernandes – Sua Fascinante História***

Antônio Leão da Silva Neto

#### ***O Bandido da Luz Vermelha***

Roteiro de Rogério Sganzerla

#### ***Batismo de Sangue***

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

#### ***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

#### ***Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida***

Sérgio Rodrigo Reis

#### ***Cabra-Cega***

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

***O Caçador de Diamantes***

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

***Carlos Coimbra – Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

***Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

***Casa de Meninas***

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

***O Céu de Suely***

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

***Chega de Saudade***

Roteiro de Luiz Bolognesi

***Cidade dos Homens***

Roteiro de Elena Soárez

***Como Fazer um Filme de Amor***

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

***O Contador de Histórias***

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

***Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade***

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

***Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade***

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:  
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –  
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

***Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser***

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Desmundo***

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

***Djalma Limongi Batista – Livre Pensador***

Marcel Nadale

***Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro***

Jeferson De

***Dois Córregos***

Roteiro de Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***Os 12 Trabalhos***

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

***Estômago***

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

***Feliz Natal***

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

***Fernando Meirelles – Biografia Prematura***

Maria do Rosário Caetano

***Fim da Linha***

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

***Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil***

Luiz Zanin Oricchio

***Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas***

Celso Sabadin

***Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior***

Klecius Henrique

***Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo***

Luiz Zanin Oricchio

***Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas***

Pablo Villaça

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

***Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir***

Remier

***João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias***

Maria do Rosário Caetano

***Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera***

Carlos Alberto Mattos

***José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina***

Marcel Nadale

***José Carlos Burle – Drama na Chanchada***

Máximo Barro

***Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção***

Renata Fortes e João Batista de Andrade

***Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema***

Alfredo Sternheim

***Maurice Capovilla – A Imagem Crítica***

Carlos Alberto Mattos

***Mauro Alice – Um Operário do Filme***

Sheila Schwarzman

***Máximo Barro – Talento e Altruísmo***

Alfredo Sternheim

***Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra***

Antônio Leão da Silva Neto

***Não por Acaso***

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski  
e Eugênio Puppó

***Narradores de Javé***

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

***Olhos Azuis***

Argumento de José Joffily e Jorge Duran  
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

***Onde Andará Dulce Veiga***

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

***Orlando Senna – O Homem da Montanha***

Hermes Leal

***Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela***

Rogério Menezes

***Quanto Vale ou É por Quilo***

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

***Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar***

Rodrigo Capella

***Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente***

Neusa Barbosa

### ***Salve Geral***

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

### ***O Signo da Cidade***

Roteiro de Bruna Lombardi

### ***Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

### ***Viva-Voz***

Roteiro de Márcio Alemão

### ***Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto***

Carlos Alberto Mattos

### ***Vlado – 30 Anos Depois***

Roteiro de João Batista de Andrade

### ***Zuzu Angel***

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

## **Série Cinema**

### ***Bastidores – Um Outro Lado do Cinema***

Elaine Guerini

## **Série Ciência & Tecnologia**

### ***Cinema Digital – Um Novo Começo?***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

### ***A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual***

Luiz Gonzaga Assis De Luca

## **Série Crônicas**

### ***Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças***

Maria Lúcia Dahl

## **Série Dança**

***Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal***

Sérgio Rodrigo Reis

## **Série Música**

***Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos***

Alfredo Sternheim

***Rogério Duprat – Ecletismo Musical***

Máximo Barro

***Sérgio Ricardo – Canto Vadio***

Eliana Pace

***Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação***

Beatriz Coelho Silva

## **Série Teatro Brasil**

***Alcides Nogueira – Alma de Cetim***

Tuna Dwek

***Antenor Pimenta – Circo e Poesia***

Danielle Pimenta

***Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral***

Alberto Guzik

***Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício***

Org. Carmelinda Guimarães

***Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão***

Org. José Simões de Almeida Júnior

***Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito***

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

***Ilo Krugli – Poesia Rasgada***

Ieda de Abreu

***João Bethencourt – O Locatário da Comédia***

Rodrigo Murat

***José Renato – Energia Eterna***

Hersch Basbaum

***Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher***

Eliana Pace

***Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab***

Adélia Nicolete

***Maurice Vaneau – Artista Múltiplo***

Leila Corrêa

***Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem***

Rita Ribeiro Guimarães

***Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC***

Nydia Licia

***O Teatro de Abílio Pereira de Almeida***

Abílio Pereira de Almeida

***O Teatro de Aimar Labaki***

Aimar Labaki

***O Teatro de Alberto Guzik***

Alberto Guzik

***O Teatro de Antonio Rocco***

Antonio Rocco

***O Teatro de Cordel de Chico de Assis***

Chico de Assis

***O Teatro de Emílio Boechat***

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos***

Germano Pereira

***O Teatro de José Saffioti Filho***

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera  
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –  
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-  
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos  
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona  
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

***Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar***

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –  
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***O Teatro de Sérgio Roveri***

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas  
em Cena***

Ariane Porto

**Série Perfil**

***Analy Alvarez – De Corpo e Alma***

Nicolau Radamés Creti

***Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo***

Tania Carvalho

***Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção***

Alfredo Sternheim

***Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros***

Rogério Menezes

***Berta Zemel – A Alma das Pedras***

Rodrigo Antunes Corrêa

***Bete Mendes – O Cão e a Rosa***

Rogério Menezes

***Betty Faria – Rebelde por Natureza***

Tania Carvalho

***Carla Camurati – Luz Natural***

Carlos Alberto Mattos

***Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício***

Tania Carvalho

***Celso Nunes – Sem Amarras***

Eliana Rocha

***Cleyde Yaconis – Dama Discreta***

Vilmar Ledesma

***David Cardoso – Persistência e Paixão***

Alfredo Sternheim

***Débora Duarte – Filha da Televisão***

Laura Malin

***Denise Del Vecchio – Memórias da Lua***

Tuna Dwek

***Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas***

Reinaldo Braga

***Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida***

Maria Leticia

***Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz***

Erika Riedel

***Etty Fraser – Virada Pra Lua***

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:  
Memória e Poética***

Reni Cardoso

***Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério***

Neusa Barbosa

***Fernando Peixoto – Em Cena Aberta***

Marília Balbi

***Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira***

Eliana Pace

***Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar***

Sérgio Roveri

***Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema***

Maria Angela de Jesus

***Ilka Soares – A Bela da Tela***

Wagner de Assis

***Irene Ravache – Caçadora de Emoções***

Tania Carvalho

***Irene Stefania – Arte e Psicoterapia***

Germano Pereira

***Isabel Ribeiro – Iluminada***

Luis Sergio Lima e Silva

***Isolda Cresta – Zozô Vulcão***

Luis Sérgio Lima e Silva

***Joana Fomm – Momento de Decisão***

Vilmar Ledesma

***John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida***

Neusa Barbosa

***Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão***

Nilu Lebert

***Jorge Loredo – O Perigote do Brasil***

Cláudio Fragata

***José Dumont – Do Cordel às Telas***

Klecius Henrique

***Leonardo Villar – Garra e Paixão***

Nydia Licia

***Lília Cabral – Descobrimdo Lília Cabral***

Analu Ribeiro

***Lolita Rodrigues – De Carne e Osso***

Eliana Castro

***Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa***

Vilmar Ledesma

***Marcos Caruso – Um Obstinado***

Eliana Rocha

***Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária***

Tuna Dwek

***Marisa Prado – A Estrela, O Mistério***

Luiz Carlos Lisboa

***Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição***

Renato Sérgio

***Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão***

Vilmar Ledesma

***Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra***

Alberto Guzik

***Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família***

Elaine Guerrini

***Nívea Maria – Uma Atriz Real***

Mauro Alencar e Eliana Pace

***Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras***

Sara Lopes

***Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador***  
Teté Ribeiro

***Paulo José – Memórias Substantivas***  
Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro  
e Eu Não Sei Ler***  
Eliana Pace

***Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado***  
Tania Carvalho

***Regina Braga – Talento é um Aprendizado***  
Marta Góes

***Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto***  
Wagner de Assis

***Renata Fronzi – Chorar de Rir***  
Wagner de Assis

***Renato Borghi – Borghi em Revista***  
Élcio Nogueira Seixas

***Renato Consorte – Contestador por Índole***  
Eliana Pace

***Rolando Boldrin – Palco Brasil***  
Ieda de Abreu

***Rosamaria Murtinho – Simples Magia***  
Tania Carvalho

***Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro***  
Nydia Licia

***Ruth de Souza – Estrela Negra***  
Maria Ângela de Jesus

***Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema***  
Máximo Barro

**Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes**

Nilu Lebert

**Silnei Siqueira – A Palavra em Cena**

Ieda de Abreu

**Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte**

Vilmar Ledesma

**Sônia Guedes – Chá das Cinco**

Adélia Nicolete

**Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro**

Sonia Maria Dorce Armonia

**Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?**

Maria Thereza Vargas

**Stênio Garcia – Força da Natureza**

Wagner Assis

**Suely Franco – A Alegria de Representar**

Alfredo Sternheim

**Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra**

Sérgio Roveri

**Theresa Amayo – Ficção e Realidade**

Theresa Amayo

**Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza**

Tania Carvalho

**Umberto Magnani – Um Rio de Memórias**

Adélia Nicolete

**Vera Holtz – O Gosto da Vera**

Analu Ribeiro

**Vera Nunes – Raro Talento**

Eliana Pace

**Walderez de Barros – Voz e Silêncios**

Rogério Menezes

*Walter George Durst – Doce Guerreiro*

Nilu Lebert

*Zezé Motta – Muito Prazer*

Rodrigo Murat

## **Especial**

*Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso*

Wagner de Assis

*Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta*

Elmo Francfort

*Beatriz Segall – Além das Aparências*

Nilu Lebert

*Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos*

Tania Carvalho

*Célia Helena – Uma Atriz Visceral*

Nydia Licia

*Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos  
Musicais*

Tania Carvalho

*Cinema da Boca – Dicionário de Diretores*

Alfredo Sternheim

*Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira*

Antonio Gilberto

*Eva Todor – O Teatro de Minha Vida*

Maria Angela de Jesus

*Eva Wilma – Arte e Vida*

Edla van Steen

*Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

Álvaro Moya

***Lembranças de Hollywood***

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

***Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida***

Warde Marx

***Mazzaropi – Uma Antologia de Risos***

Paulo Duarte

***Ney Latorraca – Uma Celebração***

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias  
Gomes – História de um Personagem Larapista e  
Maquiavelento***

José Dias

***Raul Cortez – Sem Medo de se Expor***

Nydia Licia

***Rede Manchete – Aconteceu, Virou História***

Elmo Francfort

***Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

***Tônia Carrero – Movida pela Paixão***

Tania Carvalho

***TV Tupi – Uma Linda História de Amor***

Vida Alves

***Victor Berbara – O Homem das Mil Faces***

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem  
Indignado***

Djalma Limongi Batista



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Nogueira, Roberto

A carroça do sonho e os saltimbancos: memória da carroça de ouro / Roberto Nogueira – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

196p. : Il. – (Coleção aplauso. Série teatro / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 978-85-7060-937-3

1. Crítica teatral 2. Carroça de Ouro (Grupo de teatro) 3. Teatro – História e crítica 4. Muralha, Fernando I.Ewald Filho, Rubens. II.Título. III. Série.

CDD 809.2

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Carroça de Ouro : Grupo de teatro :  
Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização  
prévia do autor ou dos editores

Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal

Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 Mooca

03103-902 São Paulo SP

[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)

[livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)

SAC 0800 01234 01

[sac@imprensaoficial.com.br](mailto:sac@imprensaoficial.com.br)

## **Coleção Aplauso Teatro Brasil**

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Ana Lúcia Charnyai Fátima Consales
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Simone de Marco Rodrigues

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m<sup>2</sup>

Papel capa: Triplex 250 g/m<sup>2</sup>

Número de páginas: 196

Editoração, CTP, impressão e acabamento:  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

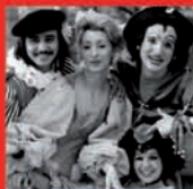
Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)



Este é livro diferente, não é uma simples mas o resgate da história de uma companhia teatral, subvencionada pelo estado com característica de grupo que permaneceu em cartaz por 30 anos consecutivos.



Um trabalho de pesquisa inédito de Roberto Nogueira, baseado no material existente, com depoimentos colhidos especialmente para esta empreitada que relembra um dos momentos mais interessantes do teatro de rua, um teatro itinerante que se apresentou em diversas capitais e interior de São Paulo. A exposição e as dificuldades do teatro de rua por três décadas, um documentário vivo. Um sonho que deu certo e que precisava ser contado. Um espetáculo que começava com a simples chegada da carroça a uma rua ou praça de um bairro qualquer, um palco desmontável que apresentava resultados de alta qualidade, o ouro de nossa cultura.



A Carroça do Sonho e os Saltimbancos foi escrito e pesquisado por Roberto Nogueira, ator e diretor formado pela EAD/ECA/USP, participante de diversas montagens teatrais, como: *Marat-Sade* de Peter Weiss, *Divinas Palavras* de Valle Inclan, *A História Geral das Índias* de José Vicente de Paula, *Frei Caneca* de Carlos Queiroz Telles, e outros, que com uma equipe de atores e técnicos, mergulharam na aventura do teatro paulista, agora, com justiça, ganha o seu devido reconhecimento com este volume da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**. A história de uma antiga carroça de lixo puxada por burros nos anos 1950, abandonada nos depósitos da prefeitura, se transforma nos anos 1970, num palco sofisticado capaz de levar cultura aos lugares mais inusitados do país. Um sonho que foi crescendo, fomentando o teatro de rua, levando o povo às praças em tempos tão difíceis.



ISBN 978-85-7060-937-3



9 788570 460937